O LIVRO dos SOBRENOMES CELTAS

MAIS DE 500 SOBRENOMES BRASILEIROS, GALEGOS, PORTUGUESES, ITALIANOS E CASTELHANOS QUE PODEM TER ORIGEM CELTA. O SEU PODE ESTAR NA LISTA.

DUBRODUNO

ÚRKÓ
ní chríochnaíonn an saol

O Livro dos Sobrenomes Celtas

Com
mencións aoS Alencares, LimaS, MaTTos e Sás
e oVtros apElidos galegos
que vns aCordaN ter anTiquisima raIz celta
mEntres ovtroS dIscordaN

Edição Revisada

São Paulo
DubroDuno
2019

Edição revisada e ampliada:
Mais de 600 sobrenomes da Galiza, Portugal, Brasil, Itália e França
que possivelmente têm origem no idioma celta,
portados hoje por cerca de 21 milhões de pessoas.
Você pode ser uma delas.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-65-900174-2-0

ní chríochnaíonn an saol

Copyright © 2019 J. Sobota
Todos os Direitos Reservados

O copyright da capa deste livro
é do autor. O copyright das fotos é de seus autores.
contate o autor em https://urko.shop/contato/
Capa: Guerreiro celta galaico, como os que viviam na Galiza.
O capacete é típico galaico, baseado no achado
arqueológico de Lanhoso. A espada com seu punho típico é baseada
nas espadas de bronze galaicas. O torque (colar de metal torcido)
é sinal de nobreza. Feito de ouro pesam até 1kg. Baseado no
Torque de Burela encontrado na Galiza.
A pulseira (viria) também era de metal
torcido, sinal de nobreza.

O Livro dos Sobrenomes Celtas
/ J. Sobota. – Frankfurt, 2019.
196 f. 2019. 1. Galiza. 2. Sobrenomes.
3. Galaicos. 4. Etimologia.
5. Celtas.

Índice

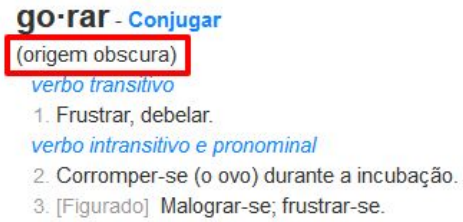
Prólogo
Parte 1 Glossário
É Bom Saber Isto
Glossário
Parte 2 Os Celtas Galaicos e os Galegos
  Os Galegos
  Os Galaicos
  As 13 Tribos Galaicas que não Eram 13
  A Música Galaica
  A Evolução do Galaico até o Português
  A Nobreza Galega e a Formação de Portugal
  Payo Peres Correa o galego que viabilizou Portugal
  Descobrindo o Brasil ao som da Música Galega
Epílogo
  Índice de Sobrenomes

Prólogo

Lá fora está chovendo. Você está curtindo uma *modorra* deitado no sofá da sua casa, tentando ver televisão. É do protocelta *mutorra* que significa *sem lucidez,* ou seja, *sonolento*. E na TV mostram um indivíduo que é a *escória* da sociedade, de tão ruim que é. *Escória* vem do celta *skauria*, que significa *resto, rejeito*. Você muda de canal e passa uma reportagem sobre o rio *Reno*, na Alemanha. *Rhenos* nos idiomas celtas é *(grande) rio*.

Depois de um tempo, a televisão não passa mais nada interessante. Você olha pela janela, se espreguiçando no sofá. A chuva agora está forte, um *toró*. É provável que veio do protocelta *torano*, que significa...*trovão*. Sua bela casa, na verdade você mora num sítio, é recém construída. O *toró* faz com que você fique preocupado com a *laje* dela, será que vai ter vazamento? *Laje* pode ter etimologia no celta *lagena*, que significa *lâmina* ou *placa* (de pedra, de metal).

Mas aí bateu uma fome. É difícil levantar do sofá, mas a barriga reclama. Tem ovos na geladeira. Que tal uma omelete? Fácil de fazer. Mas quando você quebra os ovos, vê que estão todos *gorados*. Que pena. A culpa é da palavra celta *gwor,* também usada até hoje no País de Gales, *gori*, e na Bretanha, *gorin*. *Gwor* em celta significa...*ovo choco, ovo gorado*. Mas, no dicionário[1] vemos:


go·rar - Conjugar
(origem obscura)
verbo transitivo
1. Frustrar, debelar.
verbo intransitivo e pronominal
2. Corromper-se (o ovo) durante a incubação.
3. [Figurado] Malograr-se; frustrar-se.

Para você, não importa a origem obscura de *gorar* que na verdade é clara nos idiomas celtas. O que importa é encontrar algo para comer. Felizmente há salgadinhos no armário: *castanhas* de caju. E

você abre uma garrafa de vinho do vale do rio *Douro*. Do celta *dworios*, que significa *água escura*. Aos goles desse ótimo vinho, você come aos punhados *castanhas* de caju salgadas. Estão boas, saborosas e vem do celta *kastania*, que significa o fruto da castanheira europeia que comemos assadas ou cozidas no Natal. A chuva parou de repente. *Toró* é assim mesmo. O dia já está ensolarado de novo. Feliz e se não de barriga cheia pelo menos contente por causa do vinho, você calça botas, sai de casa e vai até o *curral* de seu sítio. Os dicionários juram que *curral* vem do latim ou tem origem controversa:

Dicio Online: Etimologia (origem da palavra curral). De origem discutível; talvez no latim currale, curralis, currus.
Dicionário Priberam: Origem controversa.
Dicionário Michaelis: Etimologia no latim vulgar curralem, como o espanhol corral.

Mas, *curral* vem do celta *kurro*, que significa *canto*. O latim vulgar copiou essa palavra dos idiomas celtas. No seu *curral* a *tranca* do dito cujo não abre. E aí você nota que seus bois haviam saído do *curral* pela porteira de trás. Devem ter se *embrenhado* no mato do *morro* atrás de sua propriedade. *Embrenhar* vem do celta *bragna* (galego *branha*) que significa *lugar alto e de acesso difícil*. *Morro* provavelmente é palavra celta, em latim vulgar significa *focinho, bico,* ver **Morronho**. E *bico* (de ave, *pico* de montanha) vem do celta *bekko*, que é *ponta*. Mas, cadê seus bois? Será que foram para a *várzea* na *beira* do rio? *Várzea* do celta *bargena* (lugar baixo). *Beira* do celta ou ibero *ber* (rio). Você está num *beco* sem saída, do celta *bekko* (bico) pois o *beco* tem forma de *bico*. E se algum de seus bois despencou num *barranco*, do celta *barroanko* (lugar alto em forma curva)? Bom, seus bois já devem estar a quilômetros dali, ou como os antigos diziam a *léguas* dali, do celta *leuka*. Quem sabe invadiram o sítio do seu vizinho, o *Barroso*, pois boi acha que toda grama do outro lado da cerca é mais gostosa. *Barroso* vem do celta *barrosion*, que significaria l*ugares altos*.
Você para de *matutar* sobre seus bois e vacas que foram para o *brejo*. Do celta irlandês *braich*, bretão *braguez*, que significa *malte*,

ou seja cereal encharcado para brotar (maltar). E o *brejo* é encharcado mesmo! *Matutar*, que não se sabe a etimologia, talvez viria do celta *mando*, que significa *pensar*? Mas, o raio da *tranca* do curral que não abre. Isso lhe deixa nervoso e sem saber que *tranca* vem do celta *tarankyo* que significa *pino de metal que prende* (algo)[2], você pega um *calhau* do chão e bate na *tranca* para tentar abri-la. Não adianta. E olha que *calhau* deriva do celta *callao*, que significa *pedra lisa*. Seu sítio está em Minas Gerais, onde qualquer pessoa entre 3 a 130 anos de idade é chamado de *menino*. Por isso, é assim que você pensa: tudo é culpa daquele *menino*, o *Camargo*, que instalou errado esta *tranca*! *Menino* vem do celta *menno*, que significa *rapaz*. O sufixo celta *-in* é diminutivo. *Mennoin* (*mennín)* significa *pequeno rapaz*. *Camargo*, do celta *gennmark* que é *local de criação de cavalos*, da região de Camargo (Cantábria, Espanha) e também na Camargue francesa. Você continua nervoso porque não consegue des*trancar* a porteira. E ainda notou que o telhado do *curral* está com uma *verga* meio solta, do celta *wraga* que é construção de paus trançados. Precisa chamar um *carpinteiro*, do celta *karpentyo*, que significa aquele que *trabalha a madeira*, para consertar essa *verga*. O *Araújo* é bom carpinteiro, ele vai dar um jeito nisso. *Araújo* do celta *aradusion*, que é *altar*. Leia o Livro Ancestral dos Araújo. Só lhe resta voltar para sua casa. Mas, felizmente você tem boas rendas de seu trabalho. Então, depois de telefonar para o *carpinteiro* e dar uma *bronca* via Whatsapp naquele *menino*, o *Camargo,* resolve tirar umas férias para desestressar. *Bronca* vem do celta *brokku*, que é *raiva*. Você compra um pacote de viagem na Internet. Arruma sua mala: coloca nela suas *camisas* preferidas, do celta *kamisia* que significa uma vestimenta que cobre o tórax e que era amarrada com cadarços ao peito. Uma delas é de *cambraia*. Fica elegante no corpo e você não imagina que vem do celta *komrhydd* que significa *vau de rio*, a cidade de Cambrai (França) que originou o nome desse tecido fica à beira de um *vau (passagem) de rio*. Cambridge, na Inglaterra, também.

Aliás, se você usa hoje calças e camisas, é por causa dos celtas que as usavam. Se não fossem eles, todos os homens estariam andando de toga ou saiote romano. Seria diferente. Enfim, com a mala pronta, você põe tudo no seu carro, do celta *karro* que significa

carreta, carro de guerra. [3] Embora o seu carro seja moderno, é claro, e chique no último e seja da paz. E, finalmente, boa viagem! Mas, espere aí! Não esqueça de avisar seu ajudante, o *Beltrão*, que você está indo viajar. Do celta *beltrann*, que significa *consagrado ao deus-sol Bel*. Ele precisa tomar conta do seu sítio. O deus-sol Bel? Não. O Beltrão. Se bem que um pouco de *bel* (sol) depois do *toró* sempre ajuda a lavoura.

Muitas dessas palavras em *itálico* estão indicadas em dicionários como tendo "origem obscura" ou talvez origem no latim vulgar. Mas, por que essas palavras obscuras seriam celtas? Vamos juntos fazer uma conta de padeiro: em seu apogeu no ano 164DC, o Império Romano ocidental (latino) tinha cerca de 34 milhões de habitantes. Destes, cerca de 14 milhões eram povos celtas[4] que viviam na Gália (França) e Ibéria (península Ibérica, hoje Portugal, Galiza e demais nações ibéricas). Quantos romanos viviam nessas regiões conquistadas? Seriam algo entre algumas centenas de milhares até, talvez, um milhão de administradores romanos, autoridades, tropas romanas e colonos. Se essa proporção for correta, cada romano estaria vivendo submergido num mar de 14 mil celtas. Todos sabem que o latim clássico falado em Roma foi se misturando aos idiomas nativos ao longo dos séculos, originando o latim vulgar. Desse latim vulgar, originaram-se os idiomas romances que falamos hoje: o galego (e dele se originou o português), o castelhano, francês e outros. Quais eram esses idiomas nativos com os quais o latim clássico se misturou? Na península ibérica e França, eram os idiomas celtas locais, entre os quais o gaulês (França) e o galaico (na Galiza). Por isso, quando falamos em "latim vulgar" nessas vastas regiões do Império Romano, estamos falando de "latim misturado com idioma celta."
E, como o latim vulgar era uma mistura de latim clássico com idiomas celtas, os idiomas derivados desse latim vulgar, inclusive o galego medieval e seus filhos o galego moderno e o português, possuem uma herança linguística celta mais forte do que os dicionários atuais costumam reconhecer.

“Por mais de um século, arqueólogos vinham publicando um grande número de descobertas que podem ser ligadas aos Celtas. No entanto, esse mesmo entusiasmo por todas as coisas relacionadas aos Celtas, resultou numa reação nos anos 1990. Alguns arqueólogos desesperados produziram livros nos assegurando que não existia algo que podia ser (chamado de) Celta...mas os estudos genéticos, que avançam rapidamente, abrem novas visões sobre quem eram os Celtas e de onde vieram. Historiadores traçam novas narrativas...através da genética, arqueologia, história e linguística.” – The Blood of the Celts, por Jean Manco, 2013.

Quando pensamos nos povos e cultura celtas, logo nos veem à mente países como Irlanda, Escócia e Bretanha, bandas de gaitas de fole, os kilts – saios com tartans (tecido xadrez) - e pessoas que têm sobrenomes como MacCormick, O’Brian e outros. Na música, lembramos de conjuntos como The Chieftains, The Corrs, e cantoras como Enya e suas músicas baseadas no misticismo celta. Muitos consideram que existem seis nações celtas: a Irlanda, a Escócia, a Cornualha, o País de Gales, a Ilha de Man – todas localizadas nas ilhas do Mar do Norte, mais a Bretanha, no continente europeu, na França. Mas, outro país tem uma forte herança celta também: a Galiza. Desde o ano 406DC foi um reino independente e rico. Por volta de 1230 foi incorporado na coroa da Espanha e desde 1831 é uma das nações do estado plurinacional espanhol. Da Galiza nasceu Portugal em 1143 e de Portugal o Brasil em 1822. Do idioma galego medieval, filho do latim vulgar e primeiro idioma lusófono na história, nasceu o português que falamos hoje. Na Galiza e Norte de Portugal durante cerca de 1.500 anos até os anos 400 da era cristã viviam os galaicos, um povo celta como os irlandeses, escoceses, bretões e demais. A Galiza é o sétimo país celta da Europa.
Seu idioma celta, o galaico, resistiu no norte da Galiza até por volta dos anos 900DC. Depois se extinguiu.[5] O celta falado na Ilha de Man e o da Cornualha, que se extinguiram no século 18, agora estão sendo revividos por entusiastas. País de Gales, Bretanha, Escócia e Irlanda tem idiomas celtas vivos.

Quando se originaram os sobrenomes na Europa? No ano 1400 a maioria do povo já tinha sobrenome.[6] A adoção de sobrenomes havia se iniciado nos anos 1200 ou pouco antes, dependendo de cada país. O idioma galego medieval foi falado em Portugal até o fim dos anos 1300, depois originou o português. Através do galego medieval alguns sobrenomes modernos galegos, portugueses e brasileiros podem ter etimologia em toponímia celta galaica ou em palavras desse idioma celta galaico.

Fruto da onda de estudos clássicos durante os séculos 18 a 19, alguns dicionários até hoje parecem ter parado no tempo há duzentos anos atrás ao buscar a origem de todas as palavras portuguesas no latim ou no grego. Alguns mencionam alguma etimologia germânica, vinda dos povos invasores que destruíram o Império Romano. Mas, tanto os romanos como os germânicos que andaram pela península ibérica, foram em pouco número, ao contrário dos 14 milhões de celtas e depois celtas romanizados que lá viviam. Apesar dessa realidade, os dicionários não vão mais além, não estudam as raízes celtas que junto com o latim originaram muitas palavras.

Por exemplo: é cômico atribuir *tovar* ao latim *tofu* (pedra) quando se tem o celta *to-var*, que significa *à beira do rio* (o que é o caso da cidade de Tobar na Espanha, à beira do rio Hormenzuela). Mas é isso que o Real Dicionário da Academia Espanhola (2019) faz, atribuindo *tofu* como origem do nome *tovar*. Essa negação da influência celta, qualquer que seja sua razão, deve terminar.
É necessário se libertar das amarras mentais do latim e grego, que são idiomas importantíssimos, mas não são os pais de tudo nos idiomas galego e português (e castelhano, catalão, provençal, francês, etc.) Quem sabe um dia os editores de dicionários se unirão aos pesquisadores e filólogos de idiomas celtas ibéricos para melhorar as informações etimológicas sobre as raízes celtas do português e desses outros idiomas acima citados.

Na busca da etimologia de alguns sobrenomes galegos, portugueses e brasileiros, temos a opção de origem no idioma celta galaico que marcou fortemente a toponímia galega e o latim vulgar

falado na Galiza. Sim, por que cada idioma celta (o galaico na Galiza, o gaulês na França e outros) impactou de modo diferente o latim falado nas suas regiões. Essa origem celta pode ser bem evidente em alguns sobrenomes. Em outros não.

Mas, estamos escrevendo sobre um idioma que se extinguiu há cerca de 1.100 anos atrás sem deixar lá muita escrita. Por isso, os renomados filólogos que o estudam não podem oferecer certezas mas propostas de reconstrução de um idioma. Cito um exemplo: a palavra celta *katto*. Lembra *gato*, não? Pois é isso mesmo que significa: *"A palavra 'gato' nos idiomas europeus é emprestada de alguma fonte norte africana (idioma núbio kadis). Nos idiomas celtas, o intermediário (entre a origem num idioma norte africano e o idioma celta) pode ter sido o latim, mas isso não pode ser provado."*[7]
Chamo a atenção para o que esse renomado filólogo escreveu: não pode ser provado. É uma suposição. Do mesmo modo, este livro é baseado em fontes etimológicas das melhores existentes hoje, mas são hipóteses, reconstruções de palavras, que em alguns casos foram atestadas mediante registros e documentos, e em outros não.

Por isso, a intenção deste glossário é abrir os olhos do leitor para essa *possibilidade* de etimologia num idioma celta, ao invés do latim ou grego ou da famosa "origem obscura" ou o genérico "palavra pré-romana". Temos que acabar com esse automatismo: é pré-romano? Então o significado é obscuro.
Para mim, não importa se um sobrenome tem 8 ou 800.000 portadores, procurei o máximo de informações e dediquei-me ao máximo para refletir sobre cada um deles para que cada um de vocês, meus leitores, se sintam valorizados. No caso de verbetes mais curtos, ou não encontrei mais referencias ou estão em vias pesquisa para futuras edições deste livro.

Quanto às propostas deste livro, *sempre reforço que cabe atesta-las*. Essa atestação se faz mediante pesquisa em documentos da Idade Média que comprovem a evolução desses sobrenomes. É um trabalho longo, tedioso e complexo. Por exemplo: o município de Valdelugueros, na Galiza. Muitos apontam etimologia em Lugh, o deus celta do sol. Mas documentos da Idade Média atestam que

veio de...*lobo*! Vejam: *loborios(1189)>lebieros(1303)> ualdelobueros(1498)>valdelugueros* que é o nome do município. Que mudança! Vejam o caso do sobrenome Bustamante, que muitos pensam vir do latim *bustum* (cremar) quando é bem mais provável que venha do celta galaico *boustom* (fazenda leiteira). Os interessados, se desejarem uma pesquisa mais profunda de seu sobrenome a partir do que leram neste livro, contatem-me através do formulário em https:/urko.shop/contato que também serve para enviar suas sugestões e pedir correções. Uma pesquisa profunda poderá confirmar a etimologia celta ou não, e sendo este último caso, o nome será também mantido neste livro, para fins de referência futura.

Sobre eventuais erros gramaticais e similares, o livro foi totalmente idealizado, planejado, escrito e revisado por mim, o que certamente deixa escapar erros. Toda indicação de correções é muito bem ~~vida~~ vinda.

Espero que você tenha bons momentos de leitura, descobrindo o possível significado de seu sobrenome e o de seus amigos.

DubroDuno
Junho de 2019

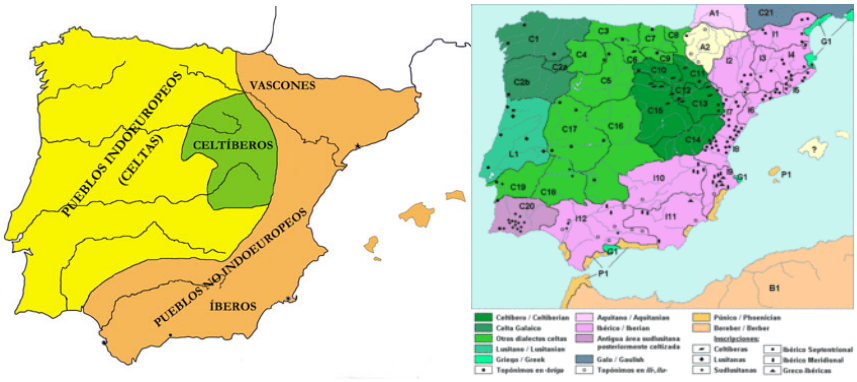
Parte 1
Glossário

Introdução
ao Glossário
É Melhor Ler Isto

Os celtas habitaram extensas áreas da Europa. Por isso, muitos topônimos na península Ibérica, França, Itália, Inglaterra, Irlanda Escócia, Bélgica e mesmo Alemanha, Suíça e Europa Central, podem ser de etimologia celta. Embora procuremos focar na Galiza e nos celtas galaicos que lá viveram durante cerca de 1.500 anos ou por aí, o glossário a seguir não é indicação de origem étnica ou origem regional do portador de tais sobrenomes. Por exemplo, o sobrenome Bolo ocorre na Galiza, mas não só nela. Sua raiz é no protocelta *volo*, que significa *altura* ou *alto*. Mas o sobrenome Volo, que tem essa mesma raiz, é oriundo da Itália, pois lá também viviam celtas no norte da bota italiana. A etimologia do sobrenome é a mesma, mas a origem regional e étnica é diferente. Parte dos sobrenomes foi adotado pelas pessoas em séculos passados a partir de algum acidente geográfico ou nome de povoado. Assim sendo, o fato que alguns de nós tenhamos sobrenomes de etimologia celta, não significa que tenhamos origens étnicas celtas.

Por exemplo: o sobrenome Lugo originou-se da cidade de mesmo nome na Galiza. Mas nem todos que portam esse sobrenome podem ser descendentes de etnia nativa daquela região, pois pela Galiza também andaram romanos e germânicos (suevos e godos) em séculos passados. O leitor poderá verificar por si mesmo através de estudo de sua genealogia suas origens nacionais, se tiver interesse, e comprovar a origem nacional de sua família. Para mostrar ao leitor o foco deste livro, a seguir estão dois mapas. Também esses mapas não são unanimidade entre os pesquisadores.
Mas, é o melhor que se sabe hoje em dia e assim evitamos entrar em mais detalhes complexos que não vão agregar nada ao leitor

neste momento.



O mapa à esquerda mostra as áreas onde viviam os celtas (Céltica, amarelo) e os celtiberos (Celtiberia, verde). Os celtiberos eram uma miscigenação entre os povos celtas e iberos. Os iberos não eram povos de etnia indo-europeia, os celtas eram indo-europeus. Os iberos viviam desde há milhares de anos (não se sabe desde quando) na Península Ibérica. Por volta dos anos 2000AC-1500AC, houve a migração celta que empurrou os iberos para o sul e para os montes Pireneus.

Idiomas celtas vs Idioma iberos. No mapa à direita, a cor verde em seus vários tons mostra onde eram falados idiomas celtas nessa região. A cor rosa representa os idiomas iberos. A distribuição étnica do mapa à esquerda confere quase que totalmente com a dos idiomas no mapa à direita. No sul do que é hoje Portugal (Algarve), o povo era de etnia celta mas falava idioma ibero (pré-celta) – ainda há discussões entre acadêmicos sobre este último ponto, alguns afirmam o contrário. Os celtas galaicos viviam na área verde escura à esquerda e acima. Eles eram um dos povos celtas da península Ibérica. Lá viviam cerca de 44 clãs celtas, cada um com seus costumes um pouco diferenciados do outro, porém acredita-se que falando um idioma ainda comum, que ainda não havia se separado em vários dialetos diferentes.
Essa área corresponde hoje ao Norte de Portugal acima do rio Douro até a Galiza, e à direita parte do que hoje é a província de Astúrias no reino plurinacional espanhol. Os romanos chamavam essa região de Galaécia (Gallaecia, terra dos celtas galaicos). Logo abaixo dessa área verde escura à esquerda, está o que os romanos

chamavam de Lusitânia, que é a região entre o rio Douro para baixo mais ou menos até a altura da cidade portuguesa de Beja. Abaixo disso, em cor rosa eram povos pré-celtas (iberos) que falavam outro idioma diferente do celta.

As várias Etnias Celtas. Nessas áreas verdes se falava o idioma celta, mas não se pode dizer que existia uma etnia celta igual em todas elas. Haviam povos iberos mestiços com os celtas, os celtiberos, e que falavam idioma celta. Mais ao sul na região de Cádiz haviam povos iberos que falavam um idioma ibero que tinha boa parte de seu vocabulário celta, mas a estrutura gramatical era ibera. As descrições do aspecto físico dos celtas variam: altos, de olhos azuis e cabelos ruivos, parecidos com aqueles que hoje vivem em certas regiões mais ao norte da Irlanda e Escócia, até outros que tinham cabelos negros e encaracolados. Todos eles falavam idiomas celtas, mas suas origens étnicas eram diferentes. Principalmente nessas áreas verdes em toda a península Ibérica é que se encontram os topônimos de origem celta que podem ter originado vários ou muitos de nossos sobrenomes e também palavras de nosso uso diário. Os lusitanos eram celtas ou não? Minha opinião é que eram celtas, e assim são citados em algumas fontes gregas e romanas. Estudos recentes de DNA parecem tender para essa opção, mas ainda há o que pesquisar.

O Pai da Lusofonia. Focamos, sempre que possível, nas áreas onde habitavam os celtas galaicos na Galiza pelo motivo que foi da mistura entre o celta galaico e o latim que se originou o galego medieval e dele o português. Iremos buscar algum paralelo etimológico em outro país onde também habitavam os celtas. Na Galiza, marcada com um círculo azul no mapa à direita, é que nasceu a lusofonia, através do idioma galego medieval.
No ano 406DC os invasores germânicos suevos fundaram o primeiro reino independente do Império Romano e da Europa Ocidental: o Reino da Galiza. A elite governante era germânica, mas o povo era celta galaico com misturados a romanos. O idioma celta galaico continuou sendo falado até cerca do ano 900DC, mas já muito misturado com vocabulário e gramática latinas. Por volta do ano 900DC, essa mistura de latim e celta galaico que seria chamado

de galego medieval, começou a aparecer em registros e documentos. No ano 1143 o que era o sul do Reino da Galiza entre os rios Minho e Douro, se tornou independente com o nome de Reino de Portugal. No Reino de Portugal se falava o galego medieval até o fim dos anos 1300. Durante os anos 1400 o galego medieval originaria o idioma português, cuja primeira gramática foi publicada no ano 1536 por Fernão de Oliveira. Portanto, o português não é a última flor do Lácio (província romana), mas o primeiro filho do galego medieval.

De onde vieram os Celtas: historicamente, pesquisadores mantinham a hipótese de que os celtas teriam se originado na Europa Central (Áustria, sul da Alemanha e Suíça) e dali teriam emigrado e ocupado todas as terras mais ao sul, como a França, norte da Península Ibérica (Portugal, Galiza, Astúrias) e depois as Ilhas no Mar do Norte (Inglaterra, Escócia e Irlanda). Durante décadas, isso se tinha quase como um dogma. Mas como muitos desses dogmas acadêmicos, está sendo agora desconstruído através de modernas pesquisas genéticas que forçam a reinterpretação de achados arqueológicos. A nova proposta, avançada pelos cientistas John T. Koch e Barry Cunliffe em seus livros Celts from the West (edições 1, 2 e 3), indica que os celtas na verdade seriam originários do Noroeste da Península Ibérica, ou seja da Galiza, e dali emigraram na conquista de terras na península, na França, Áustria, norte da Itália e ilhas do Mar do Norte. A Galiza e regiões próximas teriam sido então o berço da civilização celta no continente europeu. Isso explicaria por que o gene de tolerância à lactose na idade adulta se espalhou a partir da Irlanda e Escócia para o continente europeu, vide **SILVANO** para maiores detalhes e mapa genético dessa característica do corpo humano.

Possibilidades e não Certezas. Os dicionários utilizados para obter a raiz celta dos sobrenomes listados neste livro são *reconstruções* desse idioma antiquíssimo chamado *protocelta,* falado por volta do ano 1.000AC (alguns propõem que desde o ano 2.000AC). Esses dicionários estão todos totalmente certos? Claro que não. Há ainda

muita divergência entre um e outro autor. Há muito o que descobrir, corrigir e aprender. Por isso, nós também neste livro não podemos afirmar com certeza absoluta que cada um dos sobrenomes listados tem possível origem no idioma celta galaico que era falado na Galiza. Apenas apontamos possibilidades. A comprovação dessas possibilidades na maioria dos casos é muito difícil por que existem poucos registros escritos dos idiomas celtas e quando existem normalmente nos foram transmitidos através do idioma latim e antes dele através do grego, o que pode causar deturpações na raiz celta original.

As Filipinas e outros Países-"Museus". Esse pais foi colônia espanhola durante 300 anos. Quando pesquisamos sobrenomes ibéricos por meio de um motor de busca, encontramos muitos nesse país. Porém, até o ano 1849 não havia um sistema consistente de atribuição de sobrenomes nas Filipinas. Antes do cristianismo, os filipinos não usavam sobrenomes. Durante o processo de conversão, no batismo era atribuído ao batizado um sobrenome de livre escolha. Podia ser o nome de algum filipino reconhecido na região ou na história daquele país. Podia também ser o nome de algum santo cristão ou o sobrenome de algum padrinho espanhol ou filipino já batizado. Era comum que na mesma família o pai, a mãe e os filhos tivessem sobrenomes diferentes: o pai se chamaria Paulo da Cruz, a mãe Maria dos Anjos e a filha teria o sobrenome Andrade. Muitas vezes, não se respeitava a transmissão de sobrenome familiar ao batizado. Isso causava problemas ao governo colonial espanhol, dificultando o controle dos cidadãos. Por essa razão, no ano de 1849 o então governador-geral espanhol Narciso Clavería y Zaldúa (1795-1851) escreveu uma lista de sobrenomes intitulada El Catálogo Alfabético de Apellidos com sobrenomes espanhóis e nativos das Filipinas, mas também chineses, catalães, bascos, italianos, franceses e ingleses.
O governador-geral Clavería y Zaldúa decretou que cada cidadão filipino deveria adotar um desses sobrenomes listados. Essa lista de sobrenomes circulou por todas as Filipinas e serviu de base para registrar sobrenomes que existem até hoje. Há caso atestado em que um filipino cujo nome de batismo era Mariano de los Ángeles e

no atestado de óbito consta como Mariano Nágera. Mariano nunca teve ascendência em nenhuma família espanhola de sobrenome Nágera. Ele apenas foi obrigado a adotar um sobrenome em 1849 por causa do decreto de Clavería y Zaldúa. Por essa razão, a pesquisa genealógica nas Filipinas é complexa e na maioria dos casos impossível. Mas, o que isso afeta este livro? É que esse catálogo escrito pelo governador-geral Clavería y Zaldúa preservou no tempo sobrenomes ibéricos típicos que eram usados no seu tempo mas hoje se encontram extintos. Isso explica por que sobrenomes de raiz celta (europeia) ocorrem nas Filipinas. É o caso por exemplo do sobrenome Tebranca, provavelmente do celta *trebanko*, onde vemos a raiz *tre* (*três* ou *através*) ou *treba* (*tribo, clã*) e o sufixo celta *-anko* cujo significado os filólogos ainda não encontraram mas que como todo sufixo atribui uma qualidade à palavra que o precede (*treba*). Esse sobrenome Tebranca só existe nas Filipinas (2014). Na origem na Galiza, já se extinguiu. Também houve emigração de colonos e administradores da Península Ibérica para as Filipinas e com isso viajaram seus sobrenomes respectivos, mas esses foram em número relativamente reduzido. Três outros países são uma verdadeira "reserva natural" que preserva sobrenomes ibéricos antigos: a Venezuela, e em menor número a Colômbia e México.

As Emi-Imi-Migrações. Houve forte emigração galega para esses países e Américas em geral. Obviamente, a emigração impactou fortemente na quantidade de sobrenomes que existem num ou no outro país. Há casos em que os sobrenomes no país de origem desapareceram totalmente, enquanto que vicejam aos milhares no país de destino da emigração. Vemos muito isso entre os países ibéricos e as Américas, entre América Latina e os EUA, entre os países ibéricos e a França (1600-2000). Durante a reconquista (711-1492) houve a descida dos colonos ibéricos do norte rumo ao sul.

Toponímia Latino-americana. Com relação aos sobrenomes latino-americanos, haveria que estudar a toponímia local de cada um desses, pois durante a colonização ela foi sendo denominada com nomes do país de origem. O assunto é extenso, não cabe neste livro. Mas, por exemplo, uma das províncias do México era chamada

Nova Galícia e no Chile havia uma ilha onde viviam tantos emigrantes galegos que também se chamava Nova Galícia (Ilha Grande de Chiloé). Os galegos sempre foram um povo desbravador. Eles foram um dos mais importantes motores da Reconquista ibérica no que hoje é a Espanha e Portugal. Depois, participaram significantemente nas Descobertas coloniais. Recentemente, a emigração galega teve a ver com a repressão política, cultural e econômica imposta pelos castelhanos contra os galegos entre os anos 1490 e 1800s, os chamados Anos Escuros da Galiza.

Ilhas Estrangeiras num Oceano Celta. Gostaria de reforçar o que já citei no Prólogo deste livro. Em seu apogeu no ano 164DC, o Império Romano do Ocidente (latino) tinha cerca de 34 milhões de habitantes. Destes, cerca de 14 milhões eram povos celtas[8] que viviam na Gália (França) e Ibéria (península Ibérica, hoje Portugal, Galiza e demais nações ibéricas). Isto é, os povos celtas representavam 41% do total da população do Império e eram maioria absoluta nas regiões citadas acima. As legiões romanas no apogeu do Império eram apenas 28. Dependendo da época do Império, tinham entre 15.000 a 30.000 legionários. Estavam mais situadas (obviamente) nas fronteiras: ao longo do rio Reno (Alemanha) e outras regiões que necessitavam proteção contra os germânicos, ou ao longo da Muralha de Adriano que protegia o sul da Inglaterra controlado pelos romanos dos ataques dos clãs celtas que viviam mais ao norte. Então, esses esparsos romanos que emigraram para os países celtas da Europa foram sempre minoria e foram fortemente influenciados pela cultura e idioma celtas. Repito isso para deixar claro ao leitor que quando se fala de latim vulgar, latim tardio, latim do início da Idade Média, *esse latim certamente era uma mistura de latim clássico com algum idioma celta local*.
Chegando ao ponto que quero chegar: há vários sobrenomes listados no Glossário para os quais eu proponho a etimologia na terminação protocelta *-edo,* que originou os agentes de nome (nomen agentis) *-ydd e -edd* no galês moderno e sufixos similares em outros idiomas celtas. Alguns perguntarão: mas o latim também tinha esse agente de nome, que no caso era *-etum*. O sufixo latino -

etum e o sufixo celta *-edo, -ydd e -edd* tinham um mesmo significado: *existência ou ocorrência (de algo)*.

Então, por que proponho que esse sufixo nos sobrenomes seja celta e não latino? É justamente pelo que acabei de escrever: a terminação latina *-etum*, como em *arboretum* (lugar onde se cultivam árvores) é do latim vulgar, do latim tardio. O agente de nome *-etum* não era usado no latim clássico. Não era uma terminação nativa ao latim clássico. Isso significa que há boa probabilidade que essa terminação latina *-etum* foi na verdade importada do celta *-edo*. Por isso eu prefiro interpretar os sobrenomes baseando-me na terminação celta e não na latina. A latina provavelmente é cópia da celta.

No português, os agentes de nome são inúmeros: luta/lutador, secretario/secretaria, ferro/ferreiro, manobra/manobrista significam um operador, um profissional que trabalha com o objeto indicado pelo substantivo. Mas, também temos pedra/pedreira, churrasco/churrascaria, livro/livraria e outros que indicam um lugar onde ocorre ou existe algo.[9] Do mesmo modo, nos idiomas celtas os agentes de nome *-edo,* e seus sucessores *-ydd e -edd* têm significado difuso, difícil de interpretar. Não cabe aqui neste livro um estudo aprofundado, pois nem consenso existe entre os filólogos a respeito disso. Como os sobrenomes também se originam de toponímia e baseio minha argumentação na existência dessa toponímia, então para fins deste livro considero genericamente que os agentes de nome celtas *-edo, -ydd e -edd* indicam o *lugar onde ocorre ou existe algo* o que não é longe da realidade.

As Camadas de Idiomas. As diversas camadas de idiomas que se superpuseram na Galiza (e em outros países citados neste livro) não facilitam a pesquisa. Na Galiza, entre os anos 2.000AC-1.500AC e os anos 400DC viviam os celtas galaicos. Antes deles, durante milhares de anos viviam os nativos iberos. Depois dos celtas galaicos, vieram os romanos e a influência do idioma latim. A partir do ano 406DC, os germânicos suevos criaram o primeiro reino independente do Império Romano: o Reino da Galiza. Por volta do ano 580DC os germânicos godos ocuparam a Galiza.

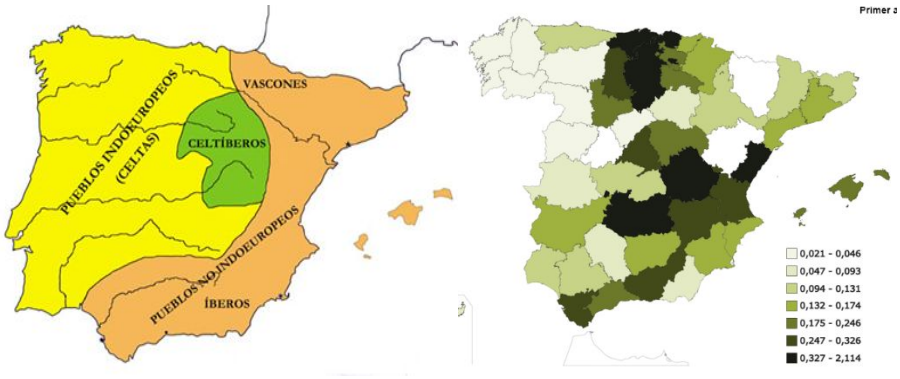
Uma Camada impacta Diferente da Outra. Enquanto que iberos e celtas e seus idiomas colonizaram totalmente as regiões, eliminando grande parte da herança étnica e idiomática anterior, com os romanos e germânicos isso não ocorreu, por que esses povos eram Ilhas num Oceano Celta. Romanos e germânicos foram minorias que governavam os celtas galaicos. Toda minoria que governa um povo diferente habita mais em cidades e menos no campo. Isso vale para a grande maioria dos casos de invasões e ocupações desde que se tem notícia na história, com raríssimas exceções. Primeiro a invasão por uma minoria e se esta durar muito tempo, ocorre a imposição da cultura dominante do invasor sobre o povo dominado. Foi assim que ocorreu na invasão e conquista pelos germânicos, das terras eslavas entre os rios Oder e Neisse, entre os anos 800-1000 da era cristã. Romanos governaram a Galiza por apenas 500 anos. Germânicos por apenas 300 anos. Não deu tempo para uma romanização, germanização efetiva, que obrigatoriamente passa pela aculturação não só das cidades, mas principalmente do campo onde vivia a maioria (70%-80%) da população. Portanto, a possibilidade de impacto dos idiomas invasores minoritários latim, suevo e godo na toponímia rural celta da Galiza era menor do que na toponímia das áreas urbanizadas onde moravam os ocupantes que administravam o território. Essa variância no impacto do idioma invasor não pode deixar de ser considerado pelos filólogos. Por exemplo, muitos informam que a palavra galega *bóveda* viria do germânico *bowitha*, que significa *arco, abóbada* de construções. E, isso provavelmente está correto.

Essa palavra germânica *bowitha* deve ter originado a palavra portuguesa *abóbada*. Porém, vamos analisar com mais cuidado: a palavra abóbada nos dá ideia de um teto em arco. Mas, normalmente esse termo é usado para construção grande: *abóbada* da catedral. Analisando os topônimos *bóveda* na Galiza, todos com exceção de um se tratam de vilas, vilarejos e terrenos rurais sem casas. Não são hoje lugares onde hajam construções de grande porte com arcos, abóbadas, muito menos há 1.500 anos atrás. Por que um lugar que em alguns casos nem casario tem se chamaria de *bóveda, abóbada*? Por que não uma possibilidade mais adaptada ao

ambiente local? A raiz germânica *bow* indica curva, *arco*, como em inglês *bow* (arco para atirar flechas). A raiz celta *bow,* anterior à germânica *bowitha* na Galiza e lá usada por cerca de 1.400 anos antes que o primeiro germânico lá pusesse o pé no ano 406DC, significa *boi, vaca, gado*. Em vez de ficar procurando abóbadas e arcos (bowitha) no meio de um pasto, mais prudente seria buscar toponímia baseada em algo condizente com o ambiente rural, como *bois e vacas*. Por isso, propomos que *bóveda*, no rural da Galiza, teria vindo do celta *bowydd*, o *lugar onde há bois*. Ao menos na Galiza essa é uma interpretação que se adapta ao meio rural onde se situam esses lugares. **Boveda** (B91/G869/P0/E248/I0), **Bóveda** (B1/G0/P0/E37/I0), **Bovedo** é raro, existe na Argentina (AR1) e Venezuela (VZ1). Assim sendo, a proposta é que palavra *abóbada* teria raiz germânica enquanto que *bóveda* teria raiz celta, cada uma com significado totalmente diferente uma da outra.

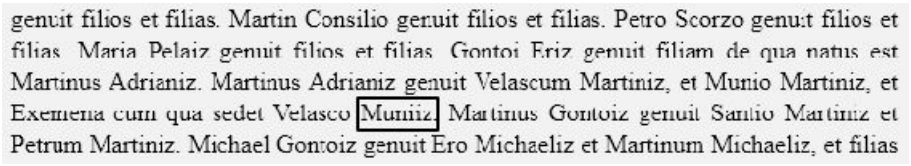
Outro exemplo: Bustamante. Não se pode ligar esse sobrenome ao latim *bustum*, que significa *cremar*. Onde havia cremação na Europa Medieval? Não existia. Outros conseguem chegar até o latim tardio *busto*, que significava *fazenda leiteira*. Se o latim clássico *bustum* era cremação e o latim tardio *busto* era fazenda leiteira, houve claramente uma descontinuidade etimológica. Foca claro que a raiz *bustum* não tem nada a ver com *busto*. Dentro do princípio das Ilhas Estrangeiras num Oceano Celta, o idioma que com maior probabilidade originou o latim tardio busto, foi um idioma celta, no caso o celta galaico falado na Galiza.
Dentro desse princípio, **Bustamante** (B3.790/G105/P47/E9.989/I43) pode ter raiz na palavra celta *boustom* que significa *estábulo*.[10] Essa palavra tem a raiz celta *bow* que significa *gado, boi, vaca*. O celta *boustom*, teria evoluído para o latim tardio *bustum* e depois *busto*, que significa *fazenda de gado leiteiro*. Sua raiz seria, portanto, diferente do latim clássico *bustum* que significa *cremar*. Bustamante, originalmente seria *Boustom+ante*. O significado da terminação *-ante* é tornar adjetivo o nome que a precede. Vide **Arante**. Vários nomes de fazendas galegas medievais foram registrados em documentos medievais:

Bustum Guiliadi (ano 1038), Busto Iohanni (hoje Bistixoán). Outro nome (ainda) não atestado mas possível é justamente *Busto Amantius, a fazenda leiteira do Amâncio*. O mapa de localização dos que têm esse sobrenome pode indicar que ele é do centro-leste da península e não do noroeste (Galiza). Suas áreas de incidência se superpõem aproximadamente à região onde habitavam os celtiberos. As regiões de mais incidência ao sul provavelmente são resultado de colonização a partir da expulsão dos árabes da península (a Reconquista, entre 711 e 1492DC).



Os Patronímicos Celtas. Os irlandeses e escoceses utilizam bastante o sobrenome que indica o nome do patriarca do clã celta. Na Irlanda sobrenomes iniciados em *O'* (O'Sullivan, O'Connor, O'Toole, etc.) e na Escócia em *Mac*, ou *Mc* (McDonald, MacCarthy, e outros). A partícula inicial *O'* e *Mac* significa *filho de*. Filho de Sullivan, filho de Connor, filho de Donald. Mas *filho de* no sentido *de linhagem*, da *descendência* do patriarca, que viveu há séculos atrás. O patronímico de sobrenomes na Península Ibérica tem terminação em *-es* (idiomas lusófonos) ou *-ez* (idiomas hispanos). Essa terminação significa *filho de*. Mas, não no sentido de linhagem e sim como filho (direto) de (nome do pai). Rodrigues é filho de Rodrigo. Essa terminação portuguesa -es e hispana *-ez* provavelmente se baseiam no latim *-is*, de mesma função. Outros propõem que seria de origem germânica: *kuniz* significaria *rei, líder*. Essa terminação -iz denotaria líder de um clã ou grupo de clãs.[11] Aqui está a transcrição

de um documento do ano 942DC emitido pelo nobre e bispo Rosendo de Celanova, Galiza:

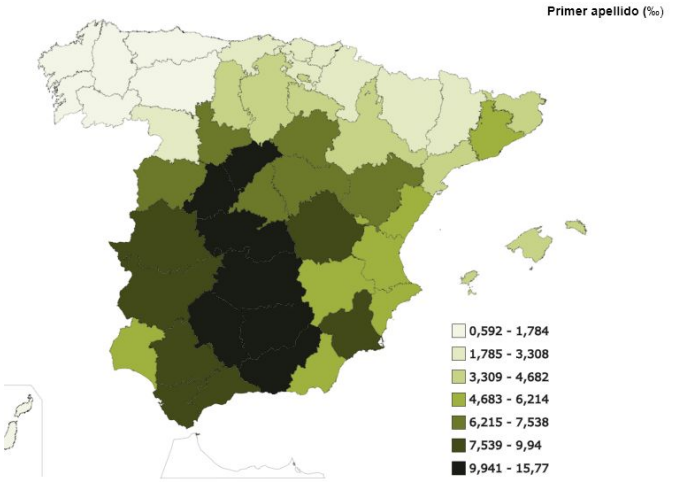

genuit filios et filias. Martin Consilio genuit filios et filias. Petro Scorzo genuit filios et filias. Maria Pelaiz genuit filios et filias. Gontoi Eriz genuit filiam de qua natus est Martinus Adrianiz. Martinus Adrianiz genuit Velascum Martiniz, et Munio Martiniz, et Exemena cum qua sedet Velasco Muniiz. Martinus Gontoiz genuit Sancio Martiniz et Petrum Martiniz. Michael Gontoiz genuit Ero Michaeliz et Martinum Michaeliz, et filias

TC, fols. 56r.- 57v.

Vemos a terminação *-iz* em sobrenomes. Martins era grafado Martiniz, que é filho de Martin. Provavelmente *Martiniz>Martinz>Martins*. Muniz era grafado Muniiz, notem o duplo *i*, sendo o filho de **Munio**, mais abaixo no mesmo texto cita “Petro Muniiz, da linhagem de Micahel e Munio.” Aqui fica claro que *-iz, -es* e *-ez* não significa *da linhagem de* como no caso de Mac e O’ (Escócia, Irlanda) pois o texto latino teve que explicar que se tratava disso. Ver **Muniz**. Gontoiz, hoje é **Gontiz** (filho de Gonto), sobrenome extinto na Península Ibérica, mas um vivo no México (MX19) e Estados Unidos (US43).
Gontijo (B18.473/G0/P1/E8/I0) continua muito vivo. A terminação *-ijo* e *-ujo* é diminutivo atestado no idioma asturiano onde *perujo* significa *pequena pera*. Porém a terminação de esconderijo nos leva a pensar que *-ijo* tem outro significado adicional. Esses sobrenomes provavelmente são derivados do celta *gond*, que significaria *local de reunião*. Ver o livro Galiza, Terra de Meigas, no capítulo As Serpes de Gondomil e descubra mais sobre *gond*. No mesmo documento, vemos que o sobrenome **Pais** (B6.742/G2.224/P12.351/E0/I548), não teria nada a ver com *pai, genitor*, mas é derivado de Paiiz, o filho de Paio, que por sua vez provavelmente originou-se de Pelaio, do latim *pelagius*, que veio do grego *pelagos*, que significa *mar*. **Paes** (B86.651/G10/P1.198/E76/I5).

A Opção na Etimologia Basca. Existe e é algo muito complexo devido à grande interação e migração entre os povos do norte da península Ibérica. Os celtas e os bascos tinham laços comerciais, havia intercâmbio de palavras. Um exemplo: a terminação basca *-oz*. Existe em Munhoz, provavelmente advindo de Munio + ossu.

Esse sufixo - *ossu* é protobasco, idioma que era falado cerca do ano 500AC até 100AC, e é o pai do basco atual. Esse *-ossu* originou o *-oz* atual. Mas, qual a etimologia do protobasco *-ossu*? Segundo os filólogos, teria sido emprestado do protocelta *-issos.* Então temos um sufixo celta que foi importado pelo idioma basco. Nos vem a pergunta: o sobrenome Munhoz é de origem basca? E se **MUNHOS** (B2.968/G0/P1/E1/I0) tiver etimologia em Munio+es: *munioes>munios>munhos*? Então seria galego? Ou derivou de Munhoz? Por isso é necessário atestar a evolução de cada sobrenome em documentos medievais, até que atinjam a grafia atual. Isso é um trabalho que não é o foco deste livro, onde eu apenas listo o registro mais antigo. **MUNHOZ**: Brasil (B) 32.028, Galiza(Muñoz) 3.344, Portugal (P) 123, resto da Espanha (E) 282.171 e vejam sua ocorrência regional no mapa a seguir. Se ele for basco, todos os Muñoz emigraram para o centro-sul, e só ficaram alguns no País Basco. Isso pode ter ocorrido? Sim, com a Reconquista da península aos invasores árabes, que ocorreu entre os anos 711DC e 1492, essa migração peninsular ocorreu com muitos sobrenomes que quase desapareceram de suas origens mais ao norte.



O Duplo Diminutivo Ibérico: alguns afirmam, sem citar fontes, que os diminutivos portugueses *-ino, -ina, -inho, -inha* tenham origem no latim. Então, vamos nós ver quais são diminutivos latinos. Aqui temos: globulus (glóbulo), homunculus (homúnculo), libellus (libelo), alellus (alelo) e seus femininos e plurais. Quando você, leitor, lê o

latim – *ulus, -ula, -culus, -cula, -olus, -ellus* e similares, algum deles parece ter originado *-ino, -ina, -inho, -inha*? Parece que não. Daí que a afirmação de que esses diminutivos portugueses seriam de origem latina é um balão de ar. Proponho que seriam celtas e teriam passado ao latim tardio, medieval, dentro do nosso conceito das Ilhas Estrangeiras num Oceano Celta. E no protocelta, o diminutivo é *-in* como no inglês *Laura>Laureen* (Laurinha), como no escocês *houflin* (garoto pré-adolescente), no irlandês *Róisin* (Rosinha), no galego *meninho*, no italiano *gatinno* (pequeno gato), como em Minas Gerais *mininín* (esta última é brincadeira minha). E temos centenas de outros exemplos nos idiomas celtas vivos, extintos e outros que receberam influência do idioma celta. Então, por exemplo, *pequenino* seria de provável origem celta e *minúsculo* é claramente de origem latina. Enquanto os idiomas celtas vivos e o inglês, que foi influenciado pelo celta, mantiveram a pronúncia celta -ín (houflin) e -een (Laureen), os idiomas latinos tenderam a evoluir para -ino, -inho.

Também herdamos um outro diminutivo. Vejamos o idioma basco. É antiquíssimo. Preservou em si algo do antigo idioma ibero que era falado na península Ibérica antes da invasão celta que ocorreu por volta do ano 1.500AC. O diminutivo basco é o sufixo *-ño (-nho)*. Na península Ibérica há toponimia e sobrenomes terminados em *-nho*. Ver **MORONHO**. O basco (ou ibero) *-ño* pode ter originado o diminutivo protocelta *-gno (*pronuncia-se também *-nho)*. Temos o celta *ouis* (ovelha) e o diminutivo *ouigno* (cordeiro).

Abreviações do Glossário

B=Brasil, G=Galiza, P=Portugal, E=Espanha, I=Itália, F=França, AR=Argentina, CL=Chile, PY=Paraguai, UY=Uruguai, VZ=Venezuela, EUA=Estados Unidos, MX=México, FL=Filipinas. O número de portadores vem depois dessa abreviação. Separo a Galiza do resto da Espanha por razões de idioma: o galego é idioma lusófono, pai do português. O número de portadores da Espanha é, portanto, deduzido do número dos da Galiza (E-G). Os números são aproximados, e podem ter erros.

AG=Atestação em registro documental primário na Galiza entre os anos 500DC e 1.500DC. O ano é seguido de letra L=Lugar, P=Prenome ou S=Sobrenome, etc. Por exemplo: *Agron 1258S* significa que o *sobrenome Agron* está registrado num documento galego do ano *1258*. *Airas 822L*, é *nome de lugar* registrado no ano *822* em documento galego. Se não houver referência AG no verbete significa que não foi encontrada a referência direta (primária).

Depois dessa visão geral de alguns pontos a ter em mente, vamos agora ao Glossário de sobrenomes com possível etimologia celta.

Glossário
de Sobrenomes

Agrunha (Brasil(B)0/Galiza(G)99/Portugal(P)0/Espanha (E) menos Galiza 2/ (I)Itália 0), **Agron** (B3/G0/P0/E1/I2)
típico de Lugo, do protocelta *agrinyos* que significa *abrunho*, fruto do abrunheiro (Prunus espinosa), tipo de ameixa cujos galhos têm muitos espinhos. O plural de *agrinyo* é *agrona* e daí o sobrenome Agrunha.[12] Com essa fruta se faz o delicioso licor patxaran no País Basco. **Agrona** (de Agroña) ocorre só na Venezuela (11), não existe mais em outro país. O sobrenome **Gruna** no Brasil não tem origem celta, mas são alemães da Silésia, hoje Polônia. Mas, **Grunho** (B37/G0/P75/E0/I0) pode ter etimologia celta em *agrona*. Similarmente, pode ser que o francês **Gruniaux** (2) e o italiano **Grugni** (B0/G0/P0/E0/I725). AG: Agron 1258S.

Aires (B54.314/G92/P5.926/E781/I258), **Ayres** (B24.353/G10/P519/E3/I13),
Airas (B1/G131/P0/E62/I0), **Ayra** (B226/G14/P0/118/I2),
Aira (B11/G1.076/P1/E25/I75)
Aires tem maior incidência em Sevilha, Salamanca e Córdoba. Ayres em Vigo, Airas em Ourense, Ayra em Pontevedra, Madrid, Barcelona e Cádiz. Aira tem forte presença em Lugo, León, Ourense e Biscaia. As fontes informam que tem origem inglesa, latina, germânica...esquecem o celta. Sanando isso: o celta *aira* é *terra exposta às enchentes, várzea*.[13] Aires e Ayres têm o sufixo *-es* que significa *filho de*. Aires é filho de Aira. A terminação de **Airasca** (B0/G0/P0/E1/I22) lembra o sufixo celta *-asko*, que é *parecido com*. *Airasca* seria *parecido com várzea*. Fica na região de Turim, lá viviam os celtas *taurini*, do protocelta *tarwo, touro*. Nessa *planície (várzea)* do rio Pelleci, há topônimos de raiz *aira* ou de sufixo *-asko*: Cercenasco, Baudenasca, Osasco (onde nasceu Antonio Agù, fundou Osasco em São Paulo, 1895), Frossasco, **Airale** (B0/G0/P0/E0/I39.748/Argentina: 114.510). Atestado na Galiza (AG): Aire 1238S, Aira 1243S. Ayra 1309L, Airas 822L.
Na Galiza, os povoados: A Aira em Samos, Paradela, Portomarín, os lugares de Aira em Celanova, Toén, Castro Caldelas, Sarria,

Mezquita, Oímbra, Parada de Sil, Pobra de Trives, Vilarinho de Conso, Pontenova, Trabada, Bande e Merca.

Alarcão (B780/G0/P85/E1/I0), **Alarcon** (B3.278/G242/P0/E26.311/I39),
Alarco (B20/G0/P142/E197/I2), **Alarcao** (B780/G0/P85/E1/I0)
Cuenca, Albacete, Murcia e Málaga. Na Galiza incide mais em Ourense. *Alarko* em protocelta é *cisne*.[14] Galês medieval *alarch*, bretão moderno *alarc'h*. Lugares de A Alarga em Castro de Rei, Pol e Páramo, e Alargo em Grove, Pontenova e Sarria, As Alargas em Castro de Rei e Cospeito, na Galiza.

Alcolumbre (B199/G0/P0/E0/I0), é celta em *alko* (cervo), *lam* e *brig*. Os cervos europeus são animais imponentes, de grande porte e ótima fonte de carne para os povos antigos. **Alcobre** (B0/G29/P1/E70/I0), *monte dos cervos.* Não há alces na Europa, essa raiz celta *alko* (cervo) acabou de algum modo denominando o *alce norte americano,* inglês *elk*. AG: Alcobre 1062L (castro).

Alencar (B99.817/G0/P198/E21/I9), **Lancara** (B0/G0/P0/E9/I0)
Lankara, dar grandes passos, *galgar, transpor*. O sobrenome não existe na Galiza, mas há as povoações de Láncara em Abegondo e dois povoados situados no município de Láncara, Galiza. Haveria que verificar a topografia local se são algum local de passagem, transposição de algum acidente geográfico. AG: Lancara 916L, região Lugo. Lanca 1206S.

Amarante (B16.943/G53/P632/E115/I719), **Amarantes** (B653/G0/P0/E0/I0),
Amaranta (B47/G0/P0/E0/I2), **Amaranto** (B363/G0/P0/E8/I379),
Amaranti (B14/G0/P0/E0/I117), **Amarando** (B21/G0/P0/E0),
Marante (B137/G143/P274/E339), **Marantes** (B84/G0/P123/E1)
Amarante de Lugo e Pontevedra. Amarantes pode ser de origem francesa. Amarando tem presença na Itália. Marantes é de origem portuguesa.

Do galês medieval *amrant*, que significaria *sobrancelha*?[15] Povoações de A Amaranta (Betanzos) e em Oímbra. Mas, por que

um lugar se chamaria de *sobrancelha*? Talvez o protocelta *amo (derramar, lavar) + anto (marco de pedra, lápide ritual)* seja o caso. Mas, o que os celtas derramariam numa pedra a ponto do local ser chamado de *lápide lavada*? Os druidas do lugar de Sithney na Cornualha derramavam *óleo de rosa mosqueta*, oferenda cara, sobre a pedra sagrada de Main (ver **Magan**) Ambres. As localidades de Amaranta na Galiza teriam pedras rituais similares. A veneração às pedras é mostrada na Bíblia, Jacó derrama óleo sobre a pedra que lhe servira de travesseiro por que sonhou com Deus ao dormir com sua cabeça apoiada nela.[16] Amarante, seria *pedra banhada com óleo sagrado*. Os romanos as chamavam *petra ambrosia* e o óleo de rosa mosqueta de *ambrosi*a, que é palavra celta, ver Ambros. Ou pode vir do celta *maranta* que é *pedra grande, pedra famosa*. Famosa por ser sagrada, local de reunião para rituais e curas milagrosas. Ver **Magan** e **Ambrosio**. AG: Amarante 1199L (Tui), Amaranti 1178L (Tui), Amaranta 980L.

Amaro (B78.222/G389/P10.540/E3.965/I895),
Amaral (B340.023/G13/P24.448/E558/I25)
do protocelta *amaro*, *cantar* [17] ou de *maro* (*grande, famoso*). Qual você prefere? Na Galiza ocorre mais em Ourense, na Espanha é forte incidência em Cáceres. Maior ocorrência em Portugal (ex-sul da Galiza). AG: Amaral 1107S.

Ambrosio (B28.843/G131/P613/E1.249/I12.314),
Ambrósio (B934/G0/P333/E0/I0),
Ambros(B566/G71/P1/E835/I30),
Ambrocio (B10/G0/P0/E23/I2), **Ambrosi** (B949/G0/P0/E53/I8,177), a raiz protocelta *am* pode significas *lavar, banho*, o celta gaulês *ama* significa *rio* e nesse mesmo idioma *anam significa pântano, lagoa*.
Lugares de Ribeira de Ambroz, Xunqueira de Ambia, Ambre (Astúrias), terras de Ambrós em Ramirás e Catoiras (Galiza), de Ambrósio em Cambados. Ver Amarante e Homem. Ambrosi: há grande incidência na Itália (12.314). Ambrocio é típico do Peru (1.940), Bolívia (404) e México (10.823). Provavelmente os

Ambrocio que vivem na Espanha e Itália são de origem hispano-americana. AG: Ambrosio 1002S.

Andrade (B1.012.667/G3.913/P31.411/E6.948/I165), **Andrades** (B2.660/G0/P1/E3.866/I1), **Andraide** (B453/G0/P0/E0/I0), **Andrada** (B2.312/G15/P226/E1.687/I6), **Andradas** (B392/G0/P0/E197/I0), **Andreade** (B82/G0/P1/E0/I0)
Andrade, família nobre importante, possuía o Castelo de Andrade (Pontedeume, Galiza). Pode vir de *ande-rātis*, significaria *grande muralha*[18] em celta galaico. Houve talvez um forte galaico onde hoje está o castelo. Não pude confirmar esse significado de *ande*, já que *grande* em celta é *maro* (vide **Amaro**). Muitos locais na Galiza tem essa etimologia: Andrade (concelhos de San Amaro, Toén, Santiago de Compostela, Pedra do Andrade em Moanha, Penha de Andrade em Moeche), Andraedo (Lourenzá), Andraíde (Pol, Castro de Rei e Paradela), Andreade (Paradela). Em parte isso ocorre por que a família nobre Andrade foi das mais ricas e importantes do reino da Galiza. AG: Andrada 1192L, Andrade 1063S.

Anta (B82/G0/P38/E2.014/I5), **Antas** (B845/G237/P802/E3/I1), **Anto** (B76/G0/P0/171/98)
anta é pedra que marca a divisa com outro terreno. Usada para marcar o fim dos terrenos cultiváveis de cada povoado. Antas é mais de Lugo e Pontevedra. Originou-se do protocelta *anto* que é *fronteira, divisa*. Povoado de Anta (Tui) e Antas de Ulha, As Antas em Cambre, Beariz, Cangas, Verea, Gudinha, Irixo, San Amaro, Salvaterra de Minho, Caminho das Antas em Cangas e Gudinha. Anto não tem toponímia similar na Galiza. O sobrenome Anto hoje incide na Catalunha (Tarragona e Lleida) mas pode ter etimologia em Anton (Antonio). A verificar. Ver **Danta**. AG: Anta 572L, vilas de Antas 912L e Antes 912 (Grove).

Arantes (B51.757/G6/P1.632/E48/I1), **Arante** (B805/G0/P0/E0/I4), **Arant** (B22/G0/P0/E1/I0), **Aranton** (B0/G117/P0/E0/I0)

Arandes (B30/G0/P0/E106/I0), **Aranda** (B4.179/G132/P283/E30.761/I19)
Arandia (B18/G0/P0/E688/I2)
ara, altar + *anta*, marco de pedra para dividir terrenos. Significa *altar* ou *marco na divisa*. Aranta não existe na Europa. Tem nas Filipinas, o que indica que podem ter existido na Galiza e resto da península ibérica, vide Introdução ao Glossário. Sendo a Galiza um lugar onde abundam as antas, os altares do tempo da Idade da Pedra, é de se estranhar que poucos no passado tenham adotado Aranta como sobrenome. Há muitos Aranda e são de fora da Galiza. Mas e Arante? Talvez haja uma outra etimologia. Ela se basearia num idioma muito antigo, de uns 5.000 anos atrás: o indo-europeu (PIE). Esse idioma é o pai de muitos idiomas atuais na Europa, India e no Irã. Nele havia o sufixo (reconstruído pelos filólogos) *-onts*. Esse sufixo tornava o substantivo anterior a ele em adjetivo. Todos os filhos desse idioma indo-europeu herdaram esse sufixo, com modificações. Aqui vai uma lista: *-andz* (germânico), *-onts* (helênico), *-ant* (persa antigo), *-onts* e *-ants* (itálico, idioma pré-romano na bota italiana) e finalmente o latim *-ens* e *-ans*. Reparem que todos esses sufixos nesses idiomas filhos ou netos do idioma indo-europeu, terminam em *-nts* ou *-ndz*. Exceto o latim. O latim perdeu o *t*. Não há uma reconstrução desse sufixo no protocelta, também neto do indo-europeu. Mas podemos supor que se todos menos um dos idiomas acima têm a terminação em *-nts*, o protocelta, parente deles, também a teria. Essa terminação seria *-ant* ou *-ante*. Vemos por exemplo: Guimaraens tem terminação latina sem o *t*. Mas, Arante, seria celta por que não perdeu o *t*. A partir daí, supomos que Arante e Arantes seriam *ara (altar, pedra votiva) + ante (transforma a palavra em adjetivo)*. Arantes é típico da Galiza, A Corunha. Não ocorre em outras regiões da Galiza e quase nada no resto da Espanha.
Arantón é de A Corunha. Povoados de Arante (Ribadeo), Arantón (Santa Comba), o Rego de Arante (Ribadeo). AG: Aranton 830L (Celticos), Penha de Aranda 852L.

Araújo (B163.873/G0/P37.195/E690/I106), **Araúxo** (B6/G0/P0/E2/I0),

Araujo (B887.931/G6.353/P0/E4.178/I18), **Araus** (B0/G0/P0/E218/I0),
Arauz (B92/G0/P4/E1.376/I9), **Arauzo** (B7/G0/P0/E1.059/I0)
do galego Araúxo, primeiro utilizado por Rodrigo Eannes de Araúxo (ca. 1.100DC) de Lóbios (Galiza), neto de Jean Tiranoth, nobre da Borgonha e parente da rainha Constança (1290-1313) da Galiza, León e Castela. Sobrenome típico galego e depois passou-se ao norte de Portugal por volta de 1369. Hoje tem forte presença não só na Galiza (Ourense) e Portugal mas também em regiões espanholas fronteiriças com este último país, como Cáceres, Huelva e Badajoz. Do galaico *aradusion*, que significa *local de passagens espirituais,* o altar onde se faziam oferendas aos deuses celtas*.* Araus e Arauz provavelmente tem a mesma etimologia que Araujo, mas do celta singular *āradus* (e não do plural *aradusion*). Araus hoje incide mais em Burgos, enquanto que Arauz incide muito em Cuenca, Soria e Huesca. Na Galiza temos as Terras de A Araúxa (Betanzos), Chousa de Araúxo (Boqueixón, povoados de Araúxo (Vigo), terras de O Araúxo em Ribadumia e Ramirás. O Monte de Araúxo (Vigo), os Cons dos Araus na costa em Vigo, Penedos da Araúxa (Oímbra), povoado de Ribas de Araúxo em Lobios. Arauz e Arauzo não são originários da Galiza, mas de uma região que corresponderia à antiga Celtiberia, habitada por um povo mestiço dos celtas. Para uma visão completa sobre a etimologia e genealogia inicial do sobrenome Araújo, ver o livro A vida Ancestral dos Araujo.

Arganzo (B0/G0/P0/E0/I0), **Aganzo** (B6/G0/P0/E89/I0),
Argandonha (B2/G0/P0/E692/I0), **Argandona** (B32/G0/P0/E1/I1)
Argandoa (B0/G0/P0/E2/I0)
sobrenome Arganzo tem registros na Galiza desde o século 9, hoje extinto lá. Talvez do celta galaico *arganto*, que significa *prata*.
Há a cidade de Arganza, perto de Bierzo, em León a apenas 6 quilômetros da fronteira com a Galiza, A Argazada (Vigo), Os Argazales (Porto do Son), A Beira do Argazal (Porto do Son). Apesar de haver toponímia na Galiza, o sobrenome Arganzo hoje não existe mais lá e nem na Espanha e Portugal. Há incidência no México (6) apenas. Argandonha, além de presença na Espanha (Argandoña) existe bastante no Chile. Argandona quase

desapareceu da Espanha (1), mas existe bastante na Bolívia (1.032). Vários sobrenomes desapareceram da península ibérica também devido à emigração de famílias inteiras para as colônias nas Américas e na Ásia (Filipinas). A verificar se não houve algum erro de coleta pelo IBGE, mas no Brasil há uma pessoa com o sobrenome **Argandon**, que aparentemente não existe mais em nenhum lugar do mundo. Na França existe a grande floresta de Argenton, no Charentes-Maritime e a cidade de Argentan na Normandia, cujo nome celta atestado era Argentomagus. Significa *argento (prata) + magos (planície, campo)*. Planície da Prata, talvez antigo local de mineração? **Argenton** (B1.309/G0/P0/E1/I345) é de origem francesa mas lá só restam 244 desse sobrenome. **Argentan** (B1/G0/P0/E0/0) é usado por apenas 7 franceses. **Argandoa** derivado de Argandona ocorre nas Américas, especificamente no México(315), Peru (20), Chile (25) e Bolívia (13). **Argando**, que talvez seja a raiz, não existe mais na origem ibérica, mas consta nas Filipinas (FL40) e por isso deve ter existido na península ibérica, vide Introdução ao Glossário. Há **Argentano** (B0/G0/P0/E0/I7/AR95) na Itália e outros. AG: Argenton 1178L (França).

Barros (B417.760/G9.041/P29.524/E8.530/I64), **Barro** (B2.036/G0/P4/E2.196/I965), **Barrozo** (B7.006/G0/P1/E33/I1), **Barroso** (B93.388/G528/P11.106/E23.268/I15) podem vir de *barro, lama*. Mas filólogos alertam que não é isso. Vamos verificar outra possível etimologia no celta. Em protocelta, *barro* significa *lugar alto*, *topo, pico de montanha*.[19]

Tem tudo a ver com altura e por isso entendemos agora a origem das palavras *barreira* (limite, vedação de paus) e *barranco* todas relacionadas com altura. Nem a barreira e nem o barranco levam obrigatoriamente a *barro, lama*. Podem ser de terra seca. A origem da palavra *barro*, *lama*, veio do latim vulgar *barrum* que tem o mesmo significado. Conforme explicado na introdução a este glossário, se é do latim vulgar falado na península ibérica, isso nos leva a crer que *barrum* é palavra de origem celta. Mas, não

encontramos sua raiz celta. Pode então ser pré-celta, dos nativos iberos que viviam na península antes da invasão celta que ocorreu por volta do século 1.500AC. Outra palavra vem para complicar o assunto: o germânico antigo *barr*. *Barr* não tem nada a ver com *lama*. Através do inglês moderno, originou o português *bar*, o balcão em forma de prancha, de *barra,* onde se servem bebidas. *Barra*, o objeto com essa forma alongada. Analisando-se todas essas raízes diferente: *barr/bar* é palavra relativamente recente no idioma português. O latim *barrum* (lama) não poderia ser um diferenciador entre dois lugares porque lama existia em quase todos os lugares em tempos antigos quando era rara a pavimentação. A palavra *barros* enquanto *lugar alto, topo, pico de montanha* sim, pode ser um diferenciador entre dois lugares, um mais alto do que o outro. E por isso, pode ter sido usada para denominar toponímia. Existem vários povoados e lugares na Galiza que têm o nome Barros, o que indicaria que o local está em lugar mais elevado que seu entorno. É necessário confirmar in loco essa suposição. Se *barros* for *lugar alto*, seu plural em idiomas celtas é formado adicionando o sufixo *-ion*. *Barrosion*. Lugares altos. *Barrozo* e *Barroso* viriam do celta *barrosion* que significa *moradores em lugar alto*. Poderiam ser aqueles que moravam em vilas e povoados nos portos ou portelas (diminutivo de porto), não os de mar, mas aqueles que são as passagens de estradas que cruzam as montanhas. *Barroso/zo* é *montanhês*, não significa barrento. Os Barros, Barro, Barrozo e Barroso seriam descendentes daqueles que ganharam esse apelido por que moravam em lugares altos de mesmo nome na Galiza ou outras regiões da península ibérica. Barros, Barro ocorrem em Ourense, mais numerosos em Pontevedra e A Corunha. Em outras regiões fora da Galiza, devem ser resultado de imigração galega.
Foi o caso de Granada, devido à re-colonização cristã a partir de 1492. Barroso e Barrozo são têm forte presença fora da Galiza principalmente em Cáceres, Badajoz e Huelva, na fronteira com Portugal. João de Barros, gramático português (1496-1570). Na Galiza o povoado de Barros (Arzúa), Fonte de Barrós (Arteixo), povoado de Muinho de Barrós (Arteixo) e de Os Barros (Vigo), lugares de Os Barros em Vigo, Bande, Brión, Val do Dubra e Mezquita. Quais devem seu nome à altura e qual à lama, ao barro?

Há que verificar. AG: Barro 916L (igreja), 1066L (vila), 1122S Johannes Martini “dito de” Barro. Barros 1258L, Martinus Barros 1379S (Ourense).

Bastos (B315.886/G1.915/P17.399/E0/I21),
Basto (B5.954/G11/P2.982/E165/I101)
o primeiro registro foi de D. Gomes Viegas de Basto, que viveu por volta do ano 1080 e foi senhor de Refojos de Basto (Cabeceiras de Basto, Portugal). Nessa região, desde o ano 1143 portuguesa e antes galega, há várias cidades com esse nome: Celorico de Basto, Mondim de Basto. A etimologia de *basto* primeiramente nos leva à raiz protocelta *basto*, que significa *morte*. Mas há a possibilidade que *basto* significaria *mergulhar.* E aí, começamos a ver com outros olhos o Rio de Ouro que passa ao lado de Cabeceiras de Basto> Mas, outras localidades de nome Basto na região não têm rio. Partimos para outra possibilidade. Em galego moderno *basto* também pode significar *espesso, denso*, como na frase à beira do rio a névoa era basta (espessa), *este pinheiral está moi basto* (denso, adensado). No português na palavra *abastado* (rico), cabelos *bastos* (densos). Nesse caso a etimologia não viria do celta *basto* mas do latim *bastare* (carregar em grande quantidade). Não vemos aí a solução. Outra: em galego, *basto* também significa *agreste, rude*. No Brasil temos o agreste, região rude, de vida difícil. As localidades portuguesas de Cabeceiras *de Basto*, Celorico *de Basto* e Mondim *de Basto*, significariam *do Agreste*. Infelizmente a invasão árabe muçulmana do ano 711DC chegou a essas Terras de Bastos e destruiu muito do que era cristão, inclusive os mosteiros da região e suas bibliotecas com antigos documentos históricos importantes que poderiam atestar a etimologia correta de *basto*.
Alguns mencionam uma possível migração dos povos celtas Bástulos, que teriam fundado uma cidade nessa região do norte de Portugal. Os celtas Bástulos existiram e são atestados por vários historiadores gregos e romanos. Mas viviam muito mais ao sul, em Granada, Murcia e Almería, na costa mediterrânea. Nenhum historiador romano ou grego cita essa suposta migração para o norte até o Minho. Assim sendo, essa migração dos Bástulos talvez não passe de folclore. Ver o sobrenome **Coimbra**, e a imaginária

migração dos Konioi para Coimbra, da qual também não existem provas. Essas Terras de Bastos em Portugal são montanhosas, belíssimas. Foram grande centro de peregrinação cristã durante a Idade Média, para onde iam reis e a alta nobreza de Portugal em busca de cura e milagres de Santa Senhorinha, nobre e abadessa falecida no ano 985. O Mosteiro de São Miguel de Refojos de Basto era o mais rico e famoso de todo o Minho. Inês de Castro, o rei D. Pedro I de Portugal, e depois escritores famosos como Sá de Miranda, nobre e Senhor de Basto, e Camilo Castelo Branco ambientaram seus livros nessa região histórica, cênica e romântica. Qualquer que seja a etimologia dos sobrenomes Basto e Bastos, é provável que os portadores desse sobrenome sejam originários dessa bonita região. Além do norte de Portugal, o sobrenome Bastos hoje tem maior presença em Ourense e Pontevedra (Galiza), e na Espanha em Cáceres e Salamanca, todas regiões limítrofes com Portugal. Na Galiza temos os povoados de O Bastón (Laracha), Cristo de Bastón (Cangas), Praza de Abastos em Cangas, Ribadeo e A Lama, lugar de Valdebasto (Toén) e Mato Basto (Ponteceso). Os sobrenomes Basto, **Basta** (B226/G0/P1/E2/I2.167), **Bastelli** (B289/G0/P0/E0/I459) e **Basti** (B12/G0/P0/E7/I392) na Itália podem ter uma etimologia diferente na palavra de etimologia latina *bastaio* que significa *seleiro*, aquele que fabrica *selas* para animais. **Bastide** (B81/G0/P1/E13/I1) tem origem na França. **Bastida** (B629/G301/P1/E5.513/I21) é sobrenome catalão. Na Idade Média as bastides(as) eram casas rurais fortificadas. Temos a Bastilha de Paris, prisão fortificada onde se iniciou a Revolução Francesa em 1789. Provavelmente do latim vulgar *bastite*, construída(s). Em português *bastião*, edifício fortificado. AG: Iohanne Iohannis de Basto 1263S, Galiza (Santiago de Compostela)

Beltrão (B9.881/G0/P132/E2/I0), **Beltran** (B2.224/G684/P66/E31.258/I68),

Beldron (B1/G37/P0/E0/I0), **Beldrane** (B4/G0/P0/E0/I0),

Beltrame (B7.176/G0/P4/E26/I9.132), **Beldrame** (B17/G0/P0/E0/I0)

do germânico Berthram de *bert*, glória e *hraem*, do alemão antigo, significa *corvo*. *Berthhraem* significaria *corvo glorioso*. O corvo

representa a guerra e a morte. Corvo (morte) glorioso, pode significar aquele que mata muitos inimigos numa batalha. A raiz de *corvo* no protogermânico é *hrab*. Nos idiomas germânicos (inclusive inglês *hraefn*) a palavra *corvo* se escreve de modo próximo a essa raiz.[20] *Hraefn* resultou em *raven* no inglês moderno. Complicado, não? Vamos buscar algo mais simples: um Beltrão celta. *Bel*, é o *deus do sol* dos celtas. A raiz protocelta *rann* significa *parte*.[21] *Bel* + *rann* significaria aquele que *é parte do deus sol*. Ou *consagrado ao deus sol Bel*. A adição de *t* para ligar duas palavras é atestada no irlandês moderno.[22] O nome celta seria *Beltrann*. Beltrão é *consagrado ao Sol*. No galego *Beltran*, no castelhano *Beltrán*. Em português houve a nasalização em Beltrão. **Beltrame** é típico da Itália (I9.132). Beltrán ocorre muito fora da Galiza, em Jaén, Valência, Teruel e Saragoça. Na Galiza, os lugares de A Beltrana (Ferrol), Beltrán (Bande), povoação de Beltran (em Xove). *Berthraem*, o *corvo glorios*o que pensávamos que era *Beltrann* o *deus-sol* celta, resultou por sua vez no nome e sobrenome alemão **Bertram** (B210/G0/P1/E36/I7) frequente na Alemanha (DE20.814) e **Bertrand** (B411/G0/P142/E462/I) na França (F73.705), e suas variantes. Não têm a ver com o Beltrão, Beltran celta. Para nós, uma ave é uma ave. Mas, os celtas acreditavam numa vida após morte, onde os bons seriam recompensados com o Paraiso e os ruins com o Inferno. Grandes pássaros levavam as almas celtas para um ou outro destino. Pesquisas arqueológicas revelaram capacetes celtas e germânicos que têm imagens ou relevo de asas.
Essa simbologia das asas representa a morte. O guerreiro usuário do capacete alado levava a morte aos inimigos na batalha. E agora, você sabe por que o Asterix usa um capacete alado. Cuidado com ele! AG: Beltran 1153S, Beltrano 1174S (bispo de Tui), Beltram 1206S.

Berna (B763/G0/P4/E2.717/I1.360), **Berne** (B290/G0/P28/E385/I45),
Berno (B1.438/G0/P0/E121/1.428), **Bernedo** (B5/G79/P0/E335/I1),

Bernal (B4.081/G288/P75/E38.051/30), **Bernales** (B5/G0/P0/E160/I10)
a etimologia celta desse sobrenome é em *vern*, que é o nome da árvore *amieiro*, cujos outros nomes são **Ameneiro** (B9/G627/P0/E0/I1), **Ameiro** (B1/G0/P4/E18/I0), **Amenedo** (B0/G413/P0/E434/I0) que se tornaram sobrenomes de origem latina. É árvore europeia mas foi trazida à América do Sul onde cresce como nativa no Chile e Argentina. O amieiro cresce nas margens dos rios e lagos por que precisa de muita água. *Bernedo*, viria de *vernedd*, o *local onde há amieiros*. Berna (Suíça) e Auvergne (França). Na Galiza o povoado de Vernes (A Corunha), Vernés (Neda), e o topônimo Vernes situado nas encostas do monte Neme, O Bernal (Arteixo). Júlio Verne, o autor de 5.000 Léguas Submarinas, tem sobrenome celta e seu capitão Nemo, também. *Bernido* está extinto na Espanha e Galiza, mas há no Chile (CL8) e nas Filipinas (FL2.144), ex-colônia espanhola, leia Introdução ao Glossário. Bernal ocorre mais em Salamanca, Cáceres, Huelva, Sevilha e Saragoça. AG: Bernal 1183S (condado de Urgel, Astúrias)

Bico (B266/G0/P236/E41/I238), **Beco** (B256/G0/P123/E13/I127), **Beconha** (B11/G24/P0/E0/I0), **Beque** (B58/G0/P0/E0/I0),
Na Galiza as localidades de Bico, O Bico (Ramirás e Ribadavia) e Beconha de Arriba. Povoados de A Penha do Bico (Cerdido), Bicos (Abadín), Fonte de Sobeque e Lavadoiro do Beque (San Sadurninho). Lugares e topônimos de Beque, O Beque e Bequinhos. Do protocelta *bekko*, que significa *pico de montanha* e *bico de ave.* O Michaelis informa que bico (de ave) é no celta gaulês *bekkos*, e que beco (rua sem saída) tem etimologia desconhecida. O beco sem saída é como um bico saindo da rua principal.
Pode vir de *bekko*. **Bico** seria originalmente galego, e não derivado do italiano **Bicco** (B3/G0/P0/E0/I3). Bico incide mais no Uruguai (UY74) e na Argentina (AR21). A verificar. Monte Bicco, nos Apeninos (Ussita). **Bequet** (B3/G0/P0/E1/I0) é da França (F1.552). AG: Bico 1214S, Nuno Bico.

Bolo (B77/G16/P47/E168/I31),/ **Volo** (B3/G0/P1/E2/I877)

cidades de O Bolo (Maside) e Viana do Bolo na Galiza. Seria do protocelta *volo* (altura). O historiador grego Ptolomeu cita a cidade Volobriga (*forte alto*) dos celtas nemetanos na Galiza.[23] Hoje é O Bolo (Ourense). O sobrenome Volo é muito provavelmente italiano (I877), mas celta na etimologia. Povoações de Aira do Boloiro (Samos), A Casa dos Bolos (Vigo), as Terras de Bolotrigas (Vigo), Bolois (Cervantes), Bolón (Carbalho), Campo de Bolos (Tominho), O Bolo (Bolo), o Campo dos Bolos (Ribadeo), Os Bolos (A Estrada), Trebolo (Santiso), Val do Bolo (Monforte de Lemos). AG: Bolo 655L (Senda).

Borba (B53.189/G0/P859/E117/I4), **Borbolla** (B45/G0/P0/E617/I0)

borwedā, local com fontes de água térmica. Borwo ou Borwon era o nome celta gaulês do deus das águas quentes[24] e águas borbulhantes (nascentes). *Berwa* significa *ferver*.[25] A palavra *borbulha* e o sobrenome Borbolla (borbolha) podem ter esse etimologia. O Priberam indica que *borbulhar* pode significar *ferver*. Michaelis informa que vem do espanhol *borbolla*. Em galego, refere-se à água: *nacer da terra facendo borbulhas*. Também em celta: *borw+edd*, sendo *borw* a nascente borbulhante ou térmica e o sufixo *-edd*, conforme já vimos significa *lugar onde há ou ocorre algo (ler Introdução ao Glossário)*. *Borwedd* é *local da fonte borbulhante*. Da mesma raiz, *beor* era uma bebida fermentada (borbulhante) celta,[26] ainda não identificada se cidra ou cerveja.

O Itinerário Antonino era uma espécie de guia de viagem, ou Google Maps impresso, do tempo do Império Romano. Ele lista centenas de paradas ao longo do traçado dos milhares de quilômetros de estradas romanas que existiam na época (ano 200DC). Perto da atual cidade de Vigo, na Galiza, o Itinerário menciona um lugar de pouso: Borbida (pronuncia-se *bórbida*). Aí está a atestação: *borwedā>borbida>borba*. Cuidado, totalmente diferente de **Bóveda**. Também na Galiza, há a cidade de Paços de Borvém. Sua etimologia seria no celta *borweden*, que significa *os de borwedā*. Borvém teria sido fundada por habitantes da extinta cidade de Borbida que existia mais ao sul da Galiza.[27] Temos o lugar de As

Borboas (Palas de Rei), povoados de Cuartos de Borbén e Pazos de Borbén (Pazos de Borbén), O Aborbó (Muras), Os Burbeiros (Palas de Rei). O sobrenome galego **Borboa** (B2/G0/P0/E0/I0) está extinto na Galiza, mas há no México (MX3.763), EUA (924), Venezuela (VZ128). **Borbon** (B65/G0/P1/E330/I5), **Borbo** (B51/G0/P0/E0/I0), **Borbones** (B0/G0/P0/E48/I0) assim como **Borba**, vem do nome do deus celta das águas quentes e das nascentes, Borwo ou Borwon. Existe o rio Borbén em Pontevedra, o rio Burbia (*búrbia*) que nasce em Leão e entra na Galiza. O sobrenome francês **Bourbon** (B166/G0/E3/P396/I0) e (F6.596) do deus das águas celta gaulês *Borwon*, também está presente no Brasil, foi a casa real da França e é hoje do reino da Espanha. **Borbone** (B30/G0/E1/P0/I263) e o seu plural **Borboni** (B135/G0/P0/E0/I298) são sem dúvida italianos. Na Galiza: rios Borbén, Burbia e Borbón (Pontevedra). AG: Borba 1145S.

Braga (B279.028/G94/P12.927/E585/I8.097), **Bragada** (B74/G0/P66/E0/I0), **Bragado** (B152/G83/P94/E2.133), **Braca** (B63/G0/P0/E27/I561),
Bracca (B29/G0/E0/P0/I71), **Bragadin** (B15/G0/P0/E0/I117)
braca foi adotada pelo latim de outro idioma, dizem hoje os dicionários. Porém, uns dizem que *braca* vem do protogermânico, outros tentam achar alguma raiz no indo-europeu, trisavô de muitos idiomas europeus antigos e modernos. A cidade de Braga (Bracara) foi conquistada pelos romanos no ano 16AC. Nessa época não havia influência linguística germânica na Galiza.
Os germânicos nem na Europa Central estavam ainda. Viviam mais ao norte. Portanto, os romanos não adotaram essa palavra *braca* do protogermânico, mas do celta galaico nativo da Galiza. Ao invadir a Galiza, encontraram aqueles celtas bigodudos que estranhamente andavam de calças e não com saios e togas, como era costume dos romanos e gregos. O protocelta *brākā* significa exatamente *calça*.[28]
Esse seria a raiz do nome da tribo galaica que lá vivia, os brácari. Essa seria a etimologia do sobrenome Braga, cuja raiz *braca* tem também uma evolução curiosa: *braguilha*, peça de vestuário que se usava na Idade Média para cobrir a virilha. Daí se originou o

significado atual de abertura na calça fechada com botões ou zíper. No norte de Portugal, até os anos 1950 ainda se usava o provérbio *não se pescam trutas com bragas enxutas.* No Brasil parecido a *quem sai na chuva vai se molhar*. Sobrenome originário da cidade e região de Braga, até o ano 1143 parte do reino da Galiza e depois dessa data norte de Portugal. Mas há muitos Braga também na Itália (8.097). Hoje, Braca é claramente italiano (561). AG: Braca 1194L.

Bragança (B2.081/G0/P2.784/E5/I0), **Braganza** (B16/G0/P0/E52/I21)
Braganse (B0/G0/P0/E0/I2),
Bragança não tem a ver com Braga. Bragança pode vir do celta galaico *brigant*, que significa *lugar alto*. Bragança no norte de Portugal. Existem 8.828 brasileiros registrados como **Braganca**, sem cedilha, erro de registro. **Breguens** há um na Nicarágua. Outras cidades têm a mesma etimologia no celta *brigant*: Bregenz (Áustria), Briançon (França), Brianza (Itália). AG: Menendo Braganca 1156S.

Brandão (B24.000/G15/P12.880/E26/I338), **Brandon** (B18/G627/47/E0/I5),
Brando (B0/G0/P0/E188/I918), **Bran** (B94/G129/P4/E144/I132)
Brandoni (B41/G0/P0/E3/I1.258), **Brandone** (B9/G0/P0/E0/I85)
mesma etimologia do celta irlandês Breándan. A raiz celta *bry* significa *prestígio, autoridade, honra*. Evoluiu para *nobre* em galês medieval. O sufixo *-án* transforma essa raiz em substantivo masculino. Temos *bryán* (*Brian*).
Em *Bryándán*, temos o acréscimo de *-dán*. *Dán* (*tán*) é *embaixo, inferior*. *Bryándán:* nobre de autoridade inferior ao *Bryán*.[29] É o vice do Bryán. Alternativamente, temos a cidade de Brando na Galiza, cujo nome deriva do deus celta *Brán*, o deus do *sol poente*. Há muitos Brando na Itália (918). O deus Brán é também venerado no monte Brandon, Irlanda.[30] Explicando melhor: Lug é o deus-sol celta durante a primavera e verão e cede seu posto a Brán na entrada do inverno. *Brándán*, seria aquele que vive *sob (a influência e proteção) do deus-sol Brán*. Na Galiza, os lugares de A Brandona

(Cambados), Brandonha (Barreiros e Tordoia), Bradia (Lousame) e Brandomil (Zas). AG: Brandon 967S, Iohannis Brando 1324S.

Bras (B16.080/G67/P3.350/E267/I6), **Brás** (B89/G0/P2.633/E2/I0), **Bráz** (B90.231/G0/P75/E0/I0), **Braz** (B119.317/G0/P6.643/E159/10)
dicionários indicam a origem em São Blasio, martirizado na Armênia no ano 316DC, cuja devoção viajou 5.300km até a Galiza, e teria se castelhanizado para Blás, depois galicizado para Brás. Pode ser que sim. Mas...é complicado, não? Simplifiquemos: o protocelta *brasso*, que se tornou *bras* em irlandês, escocês e bretão medievais e significa *poderoso, grande, desafiador* e mesmo *violento*. Quem sabe os *brás* fossem os equivalentes celtas dos conhecidos vikings *beserkers*, guerreiros bem armados, ferozes (talvez drogados) que ninguém conseguia vencer. O sobrenome Bras existe historicamente nesses países celtas. Na Galiza: Fonte do Bras (Gudinha), O Brasás (Moanha), O Campo do Bras (Vigo), Rio de Bras. Abordamos a antiga lenda irlandesa sobre uma ilha no Oceano Atlântico, que eles chamavam de Brasil ou Brazil. Mapas do ano 1325 (Angelino Dulcert), 1435 (Andrea Bianco) e um mapa catalão de 1480 mostram a chamada Ilha de Brasil. A lenda foi tão insistente que até em mapas mais recentes de 1865 a ilha ainda era indicada.
Como toda “ilha fantasma”, a ilha Brasil causou muita especulação. Mas não é o país Brasil. A etimologia do nome dessa ilha confere com *bras*, que em irlandês antigo significa *grande*. Ilha Brasil significaria *Ilha Grande*. Seria a Islândia? O mapa de 1480 indica que ela ficaria ao lado da Groenlândia. Essa é uma ilha grande, seria ela a Ilha de Brasil? ;-) AG: 0.

Breijo (B7/G747/P0/E0/I0), **Breixo** (B6/G0/P0/E0/I0)
do celta *Brassion*, tribo celta galaica descrita pelos historiadores gregos. Essa tribo vivia na região dos concelhos de Padrón, Teio, Boqueijão, Melide e Touro na Galiza. *Brassion* vem da raiz **bras** que acabamos de ver mais o plural celta *-ion*. *Brassion* significa *os grandes*, *os poderosos* ou *os violentos*. Venerariam o deus Táranis do trovão e da guerra. Como *brassion* evoluiu para *breixo* ou *breijo*? A localidade de Ambreixo, entre Lugo e Santiago de Compostela,

atesta isso. Seu nome celta *ambibrassion* significa *nas proximidades (das terras) dos Brassion*.[31] Próxima a Ambreixo, existe Sambreixo. *Sama* em celta significa *grande, maior*. Atestado na França,[32] onde os gauleses veneravam a deusa *Belisama*. *Bel*, já vimos aqui em **Beltrão**, significa *Sol*. *Belisama* é a *mais brilhante*. Sambreixo poderia vir de *samabrassion*, que significaria *grandes, poderosos, violentos (celtas da tribo) brassion*. Cuidado ao andar perto de Ambreixo e Sambreixo. ;-) AG: Breixo 1281S.

Brion (B226/G1.005/P28/E0/I294), **Briones** (B274/G270/P1/E4.988/I48),
Brioni (B69/G0/P0/E1/I1.187), **Brionis** (B27/G0/P0/E0/I0),
Brião (B687/G0/P0/E0/I0), **Briao** (B956/G0/P0/E0/I0),
Brianes (B39/G85/P0/E0/I0), Bria (B117/G0/P0/E302/I1.109)
do celta *bryán*, a raiz *bry* significa *prestígio, autoridade, honra*. O sufixo *-án* transforma essa raiz em substantivo. Lugar de A Briona (Betanzos), povoados: Brión em Boiro, Rianxo, Ferrol, Brión e outros. Ver **Brandão**.
Brioni é italiano (1.187). Brionis existe em maior número na Colômbia (CO14) e talvez seja do original Briones. Briao só existe no Brasil, seria de Brião. Brianes é galego. Mas **Brianese** (B70/G0/P0/E0/I226) é da cidade veneta de Briana, citada no ano 1120 como Bosco de Briana. Se for de etimologia celta, como parece ser, significaria que esse bosque era importante para os celtas, talvez devido a um rito religioso. Os celtas usavam bosques e florestas como fronteiras entre cada nação, caso da floresta de **Argenton** na França que separava duas nações celtas. AG: Brion 830L, Brion 1151S, Brione 818L, Bria (vale do rio) 747L, Lama de Bria 1122L, Johannis Iohannis de Bria 1122S. Petrus de Bria 1245S. Bria extinguiu na Galiza, mas continua no resto da Espanha.

Brito (B335.354/G374/P25.156/E11.362/I76),
Britto (B15.063/G0/P94/E46/I24),
Britos (B411/G15/P28/E455/I5), **Brites** (B6.557/G38/P4.350/E43/I1),
Brittes (B1.288/G0/P0/E0/I0), **Brita** (B261/G0/P1/E0/I7)

Britta (B72/G0/P0/E2/I53)
Brita viria talvez da raiz protocelta *brestā*, que seria *combate, luta?* Não se sustenta: *brestā* evoluiu para *bres* (irlandês antigo), *bresel* (bretão). Seria do protocelta *bristā* (quebrar)?[33] Essa evoluiu para o francês *briser* (quebrar). Em ambos os casos, a letra *t* se perdeu. *Brita* e *brito* continuam com *t*. Sua etimologia deve ser outra. Lugares de A Brita (concelhos de O Paramo, Sarria), povoado e lugares de As Britas (Paradela, Nogais), A Chosa das Britas (Sarria). A toponímia *brita* é restrita a O Paramo e Sarria e *britas* a Paradela e Nogais. Só dois topônimos *brito* na Galiza: Britón (Bande) e O Outeiro dos Libritos (A Lama), ambos no sul. O sobrenome Brito é então do norte de Portugal, até o ano 1143 era a Galiza do Sul (condado Portucalensis). Mas, o galego *libritos* é intrigante. Não é *livros pequenos* (o lugar é deserto). Não é de *lebrita,* a fêmea do cão lebreiro. Nem de um suposto *lebrita,* (lebrinha). O local é uma penha (pedra). É por aí: no irlandês antigo, *líe* é *pedra,* tem raiz no protoindo-europeu *leh$_1$-* (*pedra*). O protocelta *bri,* é verbo: *cortar, desmoronar*. O sufixo protocelta *-tus* cria substantivos dos verbos que o antecedem (*bri*). *Le+bri(t)us*, seria *pedra corte* ou *pedra desmoronamento* (desmoronamento de pedra). Há que visitar o local para confirmar essa possível etimologia. Brito viria de toponímia relacionada a *corte (britus)* de algo ou *local de desmoronamento*. Na Galiza e norte de Portugal, há muitos. AG: Agro de Brito 1039L (terras cultiváveis, Braga), Odorius de Brito 1221S, monte de Brito 1046L, perto do Castro Barbudo (Galiza). Brito seria celta e relacionado com pedra, desmoronamento. E Brita? Significaria *"pedra quebrada em cascalho, informa um dicionário reconhecido, e tem raiz no germânico brittjan."* Ocorre que não se encontra nos principais dicionários de etimologia germânica mais atualizados essa suposta raiz *brittjan*. Existiu? Neste Livro dos Sobrenomes Celtas, toda etimologia proposta tem 100% de rastreabilidade. Por que tantos lugares denominados *brita* na Galiza? Seriam todos relacionados com brita, pedra quebrada? Não acredito nisso. No Dicionário da Real Academia Galega, temos: *"brita e birta, rego pequeno que parte de outro maior para distribuir água num terreno. Trilha na neve. Terreno com mata cerrada num monte."*

Caaveiro (B3/G621/P0/E0/I1), **Calaveiro** (B2/G0/P0/E0/I0), **Caabeiro** (B0/G53/P0/E0/I0), **Cabeiro** (B5/G12/P0/E12/I0), **Calaveiras** (B0/G0/P66/E0/I0), **Caveira** (B68/G0/P0/E0/I0), **Cabeiras** (B1/G38/P0/E0/I0), **Caveiro** (B68/G0/P75/E1/I0), **Cavero** (B50/G14/P1/E2.936/I209)
o duplo *a* em Caaveiro indicaria uma antiga consoante entre eles. Temos *sala>saa>sa*. Ver **Saa** e **Sá**. Quem sabe *calaveiro>caaveiro*? Pode ter se originado do celta *kalli* (bosque) + *wari* (*oeste*) ou *cala* (abrigo) + *wari* (oeste).[34] Lugar e monastério de Caaveiro (Pontevedra), povoado de Caaveiro (Narón), topônimo em A Capela, lugares O Herval de Caaveiro (As Somozas) e San Xoán de Caaveiro (Monfero), povoados de Cabeiro (Porto do Son e Ferrol). Cabeira e Cabeiras podem ter outra etimologia em **Gabeira**, **Gabeiras**. A verificar. AG: Calaveiro 1163L e Caaveiro 1232L (o monastério), Calaveira 975L (monte), Caaveiro 1243S.
Cabana (B293/G1.386/P75/E1.314/I0) **Cabanas** (B450/G1.825/P368/E422/I0),
Cabane (B51/G0/P0/E160/I6), **Cabanes** (B60/G14/P0/E2.670/I1)
Cabanela (B1/G88/P0/E0), **Cabanelas** (B164/G908/P208/E0/I0)
Cabano (B11/G0/P28/E105/I386), **Cabaneiro** (B0/G26/P0/E19/I0)
os dicionários informam que *cabana* vem do latim tardio (latim vulgar) *cappana*. Provavelmente foi adotada no latim a partir de palavra celta, leiam Introdução ao Glossário deste livro. No galês temos *cab*, no irlandês *cabán* que significam justamente *cabana*. Outra alternativa seria o irlandês *cabhán* que significa uma *depressão no terreno, vale*. Cabane é de origem francesa. **Cabaneiro** é galego, terminação típica de idioma lusófono (*-eiro*), existem mais na Colômbia (35) e na Venezuela (20) do que na matriz galega. No castelhano seria **Cabanero** (B5/G0/P0/E5/I0) mas até este já anda escasso na Espanha. Vivem mais na França (F58). Os sobrenomes Cabane (F997) e Cabanes (F1.995) são típicos da França. Na Galiza existem os povoados de A Cabana (concelhos de Toques, Porto do Son, Curtis, Campados, A Corunha, Barreiros, Castro de Rei, Muras, Ribadeo e Cambre). Em italiano, *capanna* é *cabana*. Existem vários sobrenomes que podem ter essa

raiz celta: **Capanna** (B0/G0/P0/E0/I1.269), **Capanni** (B12/G0/P0/E1/I1.603), **Capannolo** (B0/G0/P0/E0/I429). AG: Petrus Cabana 1234S, Cabana 1235L, Cabanas 971L (vila), Cabanela 1153L, Cabanelas 791L (vale). Há registro medieval de Cabaneiro, mas sem data.

Caicedo (B42/G17/P1/E2.220/I30)
a etimologia proposta é do protocelta *kalli* (bosque) e *sedo* (paz, mágico). Bosque para rituais de magia celta. *Sedo* também significa montes onde viviam fadas, em irlandês é *sídhe*. Caicedo é comum no norte da América do Sul: Venezuela (7.476), Colômbia (121.180), Equador (23.030), Peru (1.386). O sobrenome ligado **Calicedo** ainda existe, e atesta nossa proposta da perda do *l* em Caicedo. Apenas uma pessoa com esse sobrenome vive em Miami, e outro nas Ilhas Canárias.

Camargo (172.408/G22/P425/E2.467/I46), **Camargos** (B10.352/G0/P28/E2/I1)
Camarga (B45/G0/P0/E0/I0)
a raiz protocelta *geno* que significa *criar*. *Genmarch* (pronúncia *guenmarch*) seria *(local) onde se criam cavalos*. Sobrenome provavelmente originário do vale do rio Camargo, na Cantábria, onde até hoje existe criações extensivas do semi-selvagem pônei *monchino*, aparentado ao milenar cavalo celta garrano (do celta *garrán*, *pequeno*) cuja linhagem se perde nos tempos da pré-história. Há a Camargue francesa, com seus pequenos cavalos brancos (na verdade, cinza-claros). No México, **Camargan** (27) talvez mesma etimologia. AG: Camargo 857L (terras), Camargo 857L (monastério, em Trasmiera) ambos na Cantábria.

Camba (B225/G1.502/P57/E0/I313), **Cambo** (B21/G0/P38/E7/I76), **Cambeiro** (B135/G1.679/P104/E0/I0), **Cambados** (B0/G83/P0/E0/I0),
Cambado (B4/G6/P28/E0/I0)
do protocelta *kambo*, significa *curvo*. O sufixo *-ydd* em irlandês antigo e -edo em protocelta significam *lugar onde há ou ocorre algo*

(ler Introdução ao Glossário). Cambedo (US5) seria *kambo* + *edo* significaria local onde há uma curva (na topografia). Lugares e topônimos na Galiza: Camba (em Paradela, Moanha, Bande, Ponteareas, Brión, Ponteareas, San Sadurninho, Laza, Ourol, Xove, Vilalba, Cambados e outros), Cambados, Cambeiro, Cambedo, monte Camba que significaria *monte Curvo*. Ver **Camões**. AG: Camba 830L (rio), Camba 830L (vila), Camba 925 (monte), Camba 1182S, Cambe 970L (rio), Cambe 1202S, Cambeiro 1152~1217S, Cambado 1132L (monte).

Cambraia (B3.841/G0/P75/E0/I2),
tecido originário da cidade de Cambrai, na França? Sim, mas o nome dessa cidade pode ter raiz no celta *kambrhyd*, que também teria originado o nome da cidade de Cambridge no Reino Unido. *Kambo,* já vimos que significa *curvo* e *rhyd* é *vau* (passagem para atravessar um rio). *Kambrhyd* é *vau curvo*. Na França: **Cambray** (B0/G0/P0/E110/I0) usado por (F967) pessoas. Comum no México (1.285). **Cambraye** (F254) não existe nas Américas.
Cambre (B21/G391/P0/E0/I0), **Cambres** (B4,G0/P0/E177/I0),
Cambra (B184/G306/P179/E2.277/I1), **Cambron** (B0/G0/P0/E392/I1)
Cambrea (B164/G0/P0/E0/I186)
parece que tem a ver com Cambraia, não? Mas deve ter outra raiz. Documentos medievais atestam a evolução *calambre*> *cambre* e perda do *l*. O significado seria então *cala* (campo pedregoso) + *brig* (forte), *calambrig*, significando *forte do campo pedregoso*.[35] Na França **Cambresy** (140), **Cambronne** (86) de onde Pierre Cambrone, general da Guarda Imperial de Napoleão Bonaparte. Foi Cambronne quem mandou o general inglês Wellington à merda, quando este lhe ofereceu a rendição, pois os franceses estavam cercados, evento imortalizado por Victor Hugo no livro Os Miseráveis. A planta cambroeira (Lycium intricatum), erva que cresce em lugares pedregosos e áridos em Portugal e Espanha. Em castelhano se chama cambrón. Essa raiz do idioma celta está ligada a *lugar pedregoso*. Lugares de A Agra da Cambra (Ponteceso), As

Cambras (Betanzos), Cambra (Sarria) e os dois povoados de A Cambra em Mondariz e Lugo.

Caminha (B5.924/G1.806/P142/E2/I1), **Caminhas** (B418/G58/P0/E0/I0)
Caminha não é uma cama pequena. Nem viria do latim *caminare*, que é *caminhar*. Seria do galaico *katminia*, significando *do rio Minho de baixo*.[36] A cidade de Caminha fica na foz, na parte de baixo, desse rio. Mas isso não explica por que vários topônimos galegos ficam situados longe do Rio Minho, tais como Caminhas (Ponteceso), Agro de Caminha (Catoira), As Caminháns (Porto do Son, na ria do Tambre), talvez derivados do latim *caminare*? Pero Vaz (da cidade) de Caminha, descobriu o Brasil com Cabral.

Camões (B179/G0/P1.651/E5/I1), **Camoes** (B690/G0/P0/E7/I0), **Camon** (B17/G0/P1/E479/163), **Camones** (B6/G0/P0/E10/I3),
sobrenome reconhecido devido ao poeta Luis Vaz de Camões. É de origem galega e sua etimologia pode ser celta galaica. Luis foi trineto do trovador e nobre galego Vasco Pires de Camões. Vasco apoiou o rei Pedro I de Castela contra seu meio-irmão Henrique 2 de Castela. Henrique 2 venceu e matou Pedro I. Os apoiadores do falecido Pedro I fugiram do reino da Galiza. Vasco Pires de Camões escapou para Portugal onde o rei Fernando I lhe concedeu terras e regalias. Fernando I queria conquistar a Galiza para Portugal e o apoio de nobres galegos era importante para isso. Sendo galego, o sobrenome de Vasco Pires não podia ser Camões (grafia portuguesa) mas talvez **Camóns**, **Camón** ou **Camones** (grafia galega). A partir daí, temos a possível raiz celta *kam* que significa *curva*. Do protocelta *kambo*, irlandês antigo *camm*, galês antigo *cam*, bretão antigo *camm*, significando *curvo, encurvado, torto*. Lugares franceses de **Cambon** (B15/G1.416/P0/E0/I74/F4.551) (Ariège), Chambon (Ille-et-Villaine), e na Itália **Camboni** (B2/G0/P0/E0/I2.118). Na Escócia a o lugar de Cammo que no ano 1296 se chamava Cambo. Similarmente: *Cambones* > *Camones,* aportuguesado para *Camões*. Povoados galegos de Camondes

(Valadouro, Ponteareas), As Casas do Cambón (Arteixo), Muinho do Cambón (Manzaneda). Ver **Gamboa**. AG: Camon 1328L (povoado).

Candido (B45.089/G0/P0/E280/I2.633),
Cândido (B14.178/G0/P3.048/E64/I714),
Candedo (B11/G82/P4/E0/I0), **Canda** (125/G487/P28/E0/I2),
Cando (B70/G174/P1/E614/I2)
provavelmente do latim *candidus* (branco, alvo). O latim explica *Candido*, mas não *Candedo*. Uma inscrição antiga na Galiza dá a pista certa, digo, celta. *I(ovi) o(ptimo) m(aximo) Candiedoni T. Caesius Rufus Saelenus ex voto fecit.* Júpiter Ótimo Máximo era um deus romano, levado pelos romanos e era venerado nas montanhas. *Candiedoni*, refere-se provavelmente a um clã ou tribo celta cujo nome presumo seria *Candied* (retirando o sufixo latino -*oni*).
Explicando: a lápide informa que Caesius Rufus Saelenus (Césio Rufo Seleno), que doou o ex-voto ao deus Júpiter, era da região ou do clã celta de *Candied*. A etimologia de Candiedo pode vir do protocelta *kand* que significa *brilho*.[37] O sufixo *ydd* ou *edd* (do protocelta *edo*) significa *lugar onde há ou ocorre algo* (ler Introdução ao Glossário). Ver **Cerdido**. *Kandydd* (Candido) e *Kandedd* (Candedo) significariam *lugar onde há ou ocorre o brilho.* Brilho do que? Há que verificar a toponímia. Desculpem-me a brincadeira. Na Galiza o lugar de Candedo, serra do Candán, Portela da Canda, Candaído, O Candedo, Candanhedo. AG: Candido 929L, Candedo 1135L (vila), Cando 1167 (vila).

Cantareiro (B103/G0/P0/E0/I0), **Cantareira** (B65/G0/P0/E0/I0),
Cantarero (B66/G7/P0/E2.790/I0).
do grego *kántaros*, recipiente de água. A *cantareira* era o local onde se guardavam cântaros e o *cantareiro* era o vendedor de água que com sua carroça levava os cântaros pelas vilas e povoados. Mas, atenção: **Cantaria** (B16/G0/P0/E0) viria da raiz pré-celta *gand,* que significa *pedra, rocha*. Pedra de cantaria, escola de cantaria (de pedreiros). Cantaria pode ter existido na Península Ibérica pois existe hoje nas Filipinas, ver Introdução ao Glossário. Ver **Gândara**,

solo pedregoso. A verificar se a Serra da Cantareira (São Paulo) tem seu nome devido à coleta de água ou se lá existiam pedreiras.

Carmona (B7.526/G167/P1.755/E53.698/I90), **Carmones** (B6/G0/P0/E0/I0),
Carmuega (B18/G121/P0/E0/I0), **Carmoega** (B3/G16/P0/E2/I0)
Carmo (B47.624/G0/ P10.983/E25/I7)
Carmona é popular em toda a península ibérica. O idioma celta era utilizado como língua franca entre os vários povos da península, antes que o invasor romano trouxesse o latim. Aqui focamos na origem galega. *Carmona* teria etimologia no celta *karmon* (talha, plaina). *Carmonán*, o sufixo *-án* é masculino. *Carmona* significa *o que corta*, *o que talha*. Local onde se *cortava alguma coisa*. *Carmones* é derivado. Cidade de Carmões em Portugal.
Carmuega viria do celta *karmonaika*, que significa *a bem talhada*. Na Galiza: A Carmona (Ortigueira), Caminho do Carmoneiro (Bande), Carmoneiro (Bande), Fonte Carmona (Moanha). AG: Carmoega 1258L (vila),

Carpinteiro (B246/G44/P1.038/E49/I0),
Carpintero (B120/G838/P0/E4.147/I1), **Carpinteira** (B2/G0/P28/E0/I0)
seria do latim *carpentum*, informa o dicionário. Mas, qual é a etimologia? É do protocelta *karbanto*, que deu no celta gaulês *carpento: carros de guerra*.[38] Os romanos não usavam carros de guerra. Adotaram isso dos celtas. Importaram a palavra celta *karbanto*, chamando de *carpentarium* o fabricante delas. Em tempos de paz os *carpentaria* faziam trabalhos de marcenaria, carroças e carruagens pessoais para os nobres e trabalhavam na construção civil. **Carpentier** (B2/G0/P66/E29/I5) é francês (F39.547). **Carpentieri** (B262/G0/P0/E18/I4.537), italiano. Povoado de O Carpinteiro em Cospeito, lugar do Castro do Carpinteiro (Palas de Rei), As Carpinteiras (Ribadeo).

Carrasco (B4.871/G723/P981/E65.690/I44), **Carasco** (B132/G0/P0/E1/I1) ,
Carra (B1.383/G0/P0/E237/I4.849), **Carras** (B8/G0/P0/E21/I0)

originou-se do verdugo português Belchior Nunes Carrasco que viveu no século 16 diz o dicionário. Mas, felizmente para os de sobrenome Carrasco, não é verdade essa origem no verdugo luso por que o dicionarista em seu dicionário não explica **Carrascosa** (B616/G40/P0/E6.838/I1), **Carrascoso** (B67/G0/P1/E402/I0), **Carrascoza** (B347/G0/P0/E2/I0), **Carrasquel** (B12/G0/P1/E31/I0), e **Carracedo** (B115/G2.341/P28/E2.099/I0). Também não explica **Carrascal** (B107/G58/P38/E2.984/I1). A verdade é que antes do verdugo Carrasco português do século 16, se é que ele existiu mesmo (há dúvidas), já existia há milhares de anos um outro *carrasco,* este bem menos letal. O *carrasco* é um tipo de *carvalho pequeno*, mas de madeira muito dura (Quercus coccifera L. carrasco).

A palavra *carrasco* vem do celta *kar*, que é *duro, pedra, rocha* mais o sufixo celta *-asko*, que significa *parecido*.[39] Carracedo provavelmente vem de *karaskoedd*, o sufixo celta *-edd* (no protocelta seria *-edo*), significa *lugar onde há ou ocorre algo (ler Introdução ao Glossário)*. *Karaskoedd* significaria *local onde há carrascos*. Carrasco significaria *duro como pedra*. Portanto, não tenha medo: os Carrasco são de cerne rijo, mas não são letais a ninguém. A sério agora: do carrasco (a árvore, não o verdugo) era colhida a cochonilha quermes (Kermes vermilio), de cujas fêmeas secas se extraía o caríssimo corante carmesim que era usado para colorir roupas. As túnicas vermelhas de nobres, senadores e generais romanos que vemos em livros e filmes (p.ex. Ben Hur, 1959, essa é do baú, com refilmagem mais espetaculosa em 2016), eram coloridas com essa cochonilha, ou o pó delas. Na Galiza temos os povoados de A Carrasca (Barreiros e Nigrán), A Carrasqueira em Bueu, Vigo, As Neves, Ribadumia, Tominho, Moanha. O Carrascal (Grove). Lugares de A Carrasqueira em Porto do Son e Cangas. AG: Carracedo 1181L (igreja) e 1198L (monastério).

Carro (B594/G4.824/P66/E2.693,/I1.199), **Carroceda** (B0/G21/P0/E0/I0),

Carral (B61/G1.069/P0/E899/I114), **Caron** (B3987/G0/P0/E102/I1.226)
Carron (B216/G97/P1/E582/I318/F4.267)
do celta *karro*, que significa *carro de guerra, carroça*. Ver **Carpinteiro**. Os romanos não usavam carros de guerra. Os celtas, especialmente os gauleses, eram exímios carroceiros. Quando os romanos conquistaram as terras celtas da França até a península Ibérica, importaram o know-how desses carros de combate e adotaram no latim a palavra *carro*. Carroceda pode ser *karro* + *edd*, significaria *local do (onde há) carro*. Na Galiza, o lugar de A Carraceita. Os carros de guerra ou de transporte pessoal eram luxo das elites, por que eram caros. A tal ponto que a palavra celta *karrenon* passou a significar *senhor (nobre)*.[40] De *karrenon* ou do plural celta *carro-ion* seriam os sobrenomes **Carrio** (B137/G6/P849/E2.176/I1) e **Carrion** (B2.137/G67/P0/E18.573/I48).
Na Galiza: lugares de Cárrio e Val de Cárrio. Monte do Cárrio. De origem italiana: **Carrione** (B27/G0/P1/E0/I8), **Carroni** (B1/G0/P0/E0/I200), **Carrone** (B16/G0/P0/E2/I542). AG: Carral 646L, Carro 742L, Carron 1236S, Carrio 842L (vila) e 1144S.

Corveda (B1/G0/P0/E0/I0), **Carvedon** (B1/G0/P0/E0/I0)
Pode vir da raiz *karwo* (*cervo*) e o sufixo *-edd* que significa *lugar onde há ou ocorre algo* (ler Introdução ao Glossário). *Karwoedd*, o *lugar onde há cervos*. Em nosso socorro vem a localidade de O Chao de Carvedo (Pedrafita do Cebreiro, Galiza). **Carvedo** é um sobrenome de baixíssima incidência, um portador nos EUA (2014). Há nos EUA um de sobrenome **Carvedi**, que soa italiano embora não exista na Itália ou outro país. A verificar.

Carvalho (B892.668/G27/P104.425/E1.931/I100), **Carvalhais** (B1.686/G0/P915/E7/I1), **Carvalhaes** (B3.525/G0/P94/E2/I1),
Carvalhal (B2.760/G0/P1.500/E12/I0), **Carvalo** (B66/G0/P1/E1/I1),

Carvalinho (B20/G0/P0/E0/I0), **Carvalhinho** (B146/G0/P453/E0/I0),
Carvalio (B74/G0/P0/E0/I2), **Carvalheira** (B964/G0/P1.217/E7/I0),
Carvalheiro (B1.454/G0/P1.170/E6/I0)
em latim o carvalho se chama *quercus*. Em italiano, carvalho é *quercia* ou *rovere*. No castelhano, é *roble* (etimologia latina). Em português é carvalho, bem diferente. No protocelta, carvalho é *perk,* o que não bate com *carvalho*. Quem sabe esse *v* viria de *karwo*: em protocelta significa *cervo*.[41] Teríamos então aqui a seguinte etimologia: *karwo* + *alyo*. O sufixo celta *-alyo* pode significar *lugar*, *morada*.[42] *Karwo-alyo*, significaria *lugar dos cervos*. Mas o que cervos têm a ver com o carvalho? Os cervos consomem muitas bolotas (sementes) do carvalho. Reúnem-se todo outono europeu em bandos nos **carvalhais** (B1.686/G0/P915/E7/I1), engordando para sobreviver à escassez de alimento do inverno. A árvore carvalho poderia ter adquirido seu nome disso: lugar (de ceva, de engorda) dos cervos.
As pessoas que nesses locais moravam, adotaram esse sobrenome. Cervos pesam até 300kg e eram caça vital que garantia alimento por longo tempo e as bolotas nas florestas de carvalho seriam como uma ceva natural, atraindo esse animal que depois poderia ser caçado pelos caçadores celtas galaicos e sua carne consumida ou defumada para assegurar alimento durante o longo e gélido inverno. **Carvalhido** (B325/G0/P396/E0/I0) como já vimos o sufixo celta *-ydd, -edd* ou *-edo* significa *lugar onde há ou ocorre algo* (ler Introdução ao Glossário). *Karwoalydd* significaria l*ocal onde há ou ocorrem cervos*. **Carvalini** (B12/G0/P0/E0/I0) pode ter a mesma etimologia. Esse sobrenome soa a plural italiano (*-ini*), mas já não existe na Itália, só no Brasil (SP8/RJ3/MT1). Teria ascendência italiana? A verificar. AG: Carvalio 747L (igreja) e 1165S, Carvalo 1249S, Carvala 1240L, Carvallo 1227S, Carvalho 1234L,

Cerdeira (B2.923/G1.427/P1.717/E0/I0), **Cerdeiras** (B5/G75/P1/E24/I0),

Cerdeiro (B63/G128/P0/E0/I1), **Cedeira** (B79/G770/P0/E0/I0), **Cerdido** (B1/G50/P0/E19/I1)
cerdeira é *cerejeira.* Na Galiza é usado. No norte de Portugal é regionalismo, arcaísmo. Na Galiza, os topônimos de Cerdido (concelhos de Eirol, Cerdido e Moeche) que não se enquadram em *cerdeira*. Para Cerdido a raiz pode ser no protocelta *keird*, irlandês antigo *ceird* que significam *caminho, passagem*.[43] Cerdido teria raiz no protocelta *keirdydd*. A terminação celta *-ydd* significa *lugar onde há ou ocorre algo* (ler Introdução ao Glossário). *Keirdydd* seria *lugar do caminho, da passagem*. No celta da Cornualha *kerdhes* (caminho) e no galês *cerdded* (caminho, pronuncia-se *kerdded*). Qual topônimo tem etimologia em cerejeira (cerdeira) e qual em *keird (caminho)*? Na Galiza, além dos acima há as cidades de A Lonxa de Cedeira, Cedeira (Cedeira), Cedeira (Ponteceso) e Peirão de Cedeira. Terras de A Agra de Cerdeiras, A Carbalheira de Cerdeira, e várias terras e cidades chamadas Cerdeiras nos concelhos de Viveiro, Curtis, Ordes, Canhiza, Laracha, Alfoz, Friol, Cervo e Cerceda e mais. Cerdeira 1233L, Cerdeiras 1195S, Cedeira 1196L, Cerdedo 1223L (lugar) e 1261S.
Cervantes (B1.706/G120/P198/E7.481/I28), **Cervante** (B100/G0/P0/E0/I1)
nome de concelho, rio e localidades na Galiza. É a origem galega da família de Miguel de Cervantes, autor de Dom Quixote da Mancha. Será que Cervantes tem a ver com cervos? Não vamos por essa origem animal. Cervantes seria do galaico *kerbantio*, que se transformou no galaico-latino *cerbantiīs* e depois *cervantes*. *Kerba* é *afiado*, *kerbantio* significaria *açougueiro*. Vemos a raiz *kerba* os locais de A Cerva (Toén, Melide, Oza dos Ríos), A Fonte Cerva (Val do Dubra), As Cervas (Santiso). Povoado de Cervantes (Cervantes). AG: Cervantes 916L em 1200L (realengo).

Cobos (B616/G90/P1/E14.031/I4), **Cobo** (B1.109/G248/P1/E18.225/I9)
sobrenome constatado em Cedeira, Galiza, no século 16. Há o protocelta *kobo*, que significa *vitória*. Não localizei topônimos *cobo* na Galiza. Talvez Cobo se originou de **Covo** (B481/G0/P1/E33/I3). Povoados de Covo (concelhos de Oleiros, O Incio, Valdovinho),

Covos (Pobra do Brolhón) e cerca de 281 lugares e povoados usam covo em seus nomes: Valcovo, Ninharcovo e outros. Mas, não existe sobrenome Covo na Galiza atualmente. A etimologia em *kobo* (vitória) não se sustenta. Covo em galego significa cavidade de forma arredondada feita no terreno. Talvez, na toponímia signifique algo parecido: um terreno côncavo. AG: Covo 742L (rio), Covo 1135L (vila).

Coimbra (B39.318/G43/P8.162/E256/I19), **Coinbra** (B126/G0/P0/E0/I0),
Coibra (B27/G0/P0/E0/I0)
sobrenome instigante. No latim medieval é atestado como Conimbrica e outras grafias como *cinunbriga*. É claramente galaico, por causa do final *brica (briga)*, que vem do celta galaico *brixs. Brixs* significa *colina, monte, forte*.[44] *Conimbrixs*, *monte dos conii.* Os conii seriam um antigo povo que vivia na Bética, perto do atual Estreito de Gibraltar, 300 quilômetros ao sul de Coimbra. Teriam emigrado do sul de Portugal (hoje Algarve) para o norte galaico em época remota ou vice-versa para a Bética.
Mas, isso não explica porque existe o Campo da Coímbra, no concelho de Catoira, Galiza. Os supostos conii nunca estiveram lá, eles habitavam 600 quilômetros ao sul da península. A etimologia de Coimbra seria no celta galaico *conimbric>conimbrica>conimbriga>coimbriga>coimbra*. Não deixe de ler o livro *Coimbra, de Conímbriga ou Coniumbriga?*

Coira (B5/G768/P0/E0/I336),
Coura (B4.722/G0/P75/E0/I1), **Coiro** (B299/G0/P0/E3/I1.515)
pode se originar do protocelta *kow-wari* que derivou para o irlandês antigo *cóir* e galês antigo *couer.* Significa *adequado, arrumado, preparado*. Coiro, diversos povoados da Galiza situados nos concelhos de Cangas, Mazaricos, Carral, Sada. Coiroa em Oza dos Ríos. Coirós (Coirós), Vilar de Coiro (Mazaricos). Lucar de As Couras (Vigo), Courán (Moanha), povoado de A Coira (Allariz), A Escoira (Riós). AG: Coira 1117L (porto), Coura 1252S e 1265L (vila), Coiro 1255S.

COLINO (B556/G28/P0/E1.883), **COLIN** (B1.371/G16/P75/E283/I185),
COÍN (B226/G0/P0/E261/I960)
seria masculino de *colina, elevação*, certo? Mas, a palavra *colina* entrou no português do italiano *collina*, e apenas no século 17.[45] E era de uso militar.[46] Os sobrenomes foram adotados antes do século 17, quando não existia o termo militar *collina*, ao menos na Galiza. A sugestão de raiz celta é na palavra *kolino* que é *azevinho*. No sobrenome **LANDEIRA**, vemos que é um terreno florestado com carvalho ou azevinho cujas bolotas cevam o porco celta, raça nativa milenar da Galiza. *Kolino* seria bosque de azevinho, árvore sagrada para os celtas e utilizada na proteção espiritual das casas durante o Samaín, a festividade celta que originou nosso Dia de Finados. Posteriormente, o azevinho foi utilizado para enfeitar casas durante o Natal cristão. Vide **COIMBRA** para algumas possíveis ligações entre a raiz celta *kolin* e o nome dessa cidade.
COLIN é muito popular na França (F51.077). Na Galiza, os lugares de A Cortinha de Colin (Ribadeo) e As Colincas (Tominho).

CUNHA (B251.408/G64/P49.169/E343/I25), **CUIÑA** (B0/G265/P0/E0/I0),
ACUNHA (B1.222/G0/E1/P0/I0), **ACUÑA** (B56/G3.223/P28/E3.849/I8)
ACUNA (B590/G0/P0/E42/I18)
sobrenome de grande ocorrência. Muitos informam que esse sobrenome viria do latim *cuneus*, que significa *cunha* nesse idioma, objeto de forma prismática usado para calçar algo. O Cabo Cuneus (Cabo Cunha) é mencionado por vários historiadores romanos, que assim o chamavam (Plínio, Historial Natural) devido ao seu formato em *cunha*. É o atual Cabo São Vicente, antigamente conhecido como Cabo Sagrado, ou Promontório Sacro pois era local de cerimônias religiosas dos celtas lusitanos. Para informações sobre a mística e religião dos celtas galaicos da Galiza leia o livro Galiza, Terra de Meigas. No entanto há na toponímia galega Os Cunharros, Cascunha, Valdecunhas e Chapacunha. Cunharros poderia vir de *cunha* + *ros*, o sufixo celta *-ros* torna coletivo o substantivo que o

antecede. No português temos *piçarra*, que são *fragmentos, restos de pedra* em castelhano *pizarra* e talvez origem do nome da cidade de **Pizarro** (Extremadura), e do sobrenome. **Cunharro** (B1/G417/P0/E0/I0) seria talvez um local com *fragmentos, restos de cunhas* ou lugar com muitas cunhas. Se isso for comprovado, o que seriam essas *cunhas*? Um estudo baseado em filólogos ibéricos propõe a etimologia da palavra *cunha* na palavra celta asturiano *kaunos*, que significa *pedra*. [47] Outro estudo da Universidade de Brno, República Tcheca, nos confirma que *akaunos* significa *pedra.*[48] Há toponímia na Galiza que parece confirmar que essa raiz celta existiu no galaico falado nesse país: A Corga dos Caúnhos (Lobios), O Caúnho (Bande), Os Penedos dos Caúnhos (Lobios), Poza do Caúnho (Bande). Caúnho seria pedra: *kaunos>caunos>caunhos*.

O sobrenome **Cauño** ocorre nas Filipinas (FL1), pode ser prova que existia na Galiza até os anos 1800, vide Introdução ao Glossário. Voltamos a pesquisar topônimos galegos. Há vários *cunha* e *cuinha*. A etimologia de cuinha seria do latim tardio *colina*, palavra atestada em documentos medievais dos anos 800 na Galiza. O mesmo estudo baseado em filólogos ibéricos indica que a palavra *colina*, no sentido de *morro pequeno*, teria entrado na Galiza apenas nos anos 1700, através da palavra italiana *collina* (com dois “l”) e teria uso estritamente militar. A palavra latina *colina* (com um “l”) já existia na Galiza antes da entrada da *collina* italiana. As citações dos anos 800-900 na Galiza deixam aparente que a *colina* galega (com um só “l”) era sinônimo de *horto, pomar*. Teria o mesmo significado que o celta *gort: terreno elevado e cercado, para cultivo*. (vide **Gordo**). Da *colina* galega se originou o topônimo *cuinha* e provavelmente *cunha*: *colina>coina>cuiña>cunha*. No galego moderno, *cuinha* significa *pequena elevação no terreno (outeiro)*. Esse seria o significado dos sobrenomes Cunha, Cuiña e Cuinha: *outeiro cultivado, horto*. Sua etimologia é do latim falado na Galiza (não na Itália). Outra palavra em sua evolução ficou muito parecida a *cuinha* e por isso causa confusão. Trata-se da palavra galega *coiña (coinha)*. *Coínha* é uma pedra pequena. Aqui a raiz é celta na palavra *kaunos (=pedra)* que

já vimos antes neste verbete. A evolução etimológica seria: *kaunos>kounos>cougna>counha>coinha (coiña)* onde o celta *kaunos* receberia o diminutivo celta *-gno*. *Coinha* é *pequena pedra:* non é boa terra, é um coinhal (terra cheia de pedras), dizem os galegos. Então **Cunha** é *outeiro cultivado, horto*, **Coinha** é *pedra pequena*. Cunha é de origem no latim tardio da Galiza *colina*. Coinha é de origem celta em *kaunos*. Na Galiza, temos os lugares de As Cunhas (concelhos de Portomarín, A Pobra de Trives, Verea, Moanha, entre outros), Cunharro do Cabo (Rodeiro), Cunhas (Ponte de Caldelas, Lourenzá, Cenlle e O Savinhao), o Val de Cunhas (A Merca) entre outros. Voltamos ao conhecido Cabo Cuneus, que segundo mencionado no início deste verbete teria esse nome por que é em formato de cunha. Mas, qual é o cabo que não tem forma de cunha? Boa parte deles têm esse formato. Além disso, esse local era considerado sagrado pelos celtas lusitanos, tanto que chegou a ser chamado de Cabo Sagrado e Promontório Sacro.
É sabida a crença celta na Irlanda, País de Gales e na Galiza em pedras sagradas, que possuem alma, que curam doenças, que fazem premonições (pedras de abalar em Muxía, Galiza e na Irlanda e Escócia também). Algumas delas são a passagem entre o mundo dos vivos e o dos mortos em certas noites especiais (noite de São João). Vejam o livro Galiza, Terra de Meigas, no capítulo O Cavalo Branco de Coiro e As Pedras de Muxía. O Cabo São Vicente (Cabo Cuneus em latim) é bem rochoso. É estéril, pedregoso, seu solo é de piçarras, cheio de *coínhas*, quase não tem vegetação. Quem sabe se o seu nome nos tempos dos celtas lusitanos era *kaunos* (pedra, pedregoso). Ela teria sido latinizada para *cuneus* (cunha), embora com um significado totalmente diferente. E por isso, os navegadores romanos o chamaram assim: *cuneus*. Plínio teria anotado e entendido assim. AG: Cunna (Cunha) 1464S, Cunia 1120L (vila), Cuina 1214L (vila) e 1227S, Cuinna (Cuinha) 714L, Cauno 1009L.

Colombo (B22.446/G6/P104/E724/I133.431), **Colonbo** (B22/G0/P0/E0/I1)
Colombi (B1.580/G0/P1/E38/I8.958), **Colombini** (B1.617/G0/P1/E16/I6.025)

COLOM (B21/G0/P0/E4.371/I1),
do latim *columbus*...ou do protocelta *kolombo*, ambos significam *pombo*. Seria Cristóvão Colombo nativo da Galiza? Alguns dizem que sim. Outros dizem que seria descendente da família bretã (celta) **COULON**, castelhanizada em **COLON** (B171/G25/P1/E1.979/I5). O tema é polêmico. Pesquisas genéticas estão sendo efetuadas mas prometem demorar bastante tempo até um resultado final, pois o tema é politicamente carregado e envolve o orgulho nacional castelhano, galego e italiano.[49] A palavra colombo pode ser de origem celta: temos registrados os santos **COLUMBÁN** (543-615, Irlanda) e **COLUMBA** (521-597, Irlanda). O nome deste segundo santo está registrado em escocês antigo como Columbcille, que significa *kolombo (pombo) + cill (igreja). Cill* se pronuncia *kill*. Ou seja é o pombo da igreja (figurativo), o *emissário da igreja*. *Columbkille* nos idiomas celtas é *apóstolo*.
COULOMB (B8/G0/P0/E2/I0) é popular na França (F2.798) e **COULON** (B36/G0/P0/E18/I4) também (F20.472). AG: Santa Columba 974L (vila), Columba 1008L (vila) e como prenome (não sobrenome) em 1010.

CORDOBA (B1.085/G149/P4/E18.758/I20, **CÓRDOBA** (B40/G0/P1/E347/I0),
CORDOVA (B5.360/G6/P1/E2.917/I691, **CÓRDOVA** (B179/G0/P0/E36/I2)
sobrenome originário da cidade de mesmo nome na Andaluzia. Há registros romanos do ano 2AC que mencionam Corduba (pronuncia-se *cordúba*), um *municipium*. Para os romanos, um *municipium* é uma cidade que já existia, nativa, e que foi romanizada. Ou seja, o nome Corduba tem boa chance de ser nativo, pré-romano. Alguns apontam que a Córduba andaluza possa ter etimologia no cartaginês *khart-* (cidade). Outros apostam numa origem fenícia. A terminação *-oba* e *-uba* é pré-romana, atestada mais ao sul na Bética (Cádiz) em documentos romanos sobre Salduba, povoado hoje em ruinas no município de Estepona. Onoba é o antigo nome da cidade de Huelva. O geógrafo grego Estrabo menciona Maenoba

(hoje Vélez). Todos esses nomes terminam em *-ba*. Essas cidades na costa do Mar Mediterrâneo sofreram influência de mercadores e colônias de fenícios em tempos pré-romanos. Os filólogos propõem a etimologia fenícia *Onos Baal*, *Onuba (hoje Huelva)*. Significaria *Forte de Baal*. Isso seria atestado no nome da cidade de Huelva: pré-romano *Onoba ou Onuba>Aunaba (árabe)>Guelba (árabe)>Huelva*. Temos sempre um substantivo seguido da palavra *-ba* (que seria Baal). Corduba seria *cordu-baal*. *Cordu* ninguém sabe o que é. Baal é o deus fenício da fertilidade. Mas, quais eram as principais cidades na Fenícia? Tiro, Sidon e Biblos. Mais cidades: Dor, Sarepta, Beritos, Arwad. Baal, cadê você? Só uma, Baalbeck, entre sete, tem o nome do deus-fertilizante. Os fenícios da Andaluzia seriam extremistas religiosos enquanto que os da matriz na Fenícia (Líbano) seriam ateus. Ou, quem sabe a terminação *-oba* e *-uba* nada tinha a ver com Baal. Um renomado filólogo, Francisco Villar Liébana, propõe que as palavras iberas (pré-celtas) *uba, ubia* signifiquem *rio*: a cidade romana de Maenuba na foz do rio Vélez. Por Corduba (Córdoba) passa o rio Guadalquivir. Eu acrescento o rio **Cubia** (B8/G0/P0/E1/I0)...ops...esse rio é no norte, nas Asturias. Seu nome atestado no ano 921DC é *Cuuia*.[50] Esse monte de vogais, sugere que existiam consoantes no meio: proponho o protocelta *kom (junto)* + *ubia(rio)*: *comubia>coubia>cuubia>cubia*, nome atual do rio e povoado ao lado dele. Lá no noroeste da península, há a Galiza. Ela nunca foi ocupada pelos cartagineses e o sul dela pouco tempo pelos árabes. Na Galiza há os topônimos de As Canteiras de Cordobís, Cordobelas (povoação em Cedeira) e o lugar de Cordobís (Val do Dubra). Mais ao sul, em terras que eram historicamente da Galiza até o ano 1143, existe um povoado mencionado em registros medievais: Monte Córdova. Ele fica perto de Santo Tirso, a 35 quilômetros ao norte do Porto, Portugal. Um registro antigo nos informa: *"Corduba mons in Portuensi diocese nomen adhuc uulgo retinet, nisi quod rusticorum inscitia, primum concise montem Corduam coepit appellare, postea deprauatius montem Coruam."*[51] Traduzindo: *"o monte Córdova, na diocese do Porto, conserva ainda hoje esse nome, por que por ignorância, a*

gente inculta começou primeiro a designá-lo abreviadamente por Córdua e depois, com maior deturpação, por monte Corva." O povo chamava esse monte de Monte Corva. Explico: em português de Portugal, *corva* é uma mulher malvada que grita muito (de *corvo*). Mas, o que nos importa é que através dessa frase antiga ficamos sabendo que o nome desse monte antigamente era Corduba. Todos os topônimos galegos e do norte de Portugal acima nos lembram a raiz celta *gorto* que significa *colina cercada e cultivada* ou *horto*. Vide **Gordo**. O celta *gorto* explicaria a primeira parte do Monte Córdova português e da Córdoba andaluza também, pois ambos estão no topo de elevações. A segunda parte seria o sufixo ibero (pré-celta) proposto por Villar Liébana: -uba (rio). *Gortouba* significaria um *gorto* (colina cultivada ou horto) *na colina junto ao rio*. Na Galiza, *cordal* é uma sucessão, um grupo de colinas, de morros. Temos o sobrenome **Cordido** (B10/G356/P0/E0/I0), que poderia significar gorto+ydd. O sufixo celta *-ydd* significa lugar onde há ou ocorre algo, ver Introdução ao Glossário. *Gortydd* seria *lugar onde há hortos cultivados*.
AG: Cordoba 1019L (cidade, Andaluzia), Corduba 942L (monte, Galiza-Portugal), Iulianus de Cordido 1124S,

Cornide (B0/G413/P0/E0/I0**)**, **Cornado** (B31/G36/P0/E245/I45)
Cornedo (B0/G0/P0/E0/Io/AR2/VZ1)
sobrenome registrado em Lugo e A Corunha no século 16. Em protocelta, *korno* significa isso mesmo: *corno, chifre*. Os sufixos protocelta *I0* e *ia*, derivados no galês e irlandês antigos *ydd* e *edd* indicam *lugar onde há ou ocorre algo* (ler Introdução ao Glossário). *Kornydd* significaria *lugar do corno*. Que corno seria esse? Pode ser um lugar onde há toponímia em forma de corno. Na Galiza, os povoados de Cornide (concelhos de Cambre, Castro de Rei, Riotorto, Xove, Vilalba, Lama, Fene, Pantón, San Sadurninho e Teo). Cornido (Porto do Son, Narón, Lama, Carnota, Muras). Os povoados de Cornedo (concelhos de Ponteareas, Culheredo), lugares Cornedo (Pontecesures, Celanova, Sarria), lugares de O Cornedo (Val do Dubra, Sarria, O Páramo, Celanova, Brión e Foz).

O sobrenome **Cornidez** (B0/G0/P0/E1/I0) ocorre no México (M91). AG: Cornado 914S e 1027L (vila), Cornedo 1245S.

Correa (B490.072/G2.055/P0/E17.094/I62),
Correia (B431.888/G173/P78.533/E1.999/I42),
Correas (B81/G6/P0/E3.618/I1), **Correias** (B126/G0/P0/E0/I0),
Corria (B165/G0/P0/E24/I4), **Corrias** (B16/G0/P0/E16/I4.861)
koriia, significando *das tropas*; talvez os lugares chamados assim seriam provavelmente local de reunião de soldados galaicos. Desses topônimos se originaram os sobrenomes deste verbete. AG: Correa 1243S.

Cruu (B0/G0/P0/E0/I0), **Cru** (B67/G0/P1/E64/I1)
sobrenome raro, seria do protocelta *krawo*, que evoluiu para o irlandês antigo *cro*, galês medieval *creu* e bretão medieval *crou.* Significa *barraco, estábulo*. Isso nos dá nova visão sobre lugares como O Cruel (Crecente) e Cruel de Baixo (Capela). Não há ninguém cruel lá embaixo, apenas um estábulo. :-)
Lugares de As Cruelas (Santiago de Compostela) e o Castro das Cruelas também em Santiago de Compostela. Sobrenomes: **Cruela** (B1/G0/P0/E1/I0) Argentina (AR6), **Cruella** (B0/G0/P1/E35/I0), **Cruellas** (B6/G0/P0/E174/I1) Argentina (AR57), **Cruells** (B11/G0/P0/E457/I0) (AR0) de origem catalã (Girona), **Cruelles** (B0/G0/P0/E63/I0) de Tarragona. Eles não teriam origem no latim *crudelis* (cruel), mas no celta *krawo* (cabana, estábulo). A pronúncia do *w* nos idiomas celtas é labializada como no inglês: *water* se fala *uóter*. *Krawo* não se pronunciava *kravo* mas *kráuo*. Assim vemos melhor a origem dos sobrenomes Cru, Cruu. Teria sido a partir da influência do idioma celta nativo da Inglaterra que o idioma inglês trazido pelos invasores germânicos anglos e saxões nos anos 400DC labializou o *w (water)* enquanto que os anglos e saxões que permaneceram na Alemanha continuam pronunciando sem a labialização: *Wasser* (pronuncia-se vásser). O nome do rio (e sobrenome) **Douro** (B230/G0/P230/E0/I0) tinha essa labialização: celta *dworios*> atestado pelo latim *duorios* (provavelmente pronunciado *duórios*) > português *douro* e castelhano *duero*. No castelhano se nota a diferença não evidente

no português: *duero* (rio) não tem a ver com *dorado* (dourado). O nome do rio não tem a ver com ouro. O latim do invasor romano (120AC-400DC) não tinha essa labialização e por isso essa característica típica celta se perdeu no galego e português. *Dwórios* nos idiomas celtas ibéricos significa *água escura*.[52] AG: Douro 1122L (Foz Douro) e 1122S.

Curral (B41/G0/P104/E2/I0), **Currao** (B3/G0/P0/E6/I451/AR316), **Curro** (B18/G159/P75/E74/I2.483), **Curros** (B31/G448/P0/E0/I0), **Currais** (B75/G176/P38/E0/I0), **Corral** (B1.510/G6.161/P47/E16.619/I15)
do celta *kurro*, que significa *canto*. Por exemplo a palavra *encurralar* significa forçar, cercar animais ou pessoas num *canto*. Corral é a versão castelhana de Curral. Curro parece ser de origem italiana. Mas Curros é galego. AG: Curro 941L (curro de Grisulfo), Curro 1167L (vila), Curral 1122S, Curral 1272S, Curros 1172L (monte), Curros 1267L (vila), Currais 1243L (vila).
Danta (B914/G85/P4/E211/I1), **Dantas** (B313.673/G115/P5.331/E253/I15),
Dantes (B624/G22/P4/E8/I96)
do celta *danta*. *Danta* reconstrói o protocelta *dantako*, local onde cresce a planta betónica (Stachys betonica). O sufixo celta *-ako* significa *cheio de*. Por exemplo: *tored* é fruta, *toredako* é *frutífero*.[53] *Dantako* é local cheio de plantas *dant* (planta betónica), que tem folhas dentadas (*dant* em protocelta é *dente*).[54] É de uso medicinal desde há milhares de anos, pensava-se que evitava pesadelos, bastando plantá-la no jardim da casa. Era indicada para mais de 40 tipos de doenças. Nem tanto! Mas, sim, ela é cicatrizante, calmante, sedativa e cura problemas intestinais. Só isso. Dantas e Dantes significa filho do Danta, a terminação *s*, *as* ou *es* significa *filho de*. Os desse sobrenome vivem hoje em maior número em Ourense e Pontevedra. Alguns propõem que *Danta* seria *da anta (marco de divisa)*, mas pelo acima exposto não vejo isso como correto. Vide Anta. Na Galiza, os povoados de Campodanta (Cotovade), Cabana de Rocadanta (Lóbios), Valdanta (O Bolo), A Velladanta (A Mezquita).

Deo (B234/G0/P0/E29/I80), **Dea** (B426/G0/P38/E55/I91)
Deva (B24/G0/P0/E12/I40)
se herdado de antepassados galegos e portugueses, é provável que a raiz celta desse sobrenome seja *dewa (deusa), deiwo (deus)*. Na Galiza, o lugar de A Escádeva (concelho de Toén, notem o acento no "a"). Ver **Escádeva**. Povoado de A Ponte Deva (A Canhiza), Aldea de Deva, Fréans de Deva, Xinzo de Deva, Pontedeva (Pontedeva), Deva (Cervantes), Rio Deva (Quintela de Leirado). AG: Dea 949L (fazenda, monastério de S. Pelagio). AG: Deva 853L (rio).

Dorna (534/G179/P0/E0/I101), **Dorneles** (B20.083/G8/P4/E1/I0), **Dornelles** (B12.488/G0/P4/E1/I0), **Dornelle** (B42/G0/P0/E0/I0/F5)
Dornela (B904/G0/P0/E0/I0), **Dornelas** (B14.974/G8/P113/E0/I1)
o protocelta *durno*, irlandês antigo *dorn*, significa *mão, punho*. Mas, a toponímia não confere com esse significado, essa etimologia não se sustenta. Na Idade Média dorna era um tipo de barco.[55] Mas o barco *dorna* não explica lugares como A Ponte da Dorna, em Castro Laboreiro, nas montanhas da Serra do Gerês, norte de Portugal, a 95 quilômetros do mar. Este é de origem latina: *durna* é *calha*. Hoje no norte de Portugal *dorna* tem significado de *vale*. Dorneles, Dornela é *pequeno vale*. Vale do rio Dorna (Galiza). Ainda na Galiza, há os lugares: A Dorna em Oímbra, Santiago de Compostela, Paderne, Arteixo, Pala de Rei. Povoados: A Dorna em Ortigueira e em As Nogais. As Dornas (Lugo). Dorna em Cotobade, Rianxo, Toén, Bergondo. AG: Dorna 787L, 1072L (vila). Dornelas 961L (vila) e 1115S.

Eça (B110/G0/P321/E1/I0), **Aça** (B0/G0/P28/E0/I0),
Aza (B0/G0/E0/P28/I0)
os Aça são fartamente mencionados na história e genealogia medieval. Em castelhano medieval é escrito Aza,[56] sobrenome quase extinto e que pode ter originado Aça, e este a Eça. São descendentes da Casa de Lara, da cidade de Lara de los Infantes, em Castela-Leão,[57] berço da monarquia castelhana. Eram tradicionalmente da linha dos condes

de Naxera. Naxera é o antigo nome da atual cidade de Nájera. Foi a capital do antigo reino de Navarra. Então houve a invasão árabe muçulmana dos anos 711-714DC. Depois, a Reconquista cristã dessa região foi promovida pelo Conde Fernán Gonzalez. Ele repovoou essa região de Aza e Roa com colonos cristãos que trouxe do norte da península nos anos 910 a 940. No ano de 1080, o rei castelhano Afonso 6º entregou seu filho e herdeiro o infante Dom Sancho para que fosse educado pelo primeiro conde de Naxera. O segundo conde, Garcia Garcês Aça, sogro de Jean Tiranoth (ver O Livro Ancestral dos Araújo), herdou o posto de Aio do Rei.
O aio era um nobre altamente influente e de confiança, responsável pela educação do herdeiro do trono.[58] Uma taça de prata de cerca de 2.500 anos de idade e que está no Museu de Lisboa, tem a seguinte inscrição: *alizos azas balaisokum*. O professor David Stifter da Universidade da Irlanda, em seu livro Old Celtic Languages, p.76, 2002, traduz essa inscrição: *Alizo, filho de Aza, do clã dos Balaiscos*.[59] A tribo celtibera dos Balaiscos vivia numa cidade que os romanos chamaram de Contrebia Balaisca. O nome Aza é portanto nativo dessa região de Burgos, Haza e Nájera. Há o rio Haza que passa perto do povoado de mesmo nome, em seu caminho para desembocar no rio Douro. Mas, qual seria a etimologia de Aza (celtibero), depois Aza (castelhano), Aça (galego) e finalmente Eça (português)? É um nome milenar, pré-celta (ibero). Ainda não se sabe. AG: Aza 1144S, 1146L. Aça 1231S. Eça parece ser derivado de Aça.

Escadeva (B0/G0/P0/E0/I0), **Escodevo** (B0/G0/P0/E0/I0)
um dos últimos portadores do sobrenome Escádeva viveu no Brasil: Liberata Escadeva que vivia no final do século 19 no Estado de São Paulo.[60] Há duas pessoas de sobrenome Escodevo nos EUA. São sobrenomes oriundos do vale do rio Escádeva, na Galiza[61]. Esse sobrenome tem uma origem sinistra. Todas as noites os celtas galaicos mantinham fogueiras acesas em suas casas circulares de pedra, teto de palha, sem chaminé e poucas janelas por causa do frio. Usavam a fogueira para assar deliciosas castanhas da Galiza e cozinhar. Elas eram a base da alimentação dos celtas galaicos. Eram o arroz e feijão deles. E a farofa também: delas assadas

faziam farinha. Ela se conservava por bastante tempo e é forte em carboidratos, naquele tempo em que essa palavra não causava o terror das pessoas que fazem regime.
Às noites, naquela conversa miúda ao pé do fogo, depois da janta à base de castanhas enriquecidas com alguma carne de caça ou mingau de cereais para os vegans, alguém começava a falar sobre o rio Escádeva. As crianças escutavam de olhos arregalados as histórias ancestrais contadas pelos idosos avós celtas. O perigo do rio Escádeva, diziam eles, não era o rio em si, mas quem morava nele: a deusa celta Sk*ā*tódew*ās*. É uma deusa tão oculta que não se encontram traços dela nem no Google. Seu nome Sk*ā*tódew*ās* vem de *dewas* que em celta galaico significa *deusa.*[62] Ver sobrenomes **DEO**, **DEA**.

Moinho no Rio Forxá (Escádeva) no inverno. No verão a região é ainda mais bonita.
© Galicia de Pueblo en Pueblo.

Então Sk*ā*tódew*ās* significaria a *deusa Skātó*. Mas, se *dewā* significa *deusa*, o que significaria *skātó*? Tremo só de lembrar. S*kātó* significa *sombras*. Sk*ā*tódew*ās* era a *Deusa das Sombras*. Ela era a *Morte*. Mas, como ela - Sk*ā*tó para os amigos e o nome completo para os inimigos - matava os pobres celtas galaicos? Mediante fogo, tortura, fome ou epidemias?
Não. Algo muito pior que isso: um *banho*. Sk*ā*tódew*ās* aparecia à noite nas imediações dos rios e se oferecia para lavar o corpo dos que passassem ali perto. A pessoa desavisada que aceitasse o banho, morreria logo em seguida.[63] Talvez por isso alguns de nós temos aversão a banho. É instinto de sobrevivência. Mas,

brincadeiras à parte, o vale do rio *Skātódewās* é muito bonito e é um local turístico com muitas trilhas para caminhadas. Possui também locais com mesas para piqueniques à sombra dos belos carvalhos. Antes rio Escádeva, hoje chamado Forxá, o rio é encachoeirado, e tem vários moinhos em seu trajeto, ótimos cenários para fotos. Mas, e quanto à essa deusa sinistra, a *Skātódewās*? Não se preocupe, caro leitor. Não há mais problema. Há séculos que ninguém a vê por lá. Mas, se um dia estiver por lá nunca caia na água do rio Escádeva! Você morrerá...de frio. A água é muito gelada. Além do rio Escádeva, há os povoados galegos de Escadavada (Vilalba), Escádebas (Guitiriz) e Os Escádavos (O Páramo).

Évora (B28/G0/P783/E5/I0), **Evora** (B268/G0/P576/E644/I6)
do celta *ebur,* que significa a árvore *teixo*. Évora no Alentejo português. A palavra *ebur* também ocorre fora de Portugal, na Celtibéria, rio Ebro e Ebora em Sanlúcar de Barrameda. O teixo era uma das árvores sagradas dos celtas, utilizado em seus ritos ancestrais, ler Galiza, Terra de Meigas, no capítulo Santo André de Teixido. AG: Ebora 1214S (cavaleiro da Ordem de Calatrava).

Fraga (B53.452/G12.666/P3.982/E0/I30),
Fragoso (B19.699/G116/P5.020/E1.375/I1), **Fragozo** (B733/G0/P1/E1/I0)
Fragosa (B26/G0/P0/E1/I0), **Fragueiro** (B76/G11/P57/E405/I0),
“Fraga é sobrenome de origem portuguesa, classificado como sendo toponímico, ou seja, de origem geográfica, variante do sobrenome Fragoso, o qual seria ‘um lugar onde há muitos Fragas’...É uma antiga família genovesa, procedente de um duque.” Com relação à origem em algum duque genovês, haveria que ter atestação sobre essa afirmação mediante algum registro ou documento medieval.
Enquanto a atestação, o documento ou pelo menos a fonte dessa informação não é publicada, vamos ver outras possibilidades. Fraga seria de origem latina, *fraga* poderia ser o plural de *fragum* e significaria *morangos*.[64] Mas essa não seria sua etimologia por uma razão de cultivo. O morango não era cultivado frequentemente na península ibérica antes do século 16.[65] Seu cultivo extensivo começou no norte da França nesse século e só depois nos países

ibéricos. Como então encontramos registros medievais de Fraga 400 anos antes, no ano 1110? Por que alguém tomaria um sobrenome de uma fruta que não existia no lugar e na época onde vivia? Além disso, há toponímia local na Galiza, o que indica origem galega e não de Genova. Continuando a busca, encontramos que Fraga também pode derivar da palavra latina *fraga* que é *rochedo escarpado*. [66] Em português, *fragoso* significa *onde há fragas, de difícil acesso.*[67] Então, na verdade *fraga* originou *fragoso* e não o inverso. Na Galiza, fraga é uma pedra grande enterrada que assoma à superfície. Fraga também pode ser um monte isolado, com penhascos e de difícil acesso e *com muita vegetação nativa espontânea*. Daí, veio em galego o nome fragueiro (e sobrenome), que significa *pessoa que se dedica a cortar árvores*.[68] O fragueiro era especialista em subir nas fragas, montes de pedra e de difícil acesso, e cortar madeira para trabalhos em marcenaria. Há muitos topônimos e vários povoados A Fraga na Galiza. No idioma galego *fragueiro* também significa *carpinteiro*, pessoa que pega madeira nas fragas para usar em serviços de carpintaria. Além dessa etimologia latina, não custa propor uma origem alternativa celta para Fraga. Esse sobrenome pode ser originário do galaico *wraga. Wraga* significa *choupana, choça*; teria evoluído para o irlandês moderno *fraigh*, significando *parede* (de casa). [69] AG: Fraga 1110L (monte), 1232L (vila), 1288S. Fragoso 934L, 943L (vila), 1233S.

Gabeira (B145/G0/P0/E1/I0), **Gabeiras** (B4/G330/P0/E0/I0)

das Ilhas Gabeiras e da localidade de A Gabeira, próximo à Praia de Baleo na Galiza, entre outras Do protocelta *gabro*, galês antigo *gafr* e bretão antigo *gabr*. *Gabro* significa *bode* e *gabra*, *cabra*. Os idiomas celtas e os romances (originários do latim) tem mesma origem num antigo idioma indo-europeu. Por isso encontramos essas similaridades como *gabra* (celta) e *cabra* (no português, do latim *capra*). Algumas localidades fora da Galiza podem ter o nome Cabra, como um povoado na região de Córdoba com esse nome. Mas, nesse caso devido à ocupação árabe que durou 700 anos, é provável que o nome desse povoado não é celta mas originou do árabe *qabr* (cemitério). Povoados de A Gabeira (Valdovinho), As

Gabeiras (Catoira). As Ilhas Gabeiras, A Terra da Gabeira e A Gabeira de Fóra (Cedeira).

Gamboa (B1.768/G26/P1.472/E3.361/I26), **Ganboa** (B16/G0/P0/E56/I0),
Camboa (B30/G0/P198/E0/I54)
alguns dizem que teria origem basca. É mais provável que venha do celta *komboa*, cercado utilizado para captura de peixes cercados na maré baixa. Com esse mesmo sentido essa palavra ainda usada em certas regiões do Brasil, conforme atestado no Nordeste brasileiro. A raiz celta *komba* significa *curvo*. A Cortinha de Gamboa (Barreiros), A Camboa (Pontevedra), Camboa (Cambados). Vide Comba.

Gandara (B1.322/G2.844/P217/E364/I1), **Gândara** (B18/G0/P75/E1/I1)
Gandaras (B0/G100/P1/E0/I0), **Gandra** (B4.176/G0/P962/E10),
sobrenome que demandou não pouca pesquisa para encontrar uma raiz ibérica viável. À primeira vista, parece originário do árabe *qantar*, que significa ponte. Há presença dessa possível raiz árabe na península ibérica e Norte da África, principalmente na Algéria. Na Península Ibérica, mencionamos apenas um local que é a ponte de **Alcântara** (árabe *al-qantar*, a ponte) (B12.984/G597/P802/E261/I12). E, bela obra de arquitetura romana datada do século 106DC, construída por ordem do imperador Trajano e que cruza o rio Tejo na localidade de Alcántara, Cáceres, Espanha.
No entanto, analisando a ocorrência geográfica dos sobrenomes deste verbete, chama a atenção que se concentram no noroeste da península ibérica (Galiza, norte de Portugal) e não no sul, onde os invasores árabes estiveram por muitos mais séculos e poderiam ter impactado mais a toponímia e sobrenomes. Lá nessas regiões, do noroeste peninsular, na Galiza, a palavra *gândara* significa um *terreno pedregoso* impróprio para a agricultura. Há muitas palavras de origem árabe que “migraram” para o norte cristão durante os 700 anos de invasão e ocupação árabe da Península Ibérica. Mas, a ocorrência geográfica no seu extremo noroeste, região que não foi

ou foi pouco ocupada pelos árabes, às vezes durante apenas 50 anos ou menos, sem tempo para impactar na toponímia, pode indicar que a palavra *gândara* seja nativa e não importada. Não há raiz celta para essa palavra: *pedra* é *arto. Rocha* e *solo rochoso* (equivalente a *gândara*) é *barina. Brawon* é *pedra de moer*, *fales* é *rocha* e dela veio falésia (penhasco), *flikka* é *lápide de túmulo* (pedra achatada), karno é *monte de pedras* e daí se originou *cairn* em inglês, e por aí vai. Essas raízes celtas não tem nada a ver com *gândara*. Nos idiomas germânicos antigos: *gander, gandra*, significa *ganso*. Nada a ver com *terreno pedregoso* impróprio para agricultura, seu significado atual. Se supormos que o significado de *gândara* (terreno pedregoso) se preservou ao longo de 2.000 anos no noroeste peninsular ibérico sem contaminação externa, então o germânico significado *ganso* está fora da curva. Outros dirão: e a palavra árabe *qantar,* que significa *ponte*? Seu significado (ponte) não confere com o de *gândara*: terreno pedregoso, impróprio para agricultura. Na Galiza, existem 330 topônimos com o nome Gándara. Terão seu nome por causa de pontes no local? Duvido. Um dos topônimos nos prova isso: A Bouza de Gándara. Bouza é terreno de pastagem para gado (vide **Rebouças**) e gándara é o tal terreno pedregoso. Vemos que A Bouza de Gándara não tem nada a ver com ponte, é terreno que não servindo para cultivo por ser pedregoso, é usado para pastoreio. Em galego, animais de pastoreio são o *gando* (no português é *gado*). Logo, o árabe *qantar* (ponte) parece fora da curva de probabilidades. O árabe é falado por 420 milhões de pessoas, mas não existe sequer um dicionário de etimologia desse idioma.

A Universidade de Oslo (Noruega) trabalha num projeto de dicionário etimológico do árabe para sanar isso. Enquanto esse projeto não for publicado ficamos sem ter como verificar a etimologia de *qantar*. Deste modo, tudo o que se escrever sobre a etimologia de *qantar*, poderão ser hipóteses e suposições de um ou outro pesquisador individual. Não serão baseadas num trabalho consistente de um grupo de filólogos. Além disso, o sobrenome árabe **Qantar** ocorre principalmente na Síria (329) e Jordânia (158), **Qantara** só na Síria e Tunísia. Suas únicas possíveis

conexões na península ibérica seriam **Cantar** (B0/G0/P0/E16/I0), **Cantara** (B55/G0/P28/E0/I125), **Cântara** (B0/G0/P4/E0/I0) e **Alcantar** (B52/G0/P0/13/I1) que ocorrem todos no sul da península ibérica e não no norte-noroeste (em Portugal não temos a distribuição regional). Nenhum desses sobrenomes ibéricos e provavelmente descendentes do árabe *qantar* (ponte) têm mais de 60 portadores. Os nortenhos Gândara e Gandra têm muito maior incidência e isso se deve a que há um grande número de topônimos e povoados galegos que portam esse nome e que originaram os sobrenomes das pessoas que os portam hoje. Assim sendo, embora permaneçam grandes lacunas na pesquisa etimológica, parece que *Gândara* e demais citados no cabeçalho deste verbete e que começam com a letra *g*, são de origem nativa e significam *terreno pedregoso* enquanto *Cantara* e demais são de origem no árabe *qantar* que significa *ponte*. Mas, se Gândara e demais são nativos do noroeste ibérico e não são celtas, qual seria sua etimologia? Voltemos à Introdução ao Glossário deste livro: as Camadas de idiomas. Temos duas origens principais: os celtas, que já vimos não tem em seu idioma uma etimologia satisfatória para gândara, e os iberos. Os iberos eram povos que viviam na península antes da invasão celta, que segundo recentes estudos de DNA, teria ocorrido por volta de 1.500AC. Os iberos foram expulsos de suas terras mais ao norte pelos celtas, mas continuaram vivendo no sul da península até os tempos do Império Romano onde seus últimos indícios sobreviveram até perto do século 1AC, segundo historiadores romanos. O idioma ibero nem indo-europeu era, portanto, não era aparentado com o latim, nem com os idiomas celtas e germânicos.
A raiz pré-romana *gant, kant,* provavelmente do idioma ibero, significa justamente *pedra, rocha*.[70] Aí temos um significado que confere com o da palavra *gândara*, *terreno pedregoso*, *pasto pedregoso*. AG: Gandara 916L, 1229S. Gandra 969L, 982L (vila). Cantara 194S. Candara 1201L. Alcantar 1217L (vila perto do Convento de Calatrava).

Garcia (B469.785/G156.903/P18.626/E1.511.173/I1.529),
García (B43/G0/P226/E26.188/I63), **Carcia** (B67/G0/P0/E16/I33)

do celta *karkiia*, que significa *garça*. Mas, caro leitor, por que alguém adotaria o sobrenome de *garça*? Isso é muito estranho! Na Galiza, o sobrenome Garcia ocorre principalmente em A Corunha e Vigo, mas também em Pontevedra. Lugares de A Garcia em Cambre, Melide, Celanova e Riós e povoados de Garcias em Vigo e Mondariz. Para o outro sobrenome listado neste verbete, Carcia, há pouquíssima toponímia que poderia ter derivado do celta *karkiia*: apenas o Lugar de Carciás (Santiago de Compostela). Por isso o sobrenome Carcia existe em tão pouco número. Nossos amigos bascos indicam que Garcia viria do basco *garzea*, que depois evoluiu para *gartzea* e *gartzia*, significando *o jovem*.[71] Porém, essa possibilidade fica sem sustentação por que o filólogo que teria descoberto essa conexão faleceu depois de emiti-la verbalmente numa reunião, sem revelar as fontes. Mesmo assim, vamos tentar traçar um percurso histórico para esse sobrenome: o primeiro registro na história desse sobrenome Garcia, ocorreu com Garcia Inhíguez, rei de Pamplona (810-882). A partir daí o sobrenome teria se popularizado enormemente, hoje portado por cerca de 5 milhões de pessoas.

Mas, se esse rei utilizou o nome Garcia enquanto viveu entre os anos 810 e 882, como é que existe um registro na Galiza do ano 883 que menciona um certo Garcia que lá vivia?[72] Investigando o assunto, temos que esse documento é assinado pelo Rei Afonso 3º (848-910) príncipe de Todas as Galizas, rei de Leão e Astúrias. Cerca do ano 860, Afonso formou uma aliança com o Reino de Pamplona, cujo rei era o antes citado Garcia Inhíguez. A filha de Garcia, Jimena, selou a aliança ao se casar com Afonso 3º. Eles tiveram vários filhos, entre os quais um que foi batizado de Garcia (871-914) em honra ao avô rei de Pamplona. No ano 909, Afonso 3º renunciou ao trono e nomeou cada um de seus filhos para um dos reinos que tinha unificado: o reino de Astúrias foi para seu filho Fruela, o de Galiza para Ordonho e o de Leão para seu filho Garcia. Esse foi o provável percurso do nome (e depois sobrenome) Garcia, desde o Reino de Pamplona até o Reino de Leão, de onde esse nome teria entrado na Galiza. Esse sobrenome é mesmo basco, navarro. Voltando à raiz celta *karkiia*, a *garça* em protocelta, teria mesmo originado o sobrenome típico galego **Carcia**? Ele poderia

vir de *karkiedd (local onde há garças)>karkiia>carcia*.[73] O sufixo celta *-edd* (no protocelta seria *-edo*), significa *lugar onde há ou ocorre algo (ler Introdução ao Glossário)*. **Carquiet** (F7) existe na França (Bretanha, país celta). Na Galiza **Carcedo** (B1/G19/P1/E1.215/I0) talvez de karkiedd (local onde há garças), ou de *karaskoedd* que seria *local onde há carrascos*, o carvalho pequeno. *Karaskoedd>carraceda>carceda>carcea>carcia.* Ver **Carracedo**. AG: Garcia 883P, 1087S. Garciia 1258S.

Garrido (B12.174/G9.627/P3.963/E80.467/I67), **Garredo** (B16/G0/P0/E1/I0)
Garrio (B69/G0/P0/E0/I0), **Garro** (B472/G6/P28/E2.499/I1.680), do protocelta *garyo*, que significa *chamado, grito* mais o sufixo *ydd* ou *edd*, que significa o *lugar onde há ou ocorre algo* (ler Introdução ao Glossário). *Garydd* significaria *local do grito* ou *local do chamado.* Talvez fosse um local mais alto usado para comunicações entre pessoas e povoados nas montanhas. Esses locais, com seus profundos vales dificultam o transito de pessoas. Não havia cobertura de 5G, Whatsapp nem Instagram. Por isso, comunidades montanhesas se comunicavam à distância. São as linguagens das montanhas, como as assobiadas: o Silbo na ilha de La Gomera (Canárias) ainda viva, e a de Aas (Pireneus franceses, extinta). No caso de *garyyd* não seriam silvos mas talvez brados de comunicação. Garrido em português significa vistoso e dicionários dão sua origem no latim *garritus*. Mas *garritus* é latim tardio, vulgar. Pelo princípio de Ilhas Estrangeiras em Oceano Celta descrito na Introdução ao Glossário o latim pode ter emprestado *garritus* do celta *garydd*. Mas, palavras como *gárrulo* que significa *falador, tagarela, canto estridente de ave*, preservaram o sentido do celta *garyo* (*grito*). Garrido é um sobrenome atestado em Ortigueira, Galiza, no século 16. Hoje concentra-se principalmente em Ourense, Pontevedra e A Corunha. Toponímia: Monte Garrido (Celanova), Pozo Garrido (Moanha), Punta Garrido (O Grove). Para **Garro**, ver etimologia alternativa em **Carro**.

Gordo (B1.257/G21/P925/E6.861/I1), **Gordido** (B0/G20/P0/E0/I0),

Gordedo (B0/G24/P0/E0/I0)
significaria *gordo, obeso*. Mas, isso não explica Gordido e Gordedo. Esses viriam do celta *gorto* (campo cultivado cercado, horto na colina) + os sufixos celtas *-ydd* e *-edd* que significam *lugar onde há ou ocorre algo* (ler a Introdução ao Glossário). Gordido e Gordedo, significariam *o local onde haviam campos cultivados*. Sabemos que Gordon é sobrenome de origem escocesa. Vamos viajar até a Escócia. Lá nesse país há o sobrenome **Gordon** muito popular na Escócia (SL11.979) e Inglaterra (EN30.878). Nessa localidade a 57 quilômetros de Edimburgo viveu o clã escocês dos Gordon. A atestação mais antiga desse sobrenome refere-se a ao nobre Richer de Gordun. Nosso medieval Richer de Gordun foi mencionado num documento datado de meados do século 12.[74] O nome Richer não é celta, é germânico (Richard).
Os nobres de origem germânica que controlavam a Inglaterra naquele século eram os normandos. Os normandos eram antigos vikings (povo germânico) que colonizaram a Normandia (França). Por isso, da Escócia vamos à França. E, na França, há várias cidades com esse nome: Gourdon, nos Alpes Marítimos, sul da França, considerada uma das mais bonitas cidades turísticas francesas e que recomendo visitar. Fica no topo de uma montanha rochosa. Gourdon na região francesa de Lot, linda cidade com seu centro medieval e castelo, à beira do rio Dordogne, também está no topo de uma montanha. Gourdon em Basse-en-Basset à beira do rio Loire e Gourdon na região de Saillans, todas ficam no topo de montanhas. Será que essa “cerca”, possível significado da raiz celta *gorto*, seria uma paliçada de fortificação no topo de montanhas? Mas outra fonte, que é o Dicionário Topográfico da França nos informa mais detalhes sobre antigos registros históricos: dos seis lugares mencionados, conforme documentos antigos desde o ano 873, quatro são fazendas e dois são pequenos povoados de poucas casas. A raiz celta *gorto* pode ter originado a palavra *horto*, *local de cultivo cercado*. No século 1DC significava *casa de campo*. Esse seria o significado de Gordo, Gordon, Gòrdan, **Gourdon** (B0/G0/P0/E3/I1/F6.765). Os sobrenomes Gordido e Gordedo significariam *da fazenda*, *fazendeiros*. **Gordones** (B0/G0/P0/E0/I0)

significa *filho do Gordon*. Só ocorre na Venezuela (VZ1.097) e no Panamá (PN148) e Estados Unidos (US4). Sua existência nas Filipinas (FP30) pode comprovar que existia também na península Ibérica, vide Introdução ao Glossário. **Cordo** (B95/G440/P0/E0/I42) talvez tenha mesma etimologia em *gorto*. Ver **Cordoba**. Na Galiza, há topônimos associados à altura, lugar elevado, que podem ter essa mesma raiz celta *gorto (campo cercado, elevado, no topo de colina)*: Caminho do Penedo Cordón (Ponteceso), A Mouta do Cordo (A Lama), As Canteiras do Cordo (vide Cantareira), Cordón (Cospeito), O Cordón (Cedeira, Moanha, Xove, Viveiro, Tominho, Boqueixón, Cangas e Castro de Rei), e as povoações de Cordón (Burela), Cruceiro do Cordón (Castro de Rei), O Cordón (Castro de Rei), Cordón de Arriba e Cordón de Abaixo (Coirós), Prado de Cortón (A Pontenova), dois povoados Cortos (Santiago de Compostela) e o lugar de O Alto da Zanca de Cortos (Santiago de Compostela).
Os registros medievais indicam que Gordo seria apelido: *"Fernando Fernandi cognomento Gordo..."* 1228S. Cordido 1124S. Gordon 1105L (terras), 1199S, 1225L (vale). Gordone 918L (castelo em Leão). Cordo 1121S.

Homem (B5.082/G0/P1.623/E4/I0)), **Home** (B251/G0/P198/E35/I62) vem do latim *homo*, que significa *homem* e cujo acusativo singular é *hominem*. Um registro do ano 1253 lista um tal de Petro Bon Ome. Deve ter sido boa gente. Mas, há uma alternativa no rio Homem, na Serra Amarela, Galiza. O nome desse rio nada tem a ver com masculinidade. Uns indicam que se originaria do celta galaico *om*, que significaria *fonte, água corrente*. Em irlandês moderno, *om* ou *omh* significa *cru*, como em *carne crua*. Também significa *imaturo, rude*.[75] *Cru* não parece ser a raiz do nome desse rio. Na verdade essa raiz celta não é *om*, mas *am*.[76] Se você já visitou Dublin, Irlanda, talvez tenha notado que o nome do rio que corta a cidade se chama Life. Em irlandês An Life significa Rio Life. O irlandês moderno *an* se originou da raiz celta *am*. De volta ao Rio Homem (Portugal), o acesso à bonita cascata desse rio se faz pela estrada

romana que cruza a serra do Gerês pela Portela do Homem, saindo de Portugal e entrando na Galiza. Logo ao cruzar a fronteira, há a piscina natural termal em Torneiros (Galiza). Aí nessa fonte morava em tempos celtas o tal do deus Borwon, das águas termais e das fontes borbulhantes. Veja **Borba**. E aí vemos a origem do nome desse rio. A raiz protocelta *am* (rio), derivou de modo diferente nos vários idiomas celtas filhos do protocelta. Em irlandês, virou *an*. Em gaulês antigo, era *ama*. E na Galiza, tudo indica que derivou para *oma* ou *uma*. O nome do rio Home (atestado) na Idade Média era Ome (sem *h*). Há a ria de Umia, também na Galiza na ria de Arousa, com essa mesma raiz celta. Os de sobrenome Homem podem ter se originado dessa bonita região da Serra Amarela, no parque da Peneda Gerês.
A região é bonita para pousar e desfrutar da boa comida montanhesa, fazer caminhadas e mountain bike. Na Galiza, temos os topônimos O Home, nome de dois rios nesse país, um em Valdovinho e outro em Cedeira. Na França, o rio Homme, na belíssima Dordogne. AG: Bon Ome 1180S. Home 1304S.

Isorna (B1/G212/P0/E83/I1), **Isorni** (B0/G0/P0/E0/I1)
do protocelta *isarna*, que significa *ferro*. Os celtas eram especialistas em mineração, forja e ourivesaria. Isorni é italiano, ocorre na Argentina (AR46). AG: Isorna 1252S, de Isorna, indicando que havia um lugar ou vila Isorna.

Landa (B437/G26/P28/E4.133/I239, **Landi** (B2.638/G0/P28/E206/I24.707)
existem raízes não célticas para esse sobrenome, como Landau (Alemanha) e Landa (República Tcheca). Teria origem no germânico *land* que significa *terra*? Os filólogos dizem que não. Até por que isso não explica por que esse nome ocorre na Galiza e na Bretanha (França, sobrenomes Lande, Lalande, Deslandes). Nesses lugares houve menor ou nenhuma influência germânica em tempos antigos. Lá a cultura celta prevaleceu e ainda hoje em partes da Bretanha, se fala o idioma bretão. Pode ser que os sobrenomes deste verbete tenham etimologia no protocelta *landa*, que significa *terra*

descampada, aberta, *terra desmatada*. Ver **Tavoada** para comparação. Hoje em dia essa raiz celta sobrevive na palavra galega *landeira*. Na Galiza há os lugares de A Agra da Landeira (concelhos de Ponteceso e Sarria), A Branha da Landeira (Brión), A Burata Landeira (Santiago de Compostela), A Carbalheira de Landeiro (concelho de A Lama), A Fonte Landeira (Pedrafita do Cebreiro) esta última parte do Caminho de Santiago (Francês). Na Galiza, landeira significa terreno com azinheiras ou sobreiros (a árvore da cortiça) usado para pasto de animais. No norte de Portugal, a landeira é chamada de montado. Os animais engordam comendo as bolotas e sementes dessas árvores, numa ceva natural e que dá à sua carne um sabor delicioso. O (ainda não tão) famoso porco celta da Galiza, raça de suíno ancestral e nativa da Galiza, que existe desde os tempos dos celtas galaicos há mais de 2.000 anos atrás, é cevado naturalmente nessas landeiras.
Sua carne, que é marmorizada da gordura e por isso muito macia, fica bem saborosa no churrasco. Sobrenomes que podem ter a mesma raiz: **Landeiro** (B261/G91/P651/E47/I0), **Landeira** (B382/G1.427/P57/E0/I0) é ocorre muito em A Corunha, **Landero** (B6/G0/P0/E352/I0), **Landera** (B1/G0/P0/E138/I1). AG: Landera 891L (penha).

Lara (B35.116/G205/P1.293/E44.046/I446), **Laras** (B105/G0/P0/E7/I1)
provavelmente se originou do protocelta *lar*, significa *terra de cultivo*. Irlandês moderno *lár*, galês *llawr*, escocês *làr*, bretão *laur*, todos significam *terra boa para cultivo.* É o oposto de **Gândara**. Na Galiza: Laracha (A Corunha), Larouco (Ourense) e Laro (Pontevedra). Na Galiza os Lara se concentram em A Corunha, Pontevedra e Ourense. A Casa de Lara, com solar na cidade de Lara de los Infantes (Burgos), foi família da mais alta nobreza e considerada pelos historiadores como a mais importante no reino da Espanha durante 400 anos, entre cerca do ano 1.000 até 1.400. Deixaram sua marca na região dessa cidade onde tinham grande extensão de terras: o povoado de Campolara, o castelo de Lara, e o monastério de San Milán de Lara, onde estão enterrados os

primeiros reis de Castela. Outros lugares que devem seu nome à família Lara: Paúles de Lara, Vega de Lara, Cubillejo de Lara, Torrelara, Quintanalara, Alfoz de Lara, Mambrillas de Lara e outros. Dessas cidades e povoados podem ter se originado muitos Lara brasileiros. **Larra** (B7/G0/P0/E186/I1) e **Larre** (B422/G0/P1/E183/I1), o primeiro no País Basco espanhol e o segundo no francês (1.465), são de origem basca, não celta. AG: Lara 822L e 1124S (vivendo em Astúrias).

Ledesma (B1.764/G51/P104/E9.673/I20), **Ledezma** (B71/G0/P0/E655/I1),
Lesma (B8/G0/P0/E59/I357), **Lesmes** (B3/G10/P0/E778/I0),
Lede (B1/G279/P0/E0/I2), **Lete** (B85/G0/P0/E772/I19/F392)
Ledesma vem do nome da localidade de mesmo nome situada no concelho de Boqueixón (A Corunha). Há outra Ledesma em A Rioja. Filólogos dividem esse sobrenome em duas palavras: *led* + *esm*. A raiz protocelta *let* ou *lit*, originou *litan* no galês antigo, *ledan* no bretão, *leathan* no irlandês antigo. Essas palavras nesses idiomas celtas significam *largo*, *plano*. Esse pode ser o significado da primeira parte do sobrenome Ledesma e da totalidade dos sobrenomes Lede e Lete. Ledesma, em Boqueixón, Galiza, é um lugar plano e amplo. Sobra-nos a segunda parte do sobrenome: *-esma*. Viria do superlativo celta *-sama. Letesama*, significaria a *planície grande*. AG: Lete 1084L (terras, Galiza). Ledesma 1171L (Salamanca), 1244S. Lede 1255S.

Lemos B172.275/G2.784/P15.513/E137/I20), **Lemus** (B93/G222/P1/E1.338/I11), **Lema** (B444/G6/P189/E6.732/I16)
nada a ver com **Lima** (o rio) ou *leme* (de barco). Tem etimologia celta também. É originário do galaico *leimo,* significa o *olmo*, árvore cujas folhas eram usadas como forragem para o gado e a casca para tratar o reumatismo. Possui propriedades adstringentes, diuréticas, sudoríferas e tônicas. Os desse sobrenome são originários da região de Monforte de Lemos, Lugo. A tribo galaica dos *lémavos* é dessa região, citada numa inscrição: *Caius Venaeccios praefectus Alae I Lemavorum* ou seja, *Caio Venécio (de*

Veneza), general da primeira ala dos lémavos.[77] A primeira ala era o corpo de cavalaria de uma legião romano. Os romanos não conheciam a cavalaria. Aprenderam a usá-la com os celtas depois de levarem várias surras em batalhas perdidas na Península Ibérica, destacando-se a derrota diante do celta lusitano **VIRIATO** que obrigou o poderoso Império Romano a assinar um tratado de paz. Foi um vexame romano que retribuíram com traição ao mandar matar Viriato. Os lusitanos e vemos que também os celtas galaicos eram especialistas nesse tipo de batalha de alta mobilidade. *Leimo* em galaico também significa *elmo, capacete militar*, originado do protocelta *lemo*[78] de mesmo significado. Lemos é sobrenome que ocorre mais em Lugo e Pontevedra. Lemus ocorre mais em Badajoz. Na Galiza, a cidade de Os Lemos (concelho de Rianxo) e os lugares de A de Lemos, Canexa de Lemos, e o lugar de Porta de Lemos, todos no concelho de Moanha. AG: Lemos 572L (terras, Galiza), 976L (vila), 1183S. Lemus 1037L (terra), 1219S. Lema 1141L (castro, forte), 1276S.

LIAS (B106/G59/P0/E2/I29)

do protocelta *liwens* que significa *pedra, seixo*. Sobrenome atestado através do trovador galego Lopo Liáns, século 13. Lopo é estudado por sus cantigas de escárnio, que eram canções com rimas satíricas direcionadas contra alguma outra pessoa. Essas cantigas eram contratadas pelos nobres, neste caso do Reino da Galiza, em busca de seus objetivos políticos. De Lopo sobreviveram 19 cantigas, nem todas satíricas. Ele viveu por volta dos anos 1250 e 1290 e trabalhava na região galega das cidades de Lugo, Monforte de Lemos e Morrazo. Embora alguns tentem classificar Lopo como autor no suposto idioma galego-português, ele vivia no Reino da Galiza e escrevia em galego. O Reino de Portugal era recém independente quando Lopo Liáns vivia, tinha cerca de 140 anos desde sua separação do reino da Galiza em 1143 (Tratado de Zamora). filólogos concordam que o idioma português só foi se diferenciar do idioma galego medieval por volta de meados dos anos 1400. A primeira gramática do português só foi publicada em 1536. A verdade é que *"até ao termo do século 14 é impossível separar*

linguisticamente a Galiza do Norte de Portugal até ao Douro." [79] O sobrenome Lias ocorre também na Venezuela (V188), Peru (PE80), Argentina (AR74). AG: 1122S.

Liboreiro (B214/G125/P0/E0/I0), **Leboreiro** (B43/G94/P0/E0/I0), **Leboran** (B0/G114/P0/E0/I0), **Leborans** (B0/G70/P0/E0/I0) **Leborão** (B0/G0/P0/E0/I0), **Lebrão** (B49/G0/P0/E0/I0), **Lebrao** (B376/G0/P0/E0/I0, **Lebran** (B3/G0/P0/E1/I51), **Labareda** (B53/G0/P38/E0/I0), **Labaredas** (B3/G0/P28/E0/I0) esses sobrenomes atestam a evolução *Leboreiro* > *Leboran (Leborão)* > *Lebran (Lebrão)*. O sobrenome Leborão, já extinto, é atestado em Portugal onde em 1478 o juiz da cidade de Guimarães e escudeiro do duque de Bragança e Guimarães se chamava Affonso Leborão.[80]
Sua etimologia não teria a ver com o latim *labor*, que significa *trabalho* nem *lebor*, que significa *lebre*.[81] Boa parte dos topônimos com nomes *lebor*, *labor* e *libor* são montes. Na Galiza: Monte Leboreiro (Melide), monte Liboreiro (Bueu), o lugar de Leborei (Galiza), Leborán (A Corunha, Galiza), Leboráns (próximo a Santiago de Compostela, Galiza), A Leboreira (Augas Santas, Galiza), Castro Laboreiro (Viana do Castelo, Portugal) e a localidade de Liboreiro (Góes, Portugal). Alguns dizem que Leboreiro viria do latim *laevor*, que significa *liso, raspado*, por que os montes não teriam árvores em seu topo em tempos antigos. Recentemente, muitos montes passaram por programas de reflorestamento.[82] Mas, por que os topos desses montes estariam sem árvores? Não parece ser que a terra fosse inadequada para florestas. Com o reflorestamento as árvores estão crescendo normalmente no topo deles. Mas, se a terra é boa, por que eram montes “carecas”? É comprovado que os celtas se comunicavam a longas distâncias através de fogos acesos no topo de montes. Também faziam suas festividades religiosas nos topos de montes. A raiz protocelta *labaro* significa *falante*.[83] Dessa raiz pode ter derivado algo como *labaralyos*. A terminação *-alyos* significa *lugar, morada*. Vide **Carvalho**. *Labaralyos* seria *lugar para fala*, ou *lugar para*

comunicação. *Labaralyos* teria sido latinizado resultando nos topônimos aqui listados e que por sua vez originaram os sobrenomes deste verbete. *Labaralyos* teria a ver com comunicação. Mas, lugar para comunicação do que? Talvez um sistema de alertas em caso de guerra, local de reunião, local de comunicação com os deuses, local de festividades ou tudo isso junto (ver Galiza, terra de Meigas, capítulo A Festa de São João de Santo Estevão de Culheredo e o Cavalo Branco de Coiro). Para se comunicar a longa distância mediante sinais de fogo, o topo desses montes deve estar sem árvores.

O dicionário Michaelis informa que *lábaro* significa *estandarte, bandeira* e dá sua etimologia no latim *labarum*. Mas não informa qual é a etimologia de *labarum.* Labarum não é palavra do latim clássico, mas do latim vulgar. Ou seja, conforme vimos o conceito de Ilhas Estrangeiras no Oceano Celta (vide Introdução ao Glossário) a influência mais importante sobre o latim clássico eram os idiomas celtas locais (os latins vulgares). Propomos que o latim vulgar *labarum* viria da palavra protocelta *labaro.* No celta gaulês (falado no que hoje é a França) é *labaros*. Os lábaros (estandartes) eram usados em batalhas para comunicar ordens à distância para tropas. Além disso, temos *labareda* que significa *chama grande* provavelmente usada na comunicação a longa distância. Qual a etimologia de labareda? Do latim clássico não é, pois nele *chama* é *flamma*, que originou o português *flama*. Outra palavra latina clássica é *focus* que significa *lareira* e originou a palavra portuguesa *fogo*. Nenhuma delas parece ser a raiz de *labareda* (chama grande). A única opção que nos resta é realmente o celta *labaro*. Os sufixos celta *-ydd, -edd* ou *-edo*, significa *lugar onde há ou ocorre algo* (ler Introdução ao Glossário). Então *labaredd* seria *local do fogo*, neste caso no topo das montanhas. O protocelta *labaro* (falante) parece ser a etimologia mais viável, pois as labaredas de fogo nos topos de montes eram usados para se comunicar à distância. São propostas a validar. Acrescento o sobrenome **Liboredo** (B67/G0/P0/E0/I0), que só ocorre no Brasil, a confirmar qual a sua origem na Europa ou se derivou para essa grafia no Brasil. AG: Leboreiro 1110L (monte), 1189L (vila), 1205S. Liboreiro 1152L (monte). Lebor 1152S.

Lima (B1.425.436/G979/P36.818/E4.599/I51), **Limas** (B2.263/G0/P217/E85/I6)
Limia (B37/G764/P0/E0/I0):
do latim *limes (divisa)*. Limia é nome de rio da Galiza que entra pelo norte de Portugal e muda o nome para Lima. Alternativamente, talvez venha do protocelta *lino*, irlandês moderno *lion*, bretão *lin*, que significam *fluxo, enchente* adicionado do superlativo celta *-ama*. *Linama>Liama>Lima,* o *rio de grandes fluxo, enchentes*. E realmente ocorrem enchentes na época das chuvas, principalmente no trecho português desse rio.
Na Galiza, lugar de A Limia (concelho de Ramirás), povoação de Xinzo de Limia (Xinzo de Limia). AG: Lima 1150L (monte), 1190S. Limia 572L (rio), 886L (terras), 1090S.

Lira (B98.988/G58/P953/E920/I293), **Lires** (B5/G338/P0/E0/I0), **Liron** (B40/G7/P0/E462/I0)
o deus galaico *Lir*, do mar, ficou imortalizado no nome da ria de *Lires*, no Fisterra galego. O sobrenome *Lira* não teria a ver com o instrumento musical, mas com a toponímia. Seriam locais na Galiza onde se veneravam em tempos celtas a deidade galaica *Lir.* Em protocelta, *liro* significa *mar*.[84] O sobrenome **Liro** (B371/G0/P0/E2/I1) existe no Brasil, mas parece ser de origem polonesa. Outros topônimos galegos: A Canteira do Lira (Vigo), A Cova da Lira (Nigrán), A Fonte do Lirán (Vigo). Povoados de Lira (em Vigo e em Carnota). AG: Lires 1165L. Lira 1223S.

Louro (B3.368/G1.869/P8.303/E0/I1), **Loures** (B5.523/G376/P198/E0/I0),
Loureda (B20/G588/P0/E0/I0), **Louredo** (B2.166/G31/P4/E0/I0), **Lourido** (B270/G2.359/P123/E0/I0)
o monte Louro (Galiza), um *inselberg*, uma ilha ligada ao continente por meio de uma faixa de areia. Linda praia e lagoa das Xarfas. Foi atestada a seguinte evolução do nome desse monte: *Laevorio* > *Laeuorio* > *Looiro* > *Loiro* > *Louro*. Sua raiz celta seria a palavra *labaro*, que significa *estandarte* e portanto estes sobrenomes são "primos" de **Liboreiro** e relacionados. Para Loureda, Louredo e

Lourido, pode ter ocorrido a mesma evolução que em Louro. A terminação *-ide*, provavelmente se origina do celta *-ydd* e *-edd*, que significam *lugar onde há ou ocorre algo* (ler Introdução ao Glossário). Os louredo (*labarydd*) seriam locais onde *haviam lábaros* (bandeiras ou fogo, labareda) para comunicação a longa distância ou ritos religiosos. Topônimos de Lourido em Vigo, A Pontenova, Barreiros, Xove, Ribeira de Piquín, Viveiro. Povoados de Lourido em Riotorto, O Valadouro, Laxe, Outes, San Sadurninho, A Pontenova, Ribadeo, Arteixo, Muxía, Friol, Lourenzá, Poio.
O Lourido em Moanha, Carinho. Monte Lourido (Nigrán). Pico de Lourido (A Pontenova), Penha de Lourido (Valadouro), O Lourido do Monte (Ribadumia) Rio Lourido (Cariño). Ver Cornide e Liboreiro. AG: Lourido 950L (ilha), 1244L (vila), 1244L (monte), 1262S. Louro 1122L, 1122S. Loures 1126L. Loureda 1221 (vila), 1284S. Louredo 1223L, 1244L (monte), 1252S.

Lubre (B4/G0/P0/E1/I0)
do celta *Lugubrix*, o *castro* (forte) *de Lugo* (do deus Lugo). Povoações de Lubre (concelhos de Ares), Lubrei (Cangas), lugares de O Lubrén (Arzúa). AG: 830L (terra).

Lugo (B660/G205/P0/E2.733/I0), **Luco** (B153/G0/P0/E41/I2)
derivado do nome do deus celta Lug, do sol e arte. O sobrenome foi tomado da cidade de Lugo na Galiza. O sobrenome Lugo existe em grande quantidade na América Latina: Argentina (AR14.579), Paraguai (PR15.202), Colômbia (C21.971), Venezuela (V80.974), México (M102.672). Luco parece ser de origem francesa (F229), mas existe bastante no Chile (CL1.796). Pode ser por causa de algum nome nativo pré-hispânico ou emigração (colonização) em massa de famílias Luco ibéricas pois há casos em que se foram inteiras para o Novo Mundo e mais recentemente para a França, e hoje seus sobrenomes estão extintos no país de origem. A verificar. AG: Lugo 801L, 1179S. Luco 569L (cidade), 1069S.

Magan (B48/G620/P38/E2.672/I1)
do protocelta *magino* que é *lugar*. Originou o irlandês medieval *magan* (lugar). É a origem do topônimo galego *Magança* (talvez do celta *magantia*) e do nome da cidade de Mainz (Alemanha). Mainz é

atestado em latim como *Moguntia*, nome claramente celta, derivado de seu provável nome celta original Magantia. Em galês medieval, *magan* virou *maen*, que significa *pedra*, mas não uma pedra qualquer. Trata-se de uma pedra com um uso especial. [85] Talvez para algum rito religioso? Os celtas acreditavam que as pedras tinham poderes de premonição, de cura (ver Muxía na Galiza) e eram lugares de passagem entre o mundo dos vivos e o dos mortos, vide o livro Galiza Terra de Meigas, capítulo O Cavalo Branco de Coiro, e as várias lendas irlandesas a respeito desses locais de passagem. Na nossa tradição atual, há uma separação entre nós vivos aqui e "eles" os falecidos lá. Para os celtas havia uma convivência positiva dos vivos com os ancestrais de seus clãs, a separação o mundo dos mortos e vivos não era tão evidente. Ver **Ambrosio** e **Amarante**, a pedra de Main Ambres. Na Galiza: lugar de A Magana (Cangas) e a povoação de Magán (Cuntis). AG: Magan 1100L (terras), 1224L (vila).

Mata (B6.641/G1.743/P4.737/E19.879/I132), **Matas** (B211/G11/P38/E8.047/I1),
Matta (B3.378/G0/P189/E158/I5.366), **Matto** (B95/G0/P1/E43/I176),
Matos (B231.114/G1.123/P47.056/E4.624/I47),
Matoso (B7.455/G0,P1.085/E205/I0)
Mattos (B56.331/G14/P519/E99/I14), **Mattoso** (B2.589/G0/P4/E0/I1)
do latim *mattus*. Seria o particípio passado do verbo latino *madere*, que é *encharcar*. Mas, na poesia romana, *mattus* significava *voluntarioso, entusiasmado*.[86] Também poderia originar do celta *mati* ou *māttā.* Significaria *bom, boa*. Na sequência dos sobrenomes deste verbete: Mata é mais frequente em Burgos, Palencia, Huesca e Cordoba, na Galiza em A Corunha. Matas, mais frequente em Salamanca, Granada, Girona e Córdoba. Matta é irrelevante da península ibérica, na Itália é sem dúvida sobrenome de origem sarda (3.656). Isso aponta para uma possível etimologia num idioma pré-celta e romano. Aparentemente quase todos os Matto emigraram para a Argentina (AR1.276) e Peru (PR653), mas o

Paraguai é o líder (PG3.220). Matos, Matoso, é sem dúvida ibérico e principalmente português. Mattos e Mattoso, típicos da América do Sul, principalmente Brasil mas também na Argentina (AR2.366), Peru (PR2.853) e Colômbia (CB2.554). Na Galiza: lugares de A Mata (Vilardevós, Castro de Rei), As Matas (Tominho). Povoações de A Mata (Pedrafita do Cebreiro, Narón, Cabana de Bergantinhos, Manzaneda).
Seriam todos esses lugares “bons” (terra boa) e povoações “boas” para morar? A toponímia Matacais (A Gudinha), Matamá (Gomesende, Sober), A Garamata (Sarria) e as Chairas de Matacais (A Gudinha), nos fazem pensar em outros significados. Chairas de Matacais é um monte baixo, uma matogueira. Matogueira ou matagueira, em galego é terra com vegetação arbustiva. Normalmente existem em solos pobres ou degradados no topo de montes, em turfeiras e dunas, onde árvores não conseguem se desenvolver, mas também ocorre depois do desmatamento ou fogo. Neste último caso, a matogueira é transitória, deixando lugar depois para as árvores que crescem. Um dos sinônimos de matogueira, é mato. Essa seria a etimologia de Mato, Matos, Matto e Mattos. Mata, é diferente. As primeira citações dessa palavra a partir dos anos 900 parecem ter o sentido de floresta pois são mencionadas pelos seus nomes: Mata de Rege, Mata de Aiub. Mas são poucas menções. Esse seria o significado de Mata, Matas, Matta e Mattas. As povoações Mata estariam antigamente perto de florestas. As Mato estariam nesse tipo de cerrado galego de mesmo nome. Os sobrenomes deste verbete são complexos e sem alguma etimologia mais consistente disponível. Sua raiz não é latina, nem celta, é provavelmente alguma palavra ibera antiga e o conhecimento do vocabulário desse idioma pelos filólogos é muito restrito por falta de inscrições antigas. AG: Mata 916L, 937S. Mato 1000L, 1181S.

Mello (B81.191/G7/P2.255/E61/I1.865),
Melo (B331.964/G161/P27.703/E3.345/I152)
Melo é sobrenome provavelmente originário da freguesia do Melo em Portugal ou outros locais homônimos nesse país e na Galiza. Mas qual sua etimologia? Uns dizem que seria uma deturpação de melro, a ave. Mas, e se viesse do celta *mello*, que significa *morro?*[87]

Mello é sobrenome bastante presente na Apúlia (615) e Piemonte (920), em Portugal não conseguimos sua distribuição geográfica. Melo é português, e bem popular.

MENA (B2.502/G288/P1.208/E21.881/I439)
MENNA (B1.529/G0/P0/E40/I6.206)
originado do protocelta *meni*, irlandês antigo *méin*, bretão antigo *men*, celta gaulês *mina*. Significa *mineral, metal, mina*. Localidade de A Mina na Galiza. A Cortinha de Mena (Ribadeo), Lama de Mena (Rodeiro). Mena tem forte presença na América hispânica: Argentina (AR13.349), Chile (CL16.309), Peru (PR10.896), Ecuador (EQ12.889), Colômbia (CO36.094), México (MX54.839). Menna, pelos números atuais, indica origem italiana, do Abruzzo (2.101) e Campania (2.008). Está quase ausente da costa do Pacífico na América do Sul, diferente de Mena. Devido a emigração italiana está presente na Argentina (AR3.295). AG: Mena 853L, 1185S.

MENDES (B892.868/G210/P72.343/E3.223/I124),
MENENDES (B206/G0/P0/E1/I1)
num documento do monastério de Samos, em Lugo, Galiza, do ano 963, consta: *eu, Ermegildus, apelidado de Menendus, sou o novo abade.*[88] Alguns concluem que Menendo se originaria de *Ermegildus*, do germânico antigo *Haryamanngilt>Hermengild*, que é *mercenário* (de guerra, *harya+mann+gilt*). Dizem que o f*ilho de Menendo* seria *Mendes* (a terminação *-es* significa *filho de,* leia Introdução ao Glossário). Vamos pensar a respeito: *Menendo* talvez possa ter se originado de *Hermengilt* (não acredito nisso). Mas, o *filho de Menendo* é *Menendes* e não *Mendes*. Mendes pode ter uma etimologia diferente. Pode se originar do rio Mente, que nasce na Galiza e depois entra em território português. Dizem alguns que o nome desse rio pode se originar do galaico *mettī*, galês do Reino Unido *methu*, protocelta *mett*, significa *carente de algo, faltar.* [89] O que *faltava* no vale desse rio, não se sabe. Talvez fosse mais viável se o nome desse rio se originasse do protocelta *mendo*, que significa *cabra.*[90] Rio Mente seria Rio das Cabras.

Esse significado parece mais razoável do que o anterior. Os Mendes seriam originários do vale do rio Mente, na Galiza A primeira menção em registros na Galiza é sobre Ares Mendes, em um documento do ano 929. A Carta de Foral da vila de Castelo Mendo passada pelo rei português Sancho I em 1229 cita o castelo desse nome e seu alcaide (castelão), chamado Mendo Mendes. Ou seja, Mendes, filho de **MENDO** (B710/G0/P415/E1.682/I422). Na Galiza: povoado de O Mendo (Ordes), O Porto do Mendo (Ourol). Rio Mendo (Oza dos Ríos e Coirós). Mendo Moniz (Mém Moniz, ver **MUNIZ**), de uma das cinco grandes famílias nobres do Entre-Douro-Minho. Mendo Moniz foi partidário do primeiro rei português D. Afonso Enriques. Lutou na conquista da cidade de Santarém aos árabes em 1147 (ver **MORRONHO**). Mendo Moniz corajosamente avançou sob ataque inimigo até as muralhas e arrebentou as portas da cidade de Santarém a machadadas, permitindo que o exército português entrasse e a tomasse. O rei Afonso Enriques o apelidou de **MACHADO** (B783.814/G863/P47.056/E7.659/I102), e dizem alguns que seria a origem desse sobrenome. Na Galiza os povoados de Casal do Mendo (Pontevedra), O Mendo (Ordes), O Porto do Mendo (Ourol), Ponte do Rio Mendo (Coirós), os lugares de Fontán do Mendo (Ribadavia), A Lagoa de Amendo (Ribeira), O Amendo (Bande), O Curral da Sobreira do Mendo (Lóbios). AG: Mendes 929S. Mendo 991P, 1037S.

MERO (B163/G0/P1/E731/I1.156), **MIRA** (B7.241/G1.434/P5.312/E10.230/I1.029),
MIRAS (B701/G1.279/P0/E3.013/I1), **MIRAZ** (B20/G389/P0/E0/I7)
mero é nome de peixe de água salgada. Neste caso não é. Explico a seguir. Há os rios (de água doce) Mero, Mera e Mira na Galiza além do grande rio Mira em Portugal. No protocelta *mero* significa *selvagem*. Rio Mero é *rio selvagem*. O rio Mira (Portugal, Alentejo), flui por 145 quilômetros até desembocar no Atlântico na altura de Vila Nova de Milflores. e é um topônimo relevante. Os desse sobrenome Mira provavelmente são originários das regiões do vale desse rio. Na Galiza há vários topônimos: Monte Mero (A Corunha), rio Mero (As Somozas). Mas, a origem de Mero parece ser

principalmente italiana, da Apúlia (982) embora no Equador (EC25.381) hajam em grande número.
Há que investigar caso a caso, para cada família. Mira é sem dúvida ibérico, em boa quantidade: Portugal e Espanha. Miras tem origem galega, bastante presente em A Corunha e em Murcia, devido à re-colonização pós expulsão dos árabes da Península Ibérica (1492). Miraz é galego. AG: Mero 830L (river). Mira 918S, 1220L (vila). Miras 1259S. Miraz 971L, 1189L (vila), 1231S.

Miragaia (B446/G0/P415/E2/I0), **Miragaya** (B52/G905/P0/E0/I0),
Miragaia sobrenome do soldado constitucionalista de São Paulo que tombou na Revolução de 1932. É sobrenome de raiz celta. Pode ser originário do vale do rio Mira no Alentejo, Portugal. *Gaia*, vem de *cale (Portuscale)*, que em celta significa *porto, abrigo* e mesmo *lar*. Miragaia pode ser *porto no rio Mira*. Além do rio Mira em Portugal há os lugares de A Miragaia nos concelhos de Vigo, Toén, Aranga e Moanha na Galiza. Miragaya é galego.

Miranda (B428.958/G4.327/P28.307/E30.056/I8.255),
do celta galaico *mirāndā*, significa raia inferior (de baixo). Raia em galego é *vale de rio*. Miranda poderia ser o nome das vilas e lugares na parte de baixo do vale de um rio. A provável origem geográfica desse sobrenome é na região do rio **Návia**, que nasce na Galiza e desemboca na Baía de Biscaia (Astúrias). Na Galiza: lugares de A Miranda em Moanha e Castro Caldelas. Povoados de A Miranda em Parada de Sil, A Canhiza, Gondomar, Pobra do Caraminhal sem contar outros situados em Portugal. Também no resto da Península Ibérica, como Miranda do Ebro e muitos outros. Miranda é um nome amplamente distribuído na América Latina: Argentina (AR37.355), Chile (CL81.427), Bolívia (BL44.542), Peru (PR54.101), Colômbia (CO62.669), México (MX235.525). AG: 1045L (terras), 1192 (vale), 1247S.

Montoro (B1980/G34/P0/E9.891/I984), **Montoiro** (B6/G190/P1/E5/I1)
topônimos de Montoro (Córdoba, Andaluzia), situada no topo de um promontório às margens do rio Guadalquivir, é muito antiga. Foi povoado ibero há mais de 2.000 anos atrás, estando situada na área

sul da península Ibérica onde esses povos habitavam (ao norte viviam os celtas).
Novamente, muitos começam a imaginar etimologias gregas e latinas para essa cidade: desde o grego Aypora até Eipora. O que os gregos, exímios navegadores e comerciantes, estariam fazendo a 200 quilômetros do porto mais próximo (Málaga), não se sabe. Essa cidade está registrada no Itinerário Antonino, o guia de estradas do Império Romano, com o nome de *Epora (*pronuncia-se *épora). Epora* era pouso para viajantes que transitavam pela Via Augusta que ligava Narbonne (França) a Cádiz (Espanha). O nome Epora provavelmente significa a árvore *teixo*, que era sagrada para os celtas. Os celtas, povo diferente dos iberos, chamavam essa árvore de *ebur*. Ver **Évora**. Conforme escavações arqueológicas nos anos 562DC e 623DC havia em Epora uma povoação de godos, povos germânicos que haviam invadido aquela região causando o fim da administração do Império Romano lá. Depois, veio a invasão árabe de 711DC. Nos documentos árabes a cidade já é mencionada com o nome de *Muntur* e não mais como *Epora*. No ano 1240, o rei cristão Fernando III o Santo reconquista a cidade e expulsa os árabes da região. No registro dessa retomada, a cidade é identificada com o nome *Montor*. A etimologia de Montor é desconhecida. Alguns propõem que seria originária do latim Mons Gothorum, que significa o Monte dos Godos, que lá viviam antes da conquista árabe conforme as escavações arqueológicas comprovaram. Mas esse nome latino Mons Gothorum não foi encontrado em registros, é apenas uma suposição dos pesquisadores: *mons gothorum* > *mongothorum* > *montorum* de onde os árabes a chamaram de *Muntur*. A meu ver incorreta, essa hipótese deixa de explicar por que existe outra localidade na região de Valência que tem esse mesmo nome: Montoro (de la Mezquita). E há mais: quase pegado a Valência está o povoado de Montortal. Perto de Girona, há a cidade de Montornès del Vallés. Não há como explicar o nome desses lugares como sendo todos eles “montes habitados por godos”. Por essa razão, o nome Montoro teria etimologia diferente da proposta acima. Vamos agora à Itália, pois lá existe a cidade de Montoro, na região da Campânia, Avellino. Os

godos também andaram por lá. Houve uma batalha perto dessa cidade (504DC) entre eles e o Império Romano do Oriente (Bizantino). Mas os godos não ficaram por lá tanto tempo como ficaram na Península Ibérica.

Logo vieram outros invasores, os Lombardos e esses sim lá permaneceram bastante tempo para impactar nos nomes da toponímia local. Os godos não tiveram tempo para isso. A hipótese de um Monte dos Godos (Mons Gothorum) não funciona para o nome da cidade italiana de Montoro. A hipótese mais viável, segundo pesquisadores italianos, é que a origem seja do latim Mons Taurus, o Monte do Touro. Na região dessa cidade italiana há vários outros lugares e topônimos advindos da palavra latina *taurus*: as localidades de Tuori (touros), Toro Soprano, Toro Sottano e Tuoro Cappuccini. É verdade que no caso da Montoro espanhola o filólogo que propôs a etimologia em Mons Gothorum descartou a hipótese da origem no latim Mons Taurus (Monte do Touro), pois segundo ele o nome árabe atestado Muntur não comportaria a evolução etimológica de Mons Taurus. As regras filológicas não apoiam a perda do ditongo latino *au*, que no árabe virou *u*.[91] Em outras palavras, a mudança de “au” para “u” teoricamente não poderia ter ocorrido, é o que ele afirma. Mas, o filólogo baseia sua afirmação levando em conta a evolução a partir do latim clássico *taurus*. E se o nome desse monte evoluiu a partir de outra palavra, diferente do latim *taurus*? Voltemos à Espanha. Perto de Girona, Catalunha, há a cidade de Montornès del Vallés. O nome dessa cidade é atestado no ano 1109 num documento que chama o castelo que existe lá com o nome de *Castrum de Monte Tornuos* (Forte de Monte Tornuos).[92] Posteriormente, esse castelo foi cedido à família Montornès e por isso hoje ele é chamado de Castelo de Montornès. Mas para nós o que importa é que aqui está a palavra original que buscamos para Montoro: *tornuos*. O nome original das cidades de Montoro, Montoro de la Mezquita e Montornès seria Monte Tornuos. A evolução teria sido então: *Monte Tornuos* > *Montornuos* > *Montorno* > *Montoro.* A palavra *tornuos* pode ser do idioma ibero. Há pouco vocabulário ibero disponível. Pode ser uma derivação do protocelta *tarwo* (proununcia-se *taruo*) que significa *touro*.

Morin (B607/G9/P1/E1.490/I400), **Morim** (B724/G0/P1.019/E8/I0)
Morin tem uma história diferente de *moron*. Morin é muito popular na França (F72.393). A explicação mais divulgada para Morin é que ele viria do latim *maurus*, que significam os habitantes do Norte da África (Mauritânia). E, continua informando que os portadores desse sobrenome Morin seriam descendentes de *mouros*, os árabes que invadiram a Península Ibérica em 711DC e sul da França a partir de 720DC. Vamos pôr à prova essa informação? Os árabes foram expulsos da França no ano 732 quando perderam a batalha de Tours contra os cristãos francos liderados por Charles Martel. A presença árabe no sul da França durou apenas 12 anos e eles se concentravam em uma ou outra cidade capturada. Portanto, não houve tempo para que muitos mouros tenham emigrado e colonizado terras francesas, não houve impacto na toponímia. Descartamos então a etimologia de Morin no latim *maurus* (mouro). Mas, Morin é sobrenome muito popular na França. Onde ele ocorre mais nesse país? Da Normandia, passando pela Bretanha, Pays de la Loire e Nova Aquitânia. Ou seja, é um sobrenome Atlântico, do norte. É menos frequente no sul, na costa do Mediterrâneo. A popularidade desse sobrenome provavelmente se deve à veneração de um santo que é muito respeitado nessas regiões: São Morin. Ele foi um jovem cristão, nascido no ano 450DC na cidade de Agen (departamento de Nova Aquitânia, Lot-et-Garonne), ainda no tempo em que os cristãos eram proibidos de pregar. Educado pelo bispo da região, ele começou a predicar a fé cristã e foi preso pelas autoridades romanas que o decapitaram por que ele se recusou a renegar a fé em Cristo. Seu martírio fez dele um santo famoso naquelas regiões da França. O nome Morin provavelmente vem da raiz celta *mori*, que significa *mar* e do sufixo *-in* que é *pequeno* ou *do, de algo*. *Morin* significa *mar pequeno* ou *do mar*. A palavra *mori* (mar) existe em vários topônimos em toda a península ibérica e também na Bretanha (França), antigamente chamada de Armor, do celta *ar-môr, de frente ao mar*. Os celtas não chamavam de *mori* apenas ao *mar*, mas também aos lagos de água doce e rios grandes. Isso ocorre com outros povos também. Os alemães chamam de mar (*See*) a alguns lagos, como em Boden*see* na Suíça é um lago grande.

Na Península Ibérica o sobrenome Morin poderia ter originado outros como **Almorin** (B24/G0/P0/E70/I0) que ocorre principalmente em Zaragoza, Madrid e Sevilha, o sobrenome **Amorim** (B196.426/G0/P18.126/E184/I9) e **Amorin** (B9.439/G1.057/P47/E0/I3). *Morin*, conforme já vamos é *mar ou lago pequeno*. O prefixo *al-* pode indicar influência árabe, nesse idioma significa o pronome *o* ou *a*. AG: Morin 956L (rio). Amorim 1083L (vila). Amorin 985L.

Moronho (B6/G158/P0/E72/I0), **Morono** (B0/G93/P0/E0/I0),
Moron (B852/G66/P0/E8.519/I53), **Morron** (B2/G0/P0/E104/I0
Morro (B505/G0/P0/E1.703/I82)
a raiz *moron* aparece na toponímia em lugares altos: o imponente monte Moron na Suíça francesa (1.300 metros de altura). Indo na direção da Península Ibérica, parece que significa qualquer elevação, mesmo de menor tamanho. Moronvilliers, Moronville (França) não estão situadas em grandes montanhas. Moron de la Frontera (Sevilha) está a 297 metros de altura do nível do mar. *Moron* em castelhano significa *pequeno monte*, e o português *morro* também significa isso. É diferente de *pico, serra, montanha, monte*, que são mais altos. Os dicionários nos informam que a etimologia de *morro* e *moron* é desconhecida. Não há comprovação de palavra celta similar a *moron* ou *morro*. Mas, há indícios que essa palavra tenha existido. O geógrafo grego Estrabo em sua obra Geografia, livro 3, capítulo 3, parágrafo 1 nos traz uma informação muito interessante: *"O (rio) Tejo ... na parte superior do estuário, engloba uma ilha de cerca de trinta estádios (n.a. 5,5 km) de comprimento e com uma largura um pouco menor que o comprimento – uma ilha com excelentes bosques e vinhedos. A ilha está em frente a Moron, uma cidade situada num monte perto do rio, a uma distância de cerca de quinhentos estádios (92 km) do mar."*[93] O livro de Estrabo é datado de cerca do ano 20AC, há 2040 anos atrás. E ele fala de uma cidade chamada *Moron*. E essa cidade fica no alto de um monte. Pesquisando a respeito disso, encontrei que alguns pesquisadores propõem que Moron seria Almeirim no Alentejo. Mas essa afirmação não se sustenta.

A cidade de Almeirim não está “situada num monte”. Ela está a apenas 27 metros de altura, medindo no seu centro antigo. Não, ela não é a Moron citada por Estrabo. Porém Almeirim está às beiras do rio Tejo e está a uns 100 quilômetros da foz do rio Tejo, se medirmos desde Oeiras. Estrabo fala que Moron fica a uns 92 quilômetros da foz. São 10 quilômetros de diferença que vamos atribuir a algum erro de cálculo ou conversão de medidas. Continuamos então em Almeirim. Vendo a topografia no seu entorno próximo, não há terreno mais alto exceto quando se vai saindo do vale do rio Tejo. Almeirim é uma elevação pequena no meio de uma grande várzea do rio. Quem sabe a própria Almeirim, antigamente em tempos de inundação, seria a tal ilha mencionada por Estrabo que tinha bosques e excelentes vinhedos. Mas, não era Moron, pois esta fica no alto de uma montanha em frente à tal ilha. Ocorre que a 7 km de Almeirim, no outro lado do Tejo, está Santarém. Essa sim, bem na beira do rio Tejo e cujo centro antigo está situado no alto dos montes. É conhecida como a cidade das sete colinas. Chega a 113 metros de altura onde hoje é o bairro de Alcaçova, nessa cidade. Ora, essa altura não é uma montanha, mas um *morro*, mais uma palavra de *origem obscura*. Mas, Estrabo foi claro: há Moron a 95km da foz do Tejo e em frente dela, uma ilha. Santarém poderia ser um *moron*, um *morro* grande suficiente para chamar a atenção do geógrafo grego, para que ele anotasse seu nome em seu livro. Santarém está a uns 100 quilômetros da foz do Tejo, está no topo de morros. Existia quando o grego Estrabo escreveu seu livro e foi economicamente e militarmente mais importante que Lisboa (Olisippo) no tempo dos romanos. Enquanto os romanos a chamaram de Scalabis, Moron seria o nome celta, de Santarém: *Moron* > *Scalabis* > *Sancta Irene* > *Santarém*. Por isso, a palavra celta *moron* significaria *pequeno monte*. Essa também seria a etimologia da palavra portuguesa *morro*. Santarém-Moron está situada no Alentejo. Em frente ao Alentejo, do lado espanhol está a província de Cáceres. Nessa província, vivem em maior número os portadores do sobrenome **Moroño** (B0/G158/P0/E73/I0) que vivem em território espanhol (menos Galiza). Na província de Badajoz,

vizinha ao sul de Cáceres, é onde se concentram os de sobrenome Moron.
Em Portugal, não tenho a incidência regional de cada sobrenome, só o número total no país. Fico devendo ao leitor a informação se há muitos de sobrenomes Morro, Morron e similares na região de Santarém. Vejamos agora o sobrenome Moronho. Para entender Moronho, temos que ir primeiro ao inferno: a palavra protocelta *borogn* (*boron + gn)*, em irlandês antigo *brón*, significa *angústia, tristeza*. Esse sufixo irlandês *-gn* pode ter originado do seu idioma-pai o protocelta, onde *-gno* significa *criar, procriar, gerar*.[94] *Borogn* significa então o lugar que *cria angústia, gera tristeza*. E efetivamente, uma lenda galega de evidentes raízes celtas menciona o Borrón como sendo o *inferno* celta que fica no fundo do mar. Veja o livro Galiza Terra de Meigas, capítulo O Cão do Urco. Depois de verificar o significado do sufixo celta *-gno*, saímos do inferno celta enquanto podemos. De volta ao mundo dos vivos, propomos que os sobrenomes Moronho e Moroño viriam talvez da hipotética palavra celta *moron+gno*. Mas o significado fica estranho: *cria de montanha, gerar montanha*? Isso não existe! Calma, não nos estressemos. Ocorre que esse sufixo cela *-gn*o parece ter mudado seu significado de *criar, gerar* para significar *pequeno*. Como isso pode ter ocorrido? Há como entender essa mudança com dois exemplos a seguir. Em protocelta, *ouis* é *ovelha* e cordeiro é *ouigno* (pronunciaria-se *ouínho*, como champa*gne* é champa*nhe).* O sufixo *-gno* já vimos que significa *criar, gerar*. Então *ouigno* significaria *cria, filhote de ovelha*, mas também *pequena ovelha*. Quantos de nós não chamamos nossos filhos carinhosamente de filhote ou filhota? Talvez entre os celtas da Galiza esse também fosse o costume. A palavra celta *menno* é *rapaz, animal pequeno*.[95] *Menno + in (diminutivo): rapaz pequeno. Mennin + gno (duplo diminutivo): rapaz pequenino,* ou seja *criança.* A duplicação de diminutivo é evidente no português pequen*inin*ho. Hoje *menin*o (português) e *meninho* em galego. A terminação *nh* no galego, igual à possível pronuncia celta *mennigno*.[96] Inicialmente *criar, procriar, gerar*, pode ser que o sufixo *-gno* passou a designar algo *pequeno* ou *menor*.

A hipotética raiz celta *morogno* seria *pequeno morro, morrinho*. O grego Estrabo chama Santarém de Moron, que eu proponho signifique *morro*. Daí teriam vindo os sobrenomes Morronho, Moroño (=morrinho) e Moron, Morón (=morro). AG:

Muniz (B154.350/G0/P236/E295/I32), **Moniz** (B2.437/G0/P5.727/E40/I3)
logo na Introdução ao Glossário deste livro, citamos um documento do ano 942 onde aparece o sobrenome Muniiz. A terminação *-iz* significa *filho de* e evoluiria mais tarde para *-es*, como em Rodrigues, que é filho de Rodrigo. Sobrenomes frequentes eram **Monio** (B2/G0/P0/E106/I1) e Munio, este último desaparecido na península Ibérica mas atestado no ano 742 (vide abaixo). Suponho que Muniiz signifique filho de Munio. De Muniiz e Moniiz se originaram os populares sobrenomes Moniz e Muniz deste verbete. Qual a etimologia? *Moniyo* em protocelta significa *montanha*. Dessa raiz celta derivaram Monio e Munio que por sua vez, com a terminação *-iz* passou a representar os filhos dos portadores desses sobrenomes. Talvez os sobrenomes **Munioz** e **Munhoz** sejam derivados do protocelta *moniyo, montanha*. AG: Munio 742S. Monio 895S. Moniz 922S. Muniiz 942S.

Nantes (B4.925/G107/P66/E0/I1, **Nantel** (B7/G0/P0/E0/I0)
Nantes (França), Nantes (Sanxenso, Galiza). Seja na França ou na Galiza, é um sobrenome celta na palavra protocelta *nantu*, que significa *regato* ou *vale*. O sobrenome Nantel tem a mesma etimologia mas sua origem é na França onde ocorre apenas na região de Hauts-de-France, fronteira com a Bélgica. Nantes ocorre mais em Pontevedra (Galiza) e a também em A Coruña. Na França, Nantes ocorre mais no Pays de la Loire onde há a cidade de mesmo nome que o atribuiu às pessoas. Isso pode indicar origem em dialetos diferentes do celta conforme cada região galega e francesa. **Nante** (B16/G0/P0/E1/I60) e também na França (F48) onde incide mais na região de Provença-Alpes-Côte d'Azur. Na Itália sua maior incidência é no Veneto. Na Galiza, povoados de Nante (A Lama), Nantes de Reis (Meanho), Nantón (A Banha), Nantín (Becerreá).

Na França, além de Nantes no norte, temos a cidade de Nant, a 100 quilômetros de Montpellier, região Mediterrânea, daí o sobrenome **Nant** (B0/G0/P0/E0/I0) França (F44) e Argentina (AR115). **Nanton** (B0/G140/P0/E3/I1) é galego, originário talvez do povoado acima indicado. AG: Nante 927L, 1232L (vila). Nantes 1119L (vila). Nanton 988L (vila).

Návia (B154/G476/P0/E682/I5), **Navea** (B14/G0/P0/E390/I1)
sobrenome originário do vale desse rio, que nasce em Pedrafita do Cebreiro, Galiza, local altamente simbólico no culto celta e depois cristão Compostelano. Esse rio desemboca na ria de Navia. As rias galegas são como braços de mar que entram por quilômetros terra adentro, similares aos fiordes da Noruega. Návia é o nome de uma divindade galaica ligada à fecundidade e culto à água dos rios ou vale dos rios. A raiz celta galaica é *nāwiā* que significa *bote, barco*. Na Galiza, temos Navias (Burela), rio Navia (Pedrafita do Cebreiro), A Navia (Viveiro). Fonte Navia em Braga. AG: Navia 569L (rio), 943L (vila), 986L (monte).

Nébias (B232/G0/P0/E0/I0), **Neiva** (B5.070/G9/P2.680/E31/I1)
Nébias é o nome antigo do rio Neiva em Trás-os-Montes, terra de etnia galaica, até 1143 parte do Reino da Galiza hoje Portugal. Lá vivia a tribo galaica dos *Nibo*. A palavra protoindo-europeia *nibho* significaria *neblina*, *nevoeiro* segundo reconstrução dos filólogos.[97] O protocelta, filho do indo-europeu, poderia ter herdado essa raiz e seu filho o celta galaico também herdado uma palavra similar. Há o Pico do Nibueiro na Galiza, que pode significar pico do nevoeiro (neblina) mas também indicaria que lá vivia o clã celta dos Nibo, cuja existência é atestada em fontes históricas. Nébias é bem raro, existe apenas no Brasil e isso nos limita a pesquisa sobre ele e suas eventuais origens. Neiva, que seria de mesma origem no rio de mesmo nome na região de Viana do Castelo, é mais popular. AG: Nevia 1073L, 1134L (rio).
Nemo (B48/G0/P1/E2/I23)
do protocelta *nemos*, significa *céus*. É de origem francesa. O autor Júlio **Verne** e seu personagem o capitão Nemo têm sobrenome celta. Ver **Berna**, **Berne**.

Nobrega (B34.884/G0/P2.510/E182/I1), **Nóbrega** (B2.363/G0/P1.642/E11/I0),
Nobriga (B46/G0/P0/E0/I0)
an nos idiomas celtas significa *lugar onde há água, rio*. *Brig* ou *bric* significava originalmente *monte.* Depois passou a significar *forte,* por que normalmente os fortes se construíam no topo dos montes para maior capacidade de defesa. O mesmo ocorreu com a palavra celta *dunno*, que significava no princípio *elevação* (originou a palavra *duna* de areia em português) e depois passou a significar *forte, fortaleza*. Exemplos: os povoados celtas de Verdun (França), de *Waridunno* (Monte do Oeste, vide **Caaveiro**) e *Lugduno* (hoje Lyon, França) que significa *Monte (do deus-sol) Lug*.[98] O sobrenome Nóbrega viria de Annobriga, que significa o monte (onde há) da água ou monte do rio.[99]

Olga (B122/G0/P349/E164/I71), **Olcoz** (B0/G8/P0/E377/I1)
muitos dirão que Olga é feminino do russo Oleg (*sagrado*). E isso é verdade para aqueles entre nós que descendemos de eslavos. Mas, essa palavra *olga* foi parar num documento galego do ano 857DC? Trata-se de latim tardio e influenciado pelo idioma celta. Aqui vai o registro: *"...pascua, montes, fontes, aquas aquarum, cum eductibus earum, sedilia molinaria at piscatjonem integram in illa **olga** de mari damus ad huc ecclesiam sancti Romani de Coruam..."*[100] Tradução: *"as pastagens, os montes, as fontes, as águas, quando estejam cheias, os lugares com moinhos e pesqueiros, toda ela à beira do mar, damos, neste momento, à igreja de São Romão de Cordoba (n.a. fica a 35 quilômetros do Porto, Portugal)..."*.

A raiz celta é *olca*, *terra fértil situada à beira de um rio, várzea*.[101] Nessa frase latina vemos a palavra *olga* com o sentido de *terreno situado à beira*, não de um rio (várzea) mas do mar. Outro exemplo, do ano 1080: "*et in suo rego et in olgas et in illa veiga"* que significa: *"e no seu domínio, e nas margens e na sua veiga."*[102] Veiga também significa várzea fértil para cultivo. Aparentemente *olga* teria derivado de seu sentido original (*várzea à margem de um rio*) para *margem*

de algo, divisa com algo. O celta *olca* teria derivado em *olga>uelga>***Huelga** (B0/G0/P0/E255/I0).[103] **Olguín** (B92/G0/P0/E281/I5) tem o diminutivo celta *-in*. **Olgini** (B9/G0/P0/E0/I0/AR33) seria italiano? Também **Holguín** (B14/G34/P1/E2.734/I10), que dizem é do castelhano *holga* (*folga*, estar sem fazer nada). Nada disso. É do celta *olca+ín* (diminutivo), pequena várzea cultivada. Também Olginate, cidade à beira do lago de mesmo nome na província de Lecco, Itália, parece ter essa raiz celta *olca*. Achados arqueológicos provaram que existia no século 3, estando situada às margens (na várzea) do ria Adda. Na Galiza, lugares de A Olga (Samos, A Mezquita, Sarria e Bande), Veiga de Olga, As Olgas (Lugo). Fora da Galiza em Huelgas (Burgos), La Güelga (Astúrias) e em outros locais. O lugar de Folcós, várzea situado à beira do Rego do Folcós (A Pontenova). AG: Olga 857L.

Ordo (B2/G0/P0/E0/I0), **Ordonho** (B210/G0/P4/E0/I0), **Ordoño** (B2/G0/P0/E724/I0), **Ordoñez** (B29/G1.859/P0/E22,441/I3)
Ordono (B33/G0/P0/E1/I1), **Ordonio** (B265/G0/P0/E7/I0), **Ordonhes** (B200/G0/P0/E0/I0), **Ordonhez** (B37/G0/P0/E0/I0), origem no latim *fortunius* (afortunado) que depois teria evoluído para *ortunius, ortunios, ordonius* e *ordonho* na histórica perda do "f" no castelhano. É o que se divulga por aí.
Mas o idioma castelhano foi perdendo o "f" entre os séculos 10 e 12, enquanto que há registros históricos do sobrenome Ordonho antes disso:[104] o rei Ordonho 1º de Galiza e Astúrias (821- 866). Seu pai Afonso II teria descoberto o túmulo de Santiago em Compostela, e mandou construir a primeira igreja, onde hoje está a grande catedral. Ver livro Galiza, Terra de Meigas. Se Ordonho existia antes do castelhano perder o *f,* esse sobrenome pode ter outra etimologia diferente do latim *fortunius* que perdeu o *f* mais tarde. Ordo, Ordonho, Ordono, Ordoño e demais adviriam da raiz celta *ordo*, que significa *martelo*. Mas, reis se chamaram Ordonho. Esse martelo não seria o de pedreiro ou ferreiro, pois isso não combina com realeza. Seria o martelo de guerra, pesada arma usada em

batalhas. Seu mais conhecido especialista foi Carlos Martel (688-741), rei franco (França), tão hábil com essa arma que foi apelidado com o nome dela. Se *ordo* é *martelo,* Ordonho é *ordo* + *gno*, sufixo celta esse que significa *novo, jovem* ou *pequeno* conforme o caso. Ordonho seria *martelo novo* ou *martelo pequeno*. Ordonhez e Ordonhes têm a terminação *-ez* (castelhano) ou *-es* (galego e português) que significa *filho de*. Ordonhes é filho de Ordonho. Vide **Moronho** para uma explicação mais detalhada desse sufixo celta *-gno*. AG: Ordonio 844P. Ordono 911P, 1085L (vila).

Queiroz (B220.420/G0/P5.454/E132/I21), **Queiros** (B11.920/G10/P0/E27/I0),
Queiro (B84/G348/P57/E0/I0)
galaico *cariolānās*, galego medieval *queirõas*, significa *lugar ermo* ou *souto abandonado*.[105] Mas, a evolução *cariolānās>queirõas* não foi atestada, de onde veio essa raiz celta? Já que o mencionamos: o sobrenome **Souto** (B54.365/G17.133/P3.623/E0/I2) é galego e significa *área arborizada à margem de rios*, *bosque de castanheiras na margem de rio*. É de etimologia latina. Sua versão castelhana é **Soto** (B3.268/G10.546/P170/E39.698/I107). **Soutelo** (B213/G0/P170/E179/I0) é um souto pequeno.
Voltando ao sobrenome Queiroz, não pude confirmar a proposta do começo deste verbete. Vejo algo mais simples: seria *queir* + *ros*. O sufixo celta *-ros* torna coletivo o substantivo que o antecede. Há um lugar de Cairoga num registro do ano 569. Mas, o que significa o substantivo *queir* ou *cair*? Ver **Quiroga**. O sobrenome **Quiros** (B112/G179/P1/E10.547/I2) é bem numeroso na Espanha, a verificar se é ligado a, ou derivado de Queirós. AG: Cairoga 1228L (várzea). Quiros 857L, 891L (vale).

Quevedo (B7.309/G194/P85/E8.081/I12)
sobrenome desafiante. Originário da Cantábria, vila de Bárcena de Pie de Concha, segundo informa a Enciclopedia Hispanoamericana de Heráldica, Genealogía y Onomástica, de Arturo e Alberto García Carraffa. Quanto à etimologia, vemos o sufixo celta *-ydd, -edd* ou *-edo* nesse sobrenome. Se isso for correto, a palavra raiz seria

kevedo. Esses sufixos celtas indicam *lugar onde há ou ocorre algo* (ler Introdução ao Glossário). Mas, então, o que seria a raiz *kev*? Uma possibilidade é a palavra celta gaulesa *kawa*, que significa *coruja*. *Kawaedd é local onde há corujas*. Essa é a possível etimologia desse topônimo que provavelmente depois originou o sobrenome. Sujeito a estudos mais detalhados, **Cavedo** (B103/G0/P0/E1/I84), de origem italiana, e **Cavido** (B0/G0/P0/E12/I0) de origem espanhola, poderia ter a mesma etimologia.

Quiroga (B1.076/G3.121/P57/E3.724/I36), **Queiroga** (B9.310/G0/P821/E9/I0),
do celta galaico *kariokā*[106] do qual não encontrei outra fonte para confirmar. Nada a ver com os nascidos no Rio de Janeiro. *Kariokā* em galaico significaria *pedregoso* é o que nos diz o filólogo mencionado neste verbete. Na Galiza: lugares de A Agra de Queiro (Porto do Son), A Queiroeira (Santiago de Compostela), A Queiroga (Castro de Rei), A Queirogueira (concelhos de Val do Dubra, Santiago de Compostela, Boqueixón), As Queiroas (Cambre), O Cabo de Queiro (Ribeira), Queirugás (Verín) e outros.

No entanto, consultando o dicionário da Real Academia Galega, encontrei uma pista: a *queiroga* é uma planta (Calluna vulgaris) que era usada na medicina popular. É antisséptica das vias urinárias e diurética. Até hoje é usada em homeopatia. O mel de queiroga é apreciado, considerado de alta qualidade. Ela cresce em terrenos pedregosos e difíceis para o cultivo. A planta *queiroga* também é chamada de **Carrasqueira** (ver **Carrasco**) e de *queirõa,* no plural *queirõas*. *Queirõas* nos faz pensar que pode haver ligação com o sobrenome **Queiroz**. A verificar. AG: Quiroga 1000S, 1151L. Queiroga 951L, 1147S.

Reboredo (B355/G2.373/P198/E0/I3), **Reboreda** (B52/G443/P0/E0/I0),
Reboeiras (B3/G80/P0/E0/I0),
Reboiras (B4/G382/P0/E0/I0), **Reboiro** (B0/G145/P0/E0/I0)

estes sobrenomes têm origem na raiz latina *rebor*, que significa *carvalho*. Não são possivelmente de origem celta. Porém, como têm uma história interessante em função da famosa Ribeira Sacra galega, agrego neste livro. Na ata de fundação do mosteiro de Santa Maria de Montederramo (1124) por D. Teresa, filha do rei da Galiza, Leão e Castela Afonso 6º: *"Desde o mar oceano até o rio Bibei, que corre entre Trives e Valdeorras, doa (Teresa) a Arnaldo e seus companheiros, presentes e futuros, o lugar denominado Rovoyra Sacrata, situado em Montederramo, território de Caldelas."* É a doação das terras da Ribeira Sacra, na Galiza. Mas, a escritura fala de *rovoyra* e não *ribeira*. *Reboeyra*, em galego antigo é *reboeira* no moderno. O correto teria sido Reboeira Sacra. Reboeira é floresta de *reboeiros* selvagens, outro nome galego dos *carrasqueiros*, um tipo de carvalho de pequeno porte.[107] Vide **Carrasco**. O nome Ribeira Sacra é então incorreto. Os carvalhos eram considerados sagrados pelos celtas, e daí o nome da floresta de carvalhos *roboeira sacra* ou como no documento medieval acima, *Rovoyra Sacrata*.

O grande número de igrejas e santuários indica que o local era muito sagrado para os celtas. A Igreja Católica tinha por hábito construir igrejas nesses locais para combater o paganismo. Quanto mais atividades druídicas haviam e quanto mais sagrado o local, mais a igreja se empenhava em cristianizar, absorvendo práticas e crenças celtas no corpo do cristianismo. Do mesmo modo que no Brasil falamos de sincretismo religioso entre o catolicismo, as religiões africanas e indígenas, na Galiza, o sincretismo ocorreu entre o catolicismo e a religião celta. Posteriormente, quando o cristianismo prevaleceu sobre a religião celta, houve um expurgo de práticas celtas que haviam sido adotadas no cristianismo. É o clássico procedimento de primeiro abrir as portas para todos e depois purificar os hereges para fora. Lugares e povoados com o nome Reboredo são muitos na Galiza, cito alguns: lugar de Agra de Reboredo (Val do Dubra), a Carbalheira de Reboredo (Cangas), a Carbalheira de Reboredo (Santiso), a Carrúa de Reboredo (estrada em Vilarinho de Conso), a Chan dos Reboredos (Lóbios), a Costa de Reboredo (Portomarín) e muitos outros. Note-se que o nome

Carbalheira de Reboredo é uma redundância, pois *reboredo*, hoje *reboeira*, é justamente um *bosque de carvalhos*. Carbalheira de Reboredo significa então Carvalheira do Carvalhal, ou algo assim. Ao longo dos séculos o povo esqueceu o significado do topônimo Reboredo (=carvalhal, carvalheira) e agregou a palavra redundante Carvalheira. AG: Reboredo 1128L, 1202L (vila), 1269S.

Sa (B49.440/G196/P6.926/E307/I100), **Sá** (B6.499/G0/P10.247/E5/I1),
Saa (B35/G1.499/P1/E0/I12), **Sáa** (B1/G0/P0/E1/I0)
todos oriundos da raiz celta *salā*, que significaria *sementeira, semente.*[108] A sementeira era um lugar sagrado para os galaicos e onde faziam suas cerimônias religiosas para garantir a fertilidade das sementes (e das pessoas e animais também) para o ano seguinte. Aqui há divergência entre filólogos: *sala* no protocelta significaria *oceano, água do mar* e não *semente*, *sementeira*.
Outros propõem que *salā* signifique *sal*. Porém, na Galiza os lugares e cidades com nome Saa estão no interior e não na costa, de onde se poderia extrair sal do mar. *Semente* em protocelta é *segeto*, de onde talvez **Segueto** (B29/G0/P0/E0/I0), **Seguedo** (MX60), **Segueda** (B1/MX188), os franceses **Seguet** (B1/F25), **Seguette** (B19/F121) e o já extinto na Itália **Seguetti** (B1/AR41) . Outros propõem a antiga raiz germânica *Saal*. Mas ela significava *salão, quarto*. Em alemão moderno, *das Saal* é o *salão de audiências*. Onde isso num cenário rural de vilas? E o Rio de Saa? Isso fica para ser explicado. Se for de origem germânica, essa palavra teria sido trazida pelos suevos quando invadiram a Galiza no ano 406DC e fundaram o primeiro reino independente da Europa Ocidental, a Galiza. Mas os suevos eram uma associação de diversas tribos germânicas, provavelmente cada uma delas com seu dialeto. Também se propõe origem no idioma basco. Por tudo isso, Sáa e derivados continuam um sobrenome desafiador em sua etimologia. Lugares de A Cortinha de Saa (Portomarín), A Leira de Saa (Palas de Rei), O Prado de Saa (Palas de Rei), o Rio de Saa (Ribadeo). As povoações de Saa (Vigo, Salvaterra de Minho, Barreiros,

Carbalheda de Avia, Palas de Rei, Dozón, Outeiro de Rei, Guitiriz, Becerreá, Láncara e outros). AG: Saa 989L (vila), 1174S. Sa 1170S.

Saldanha (B42.617/G0/P4.001/E29/I7), **Saldaña** (B10/G71/P0/E5.521/I1)
talvez celta na palavra *saldāniās*, significando *da salina*.[109] Não encontrei outras referências. Os Saldanha portugueses têm origem provável em Trás-os-Montes em terras que durante 1.000 anos eram galaicas e depois galegas, parte do Reino da Galiza até o ano 1143, quando Portugal se tornou independente da Galiza. AG: 1156S. Saldania 916L, 1147S.

Salgueiro (B8.758/G3.787/P7.794/E0/I1), **Salgueiros** (B12/G148/P1/E0/0)
Salguero (B141/G39/P1/E11.149/I8), **Selga** (B81/G0/P0/E211/I0)
Salgueirosa (B33/G0/P0/E0/I0)
do latim *salicarium*, que é a árvore do *salgueiro*. Muitos topônimos tem esse nome e podem ter originado os sobrenomes, que teriam etimologia no latim. Mas, há o pico do Salgueiro na Galiza. Nele *nunca cresceram salgueiros*, porque é lugar seco, sem água e o salgueiro consome muito dela. Se nunca houve salgueiros nesse monte, por que se chama monte Salgueiro? Porque o nome do monte teria originado do galaico *selgā*, que significa *caça*.[110] O nome desse monte em documentos da Idade Média era *Selgadionos*, que em celta significa um *local onde há caça*. O medieval monte Selgadionos é hoje chamado pico do Salgueiro. Não há atestação da evolução desse nome, mas talvez seria *Selgadionos>Selgarionos>Selgarios* de onde teria se confundido com a árvore salgueiro. AG: Salgueiros 1157L. O primeiro de sobrenome Salgueiro 1224S que encontrei foi num livro escrito por Portela. É o destino. Salguero 1180L.

Seabra (B17.740/G20/P6.407/E3/I3), **Ceabra** (B300/G0/P0/E0/I0), **Siabra** (B96/G0/P0/E1/I0)
em tempos celtas escrito *senabra*, vem do galaico *senabrig*. A raiz protocelta *seno* originou também o nome Sean, que significa *sênior*, *líder*. *Senabrig* é *velho forte*. Nome utilizado nos países anglófonos:

Sean Connery, o ator de 007 James Bond; Sean Penn o ex-marido da Madona. *Senabrig>Senabra>Seabra*. Os de sobrenome Seabra seriam originários da Serra da Culebra (Serra da Cobra), região dos municípios de Manzanal de Arriba e Figueruela de Arriba, na província de Leão, Espanha. Ver **Sena**. AG: 1250L (casario).

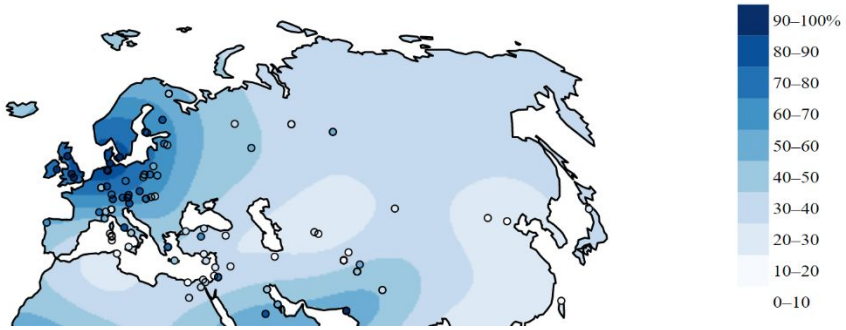
Sena (B93.585/G8/P2.717/E1.789/I1.951), **Senna** (B11.149/G0/P66/E14/I645)
vem do protocelta *seno*, que significa *antigo, sênior*. Por exemplo: Senabriga, que hoje se chama Sanabria. Puebla de Sanabria (Póvoa de Seabra), Lago de Sanabria, e outros. *Senabriga* significa *seno (antigo) + brig (forte)*, *forte antigo*. Em irlandês moderno, *sean* também significa *líder*, talvez por ser o mais antigo do clã, o mais sábio. Talvez os sobrenomes Sena e Senna se originaram dessa palavra celta galaica *seno, sena.* Ver **Seabra**. Na Galiza há topônimos **Senande** (B0/G406/P0/E291/I0) Argentina (AR17), Casenando, **Senandes** (B93/G0/P0/E0/I0).
Devem ter teriam etimologia germânica no nome Sisenand. AG: 916L (porto), 951L (rio), 1089 (terras), 1169S. Senande 1186L.

Silobre (B0/G0/P0/E0/I0)
Silobre, sobrenome na Galiza no século 12, em Bezoucos e Mugardos (Ferrol). Hoje existente só na França (F36). Não sei se emigração galega ou nativo. *Sil* em protocelta é *olhar* e *bre (brix)* significa *monte, forte*. *Sil(o)brix*, *o forte de observação*. Há proposta que **Cilobre** seria a partir de *cill,* que em irlandês significa *santuário, templo.* Cilobre, seria *santuário da colina*.[111] Mas a pronúncia de *cill* em irlandês é *kill* e não *sill*. Por exemplo, a palavra irlandesa *uisce*, não se pronuncia *uisse*, mas *uiske*. Significa *água*. Sim, caro leitor, é a origem da palavra inglesa *whisky*, neste caso *aguardente* (de malte). Ver Columbcill em **Colombo**. Então, *cilobre* se pronunciaria *kilobre* e resultaria no sobrenome galego Quilobre (extinto). **Quilobran** ocorre no Chile (CL89) e Argentina (AR1). Na Galiza, não encontrei toponímia *silobre, siobre, cilobre* e *ciobre*. Mas, há duas com a raiz *quio*: os lugares de As Leiras das Quiobras

(A Mezquita), Val de Quiobros (Riós). A confirmar se haveria algum *santuário na colina*. AG: Silobre 1196L (vila).

Silva (B3.610.645/G13.953/P283.326/E41.091/I2.249),
Silvas (B163/G0/P38/E1/I42)
Selva (B575/G0/P28/E2.349/I3.963), **Selvas** (B52/G0/P0/E9/I2),
esse sobrenome vem do latim *silva*, que significa *selva*. Será? Quem sabe pode ter originado do protocelta *selwa*, que significa *posse* de algo. Uma inscrição gaulesa antiga é *Luguselwa*, que significa *pertencente (ao deus) Lugo*, consagrado a Lugo. *Silva* seria *posse de algo* (terras ou outra coisa).[112] AG: Silva 757L (terras), 964L (vila), 1100S. Silvas 1113L (monte). Selva 942S.

Silvano (B4.343/G0/P538/E184/I2.111), **Selvano** (B80/G0/P0/E0/I0)
do protocelta *selwanos*. Como **Silva**, significa *posse*, mas também *rebanho de animais*. Silvano seria o proprietário de rebanho, criador de gado. Vamos a um pouco de história antiga. As datas podem variar, por que a cada descoberta de DNA antigo há novas informações. Mas, aceita-se que até por volta dos anos 2.000AC a 1.500AC a Europa do sul era habitada por povos nativos que não sabiam cultivar alimento. Caçavam e coletavam alimento da natureza. Então ocorreu uma grande migração dos povos indo-europeus na Europa. Esses povos provavelmente viviam no Cáucaso e regiões próximas, que são a fronteira entre a Europa e a Ásia Central. Sabiam domar cavalos que usavam para montaria, arado e puxar carroças. Sabiam cultivar terras e criar bois e vacas para carne. Posteriormente, uma parte desses povos indo-europeus, principalmente no norte-noroeste da Europa (Irlanda, Escócia, Inglaterra, Bretanha e Galiza, vide mapa, apresentou maior incidência de persistência à lactase, isto é, podiam consumir leite após o “desmame” sem sofrer desarranjos intestinais. Isso lhes deu uma vantagem competitiva na melhor alimentação, pois o ciclo de produção do leite é mais rápido do que o da carne. De sua origem no noroeste europeu, esse gene se espalhou pela Europa, com menor frequência no sul onde domina o DNA ibero.



Incidência de tolerância à lactose na Eurásia. © Wikimedia.

Criar gado, consumir carte e leite, junto com o conhecimento da agricultura podia significar a diferença entre a vida e a morte nos gélidos invernos europeus. Por essa razão, entre os povos indo-europeus, ser rico, ser influente, ser afortunado e da elite era ter muitas cabeças de gado. Isso se refletiu na religião celta: a deusa da fartura era representada como uma grande vaca, que segundo a lenda na Irlanda, tinha tanto leite que podia alimentar todos os clãs celtas que viviam naquela ilha. Seu nome era Glas, que no idioma celta significa *leite*. Leiam o livro Galiza, Terra de Meigas, no capítulo O Leite e o Louro. A riqueza medida através do gado também afetou os nomes das pessoas: a rainha Boudicca dos celtas Icenos. Várias fontes informam que o nome *Boudicca* significa *vitória*. Mas, nós aqui vamos mais a fundo. A raiz desse nome é a palavra protocelta *bowdi*, que realmente significa *butim, vitória*.[113] Em tempos antigos (e atuais também), a vitória significava que o vitorioso podia saquear o vencido, roubar-lhe os bens. É o chamado butim[114] de guerra. A provável raiz da palavra celta *bowdi* (*butim, vitória*) é *bow*. *Bow* significa *vaca, boi, rebanho*. Então temos que de seu sentido original (*vaca, boi, rebanho*) essa palavra celta evoluiu para significar *vitória, lucro, vantagem*. Esse é o grande valor que os antigos povos indo-europeus atribuíam a ter rebanhos. A palavra *vitória* nos idiomas celtas significava originalmente *confiscar os rebanhos do perdedor*. Quanto mais rebanhos tivesse, mais rica era a pessoa e sua família e descendentes. Sem animais, sem carne e leite, o perdedor e sua família poderiam morrer de fome durante os gélidos invernos. Daí o grande valor de possuir rebanhos. E por isso, voltando ao nome Silvano (celta *selwanos*), que significa

rebanho de animais, é um nome cuja etimologia indica um proprietário de rebanhos e portanto uma pessoa rica, influente, já que ter rebanhos era sinal de poder e riqueza. Na Itália, há a pequena cidade de Silvano Pietra, cujo nome é atestado em documentos do ano 969, um termo de doação de terras a um monastério. Cinquenta quilômetros ao sul, há a cidade de Silvano d'Orba.
O norte da Itália era habitado por povos celtas, depois conquistados pelos romanos. Desse topônimo pode ter se originado esse sobrenome. Na Galiza, os indícios são tênues, mas menciono para fins de pesquisa futura: topônimos como Caselo e Choucelo, são diminutivo (casinha, chocinha). Mas outros como Monteselo (Lousame), Folgoselo (Ourol), Forgoselo (A Capela), Penedos de Traveselos (Bande) e outros, nos fazem pensar em *selwo>selo*.

Taborda (B11.042/G18/P3.114/E2.260/I6), **Tabora** (B24/G6/P0/E0/I4)
em galaico seria *no lugar da mistura*, no caso, confluência dos rios onde *as águas se misturam*, embora essa etimologia seja baseada em apenas uma fonte,[115] não encontrei confirmação e outras. Há na Galiza a vila de Taborda, situada na junção dos rios Brinha e Minho. Podem ter havido outros povoados com esse nome. No entanto, o que o filólogo referenciado viu como *confluência*, pode ser na verdade *limite*. A raiz *borda* não ocorre só no galego, português e castelhano. Ocorre também em inglês: *border*. E tem o mesmo significado: *limite, fronteira*. A etimologia de *border* seria no francês medieval *bordure*, que no século 14 significava...*borda, limite*. Era usado na heráldica para indicar uma faixa que delimitava, fazia a divisa, entre o que era a ilustração do brasão nobiliárquico e o que estava fora dele. O dicionário etimológico inglês indica que *border* seria palavra de origem germânica. Mas, os dicionários de protogermânico que consultei só mencionam *burdi*, mas ela significa *nascimento*, é a raiz de *birth* em inglês. O que é que o germânico *burdi* (nascimento) tem a ver com o sentido medieval de *bordure* (borda, limite, fronteira)? Nada. A hipótese germânica não parece satisfatória. Na verdade, cá entre nós caro leitor, parece não ter pé nem cabeça. Tendo em vista a vigorosa cultura e linguagem celta na

França, já mencionados no Prefácio deste livro, *borda* pode ser palavra de origem celta. Dito e feito, os dicionários de etimologia celta mencionam uma raiz *burdi*. Essa raiz está presente numa cidade muito conhecida pelos amantes do bom vinho: Bordeaux, também desde os tempos romanos (e antes disso) importante porto às margens do rio Garonne.
Seu nome antigo, registrado pelo historiador Estrabo (63AD-23DC), era *Burdigala*. É claramente celta: *burdi* + *cala*. *Cala* significa *abrigo, porto*. Da raiz *cala* derivaram *gaia* (vide **Miragaia**) e *cale*: **Portugal** (B14.968/G15/P0/E949/I5), de *portuscale*, palavra mestiça do latim *portus* + o celta *cala*. Mas e *burdi*? Há muito debate sobre seu significado, atribuindo-lhe origem basca e até mesmo árabe (!), que nunca lá estiveram em Bordeaux por tempo significante. Como a região era habitada pelos celtas Biturigues, clã importante da Gália (França), o mais prudente é que *burdi* seja celta também. *Burdigala* significaria porto da *fronteira, do limite, da divisa, porto da borda* do rio ou mar. Efetivamente, Burdigala estava situada na foz e às margens do rio Devèze, afluente do rio Garonne. Temos Santo André da Borda do Campo, no Brasil, fundada por João Ramalho em 1550. Borda aqui significa *limite, divisa, beirada do campo*. Voltando ao sobrenome Taborda não seria *lugar da mistura* ou *confluência*, mas *lugar da divisa, do limite, da borda*. O limite entre a terra e o rio, ou entre o território de um clã celta e o do outro. Ou, em Taborda na Galiza, o limite entre um rio (o rio Brinha) e o outro (o rio Minho). A região e povoado de Taborda pode ser um dos locais de origem desse sobrenome. Outros: lugares de Baixada de Taborda (concelho de Tominho). **Taborada** é sobrenome extinto na península ibérica, mas existente no Brasil (B6), Venezuela (VZ1) e Estados Unidos (US18). Ver **Taveira** e **Tavoada**. AG: Taborda 1139L (casario).

Tamaredo (B0/G22/P0/E0/I0)
só existe na Galiza, há 22 com esse sobrenome. Provável etimologia no protocelta *tamo* (escuro) e *rhyd* (vau de rio). *Tamrhyd*, poderia significar *vau escuro*. *Kamrhyd*, é *vau curvo* (Cambridge). Vide **Cambraia**.

Tamara (B334/G0/P38/E145/I12), **Tambra** (B15/G0/P0/E1/I0),
de etimologia no protocelta *tamo* que significa *escuro*. Outros rios em países de fala celta tem a mesma raiz: Tâmisa (Thames, Reino Unido), e **Tamega** (B284/G0/P0/E8/I0) que é rio tributário do rio Douro e Tâmoga (tributário do rio Minho). Lá vivia a tribo celta galaica dos *Tamagani.*
No sul da península ibérica, na fronteira entre Portugal e Espanha, há o rio **Guadiana** (B5/G0/P38/E14/I0). Guadiana é mestiço árabe-celta em *wádi* (árabe, que muitos erroneamente confundem com *rio*[116] mas na verdade significa *vale*) + *ana* (celta, *anam* significa *água*). Perto da foz do rio Guadiana, há o monte **Tamissa** (B0/G0/P47/E0/I0), pronuncia-se tâmissa. O sobrenome Tamara é muito popular na costa do Pacífico da América Latina (VZ414/CO9.140/PE3.907). AG: Tamega 931L (rio), 1250S.

Tavares (B460.661/G65/P44.536/E968/I27),
Tabares (B40/G185/P0/E3.249/I0)
do celta *tā-bāriā*, significa *na ribeira*, porque *var, ver, ber*, no celta significam *água, rio*.[117] Os prefixos galaicos *ta* e *to* significam *ir em direção a.*[118] Melhor interpretado como *para os lados de* (nas proximidades de, no). Sobrenomes com o prefixo galaico *ta* ou *to* significariam estar em algum lugar, *estar em, no*. *Ta+baria*, é *no rio*. *Tabar+es* significa *filho de Tabar*. A terminação *-es* é o patronímico: Tavares é o filho de Tavar. Há basicamente duas raízes nos idiomas ibéricos que significam água: *an* e *ber, ver*. A raiz *an* está presente, por exemplo, na Irlanda onde essa palavra significa *rio*. O rio que corta a capital Dublin se chama An Liffe (literalmente Rio Liffe), e também no rio Guadiana, sul da península Ibérica. Esse nome é mestiço de árabe com celta: *wadi* (em árabe significa vale) + *an* (em celta significa rio). Ver **Homem** para variação da raiz *an* em *om* que ocorre na Galiza, Portugal e França (rio Homme). Alguns filólogos acreditam que a raiz *an* seria *pré-celta*, do idioma ibero que lá se falava antes da migração celta. **Borba** teria etimologia em borwedā: *água borbulhante, da fonte* ou *térmica*.

Taveira (B17.755/G14/P3.293/E41/I1), **Tavera** (B532/G0/P0/E533/I584)
Tabeira (B2/G6/P0/E0/I0) no Uruguai UY1.147.
os dicionários informam que a palavra **beira** (B1.799/G0/P236/E25/I1) e sua derivada **Beiras** (B33/G224/P28/E0/I1) têm etimologia obscura. Mas, podem se originar da raiz celta *bāriā*, que significa *água, rio* como Tavares (*tā-bāriā*). **Tavares** e Taveira teriam o mesmo significado? É uma suposição, lembrando que *b* e *v* se trocam frequentemente nos idiomas ibéricos. A *beira* se trata de limite entre terra e água. Beira do mar, do lago, do rio, embora nem sempre: à beira de um ataque de nervos. É um sentido figurado: estar na iminência de transpor um limite. Em português, *borda* não é *beira*. Borda também significa *limite, fronteira, divisa*. Às bordas do precipício. Mas quase não falamos à borda do rio, ou à borda do mar. No idioma celta da Galiza, a raiz *burdi* seria outro tipo de limite que não envolve água. Talvez signifique fronteira, divisa terrestre (não aquática). No entanto, nos idiomas celtas da França, parece que não houve essa diferenciação entre *beira* e *borda* que ocorreu no celta galaico da Galiza. Em francês *au bord de la mer* é corriqueiro. Ver **Taborda** para uma visão adicional sobre a etimologia da palavra portuguesa *borda*. Em tempo: **Tavira** (B21/G0/P264/E942/I0) teria etimologia diferente: *ta (no) + wira (oeste)*, *no oeste*. Ver **Caaveiro**. Na Galiza, os lugares de A Tabeira (concelho de Samos), As Branhas da Tabeira (Melide), O Campo da Tabeira (A Laracha) e as povoações de A Tabeira (concelhos de A Laracha e Melide). AG: Beira 1140L (igreja).

Tavoada (B0/G0/P0/E0/I0/AR15), **Taboada** (B1.187/G9.114/P255/E0/I24),
Taboas (B274/G1.862/P4/E0/I0)
talvez da Serra das Cabeças, Concelho de Tavoada, Galiza. Sua etimologia não é da tabuada matemática da escola, que vem do latim tabula, que originou tabela, tabuada e tábua (madeira). Taboa teria origem diferente. Alguns informam, que taboada é *um local*

desflorestado onde havia atividade madeireira. Fontes medievais galegas atestam essa informação.[119]

Mas, por que não pensar que esse sobrenome seria anterior aos tempos medievais? Vamos averiguar. Hoje, nossos jeans são tingidos com tinturas artificiais, mas até o final dos anos 1800, usava-se uma tintura à base da planta índigo (*Indigofera tinctoria*) para tingir tecidos de azul. Daí o nome indigo blue, azul índigo. Porém, não é essa a planta tintureira que nos interessa. É a sua predecessora. Antes do índigo, usava-se outra planta, a *Isatis tinctoria*. Em português se chama *planta pastel* e em castelhano de *hierba pastel*. O uso dessa planta pastel para colorir tecidos é milenar, ocorrendo pelo menos desde o antigo Egito há 5.000 anos atrás. Ela é originária do Cáucaso e ocorre hoje em quase toda Europa, Ásia Central até na China onde se acredita que suas raízes teriam usos curativos. Ocorre em regiões com altitude de até 1.800 metros, inclusive presente na península Ibérica e nas Astúrias.[120] Ela era cultivada em várias regiões da península ibérica para colorir tecidos de fibras vegetais e de lã.[121] Mas, o que *planta pastel* tem a ver com o sobrenome *Tavoada*? É que em inglês essa planta se chama *woad*. Essa palavra inglesa vem do celta *woad* [122] [123] que significa exatamente essa planta pastel. Parece que embora fosse utilizada nos idiomas celtas, a palavra *woad* seria emprestada do germânico antigo (protogermânico). Se isso for confirmado, temos aqui uma grande viagem para a palavra *woad*: protogermânico>protocelta>celta galaico>galego>português. A proposta é que *Tavoada* e *Taboada*, viriam de *ta-woad*, *no lugar onde crescia* ou *lugar de cultivo* da planta pastel para fins de tinturaria de tecidos. Ou quem sabe para tatuagens, característica dos povos celtas registrada por vários historiadores romanos.[124]

Mas, por que o filólogo referenciado neste verbete menciona que Tavoada indicaria *um lugar desflorestado onde havia atividade madeireira*? Por que a Isatis tinctoria (planta pastel, *woad*) é planta colonizadora. Ela está entre as primeiras a nascer quando um lugar é desflorestado. Então, Tavoada ou Taboada não significa o lugar desflorestado em si, mas a planta pastel que cresce nesse lugar desmatado. Isso explica por que *tavoada* está ligada a local

desmatado.[125] O significado correto de Tavoada: local onde há plantas pastel (*ta-woad*). Essa planta tinha grande importância comercial e as tatuagens que talvez eram feitas com ela tinham importância nos ritos religiosos celtas. Na Galiza, os lugares de A Taboada (concelhos de Cangas, Val do Dubra, Cambados, Tominho, Ames, Palas de Rei e outros), A Taboada do Guicho (Val do Dubra), As Taboadas (Cambre), Chan de Taboada (Ponteceso), as povoações de Taboada (concelhos de Taboada, O Pino, Monfero, Ferrol, Vila de Cruzes, Melide e Silheda). AG: Tavoada 1244L, 1252S.

Tovar (B475/G113/P311/E7.409/I9), **Tobar** (B275/G67/P28/E1.558/I7)
provavelmente oriundo da pequena cidade de *Tobar*, no norte da Espanha. Devem haver outros lugares com esse nome. Pessoas que nasceram nessa cidade ou região, adotaram esse sobrenome. Mas, o que significa a palavra *tobar*? Alguns sugerem que o nome da cidade se originou da palavra latina *tofus.*[126] *Tofus* em latim significa *pedra*. O que nos cria um problema por que de *tofus* para *tovar* a mudança etimológica parece ser radical. É verdade que existem muitos casos de evoluções etimológicas extremas. Com algumas, mal podemos acreditar no resultado atual (ver **Louro**). Então, por mais estranho que nos pareça, o latim *tofus* pode ter tortuosamente originado *tovar*. Mas, por que não imaginar uma etimologia mais simples?
Tovar poderia vir do protocelta: *to* que tem sentido de localização de algo, *do*.[127] *Var, ver* ou *ber*, significa *água, rio*. E, realmente, há o pequeno rio Hormazuela que cruza a cidade de Tobar. *Tovar* significaria *do rio*, e indicaria um *povoado no rio*. Aliás, o nome antigo dessa cidade era justamente Tovar com *v*.[128] Para que complicar com o tortuoso latino *tofus* se temos fácil à mão o celta *to-var*? Tovar é muito popular no México (MX118.694), Colômbia (CO64.502), Peru (PE8.977) e Venezuela (VZ97.730). Tobar é mais popular no Chile CL15.700, Equador EC8.423 e Colombia CO17.791. Os sobrenomes **Tobares** (B0/G0/P0/E6/I1) e **Tovares**

(B4/G0/P0/E1/I0/AR325) seriam Tobar+es e Tovar+es, que significa filho de Tobar e filho de Tovar, respectivamente. A terminação *-es* indica patronímico, como Rodrigues, é filho de Rodrigo. Ver **Tavares**.

Trava (B173/G0/P0/E1/I4), **Traba** (B276/G829/P0/E0/I0),
Traba é sobrenome típico do Fisterra galego, mas curiosamente, a topografia com essa raiz fica localizada principalmente em outras regiões da Galiza: os lugares de A Agra da Traba (concelho de Cospeito), A Pena da Trabanca (Parada de Sil), a Pena do Trabazo (Ribeira de Piquín), a Trabadela. Outros lugares como As Costas de Río Trabada (Trabada), As Trabancas (A Gudiña, Parada de Sil, Bande). Traba e Trava podem vir do protocelta *trebo* que significa *casa*,[129] *povoado*. Traba 1119L (terra). **Trabanca** (B14/G0/P0/E68/I0) e **Trabanco** (B5/G0/P0/E356/I0) são claramente celtas: *traba+anko*. Os filólogos ainda debatem o real significado do sufixo celta *-anko*. Aparentemente ele serve para atribuir uma qualidade ao substantivo que o precede. O topônimo galego (e sobrenome) **Trabazos** (B0/G165/P1/E0/I0) nos leva a **Travassos** (B11.074/G0/P1.746/E3/I0). Não há registro de sufixo -asso ou -assos nos idiomas celtas.
É provável que esse sufixo viria do latim *-atio* que é aumentativo.[130] Em italiano talvez corresponderia a *-azzo, -accio e -aso*.[131] Mestiço de raiz celta e sufixo latim, Travassos significaria *grande povoado*. AG: Travanca 951L, 955L (vila), 1258S. Trava 1022L (castro), 1088S.

Trasancos (B16/G432/P0/E0/I0), **Traseira** (B0/G133/P0/E0/I0), **Trashorras** (B3/G234/P0/E87/I0)
possível origem na palavra protocelta *taras,* que significa *através, depois.* Corresponde ao latim *trans*, em transmontano, através, após as montanhas. O protocelta *taras* originou o irlandês antigo *tar*, o galês medieval e moderno *tra* e o bretão *treuz*, todas significam além, depois, após. Filólogos acreditam que o bretão *treuz* talvez seja derivado do latim *trans*. Mas *taras, tar e tra* teriam raiz pura

celta sem contaminação do latim. [132] Se for esse o caso, a palavra transmontano com *n* seria latina, mas há Trastamara (além do rio Tamara, Galiza; sobrenome atestado em Gonçalo Trastamires, Senhor da Maia (1020-1065). Vide **TAMARA**. Tras sem o *n*, seria celta sem passar pelo latim, com origem direta no protoindo-europeu *terh2-* (que significa *cruzar, atravessar*). A atestação disso, a meu ver, é difícil senão impossível devido à similaridade entre o celta *tras* e o latim *trans*. Mas, fica lançada a ideia. Isso explicaria os topônimos galegos com a raiz celta *taras*, significando *além, depois, através* de algum acidente geográfico e os sobrenomes deles derivados. O sobrenome Traseira, *taras eira, depois* ou *além da eira*. Tarashorras, *depois das horras*. Mas, o que significa horra? Os dicionários informam que a palavra *horra* seria originada no árabe *hurr*, que significa *livre*. *Horra* era uma pessoa que sendo escrava, alcançava a liberdade. Teria o significado de *perder ou economizar* algo: *horro* é cigarro de baixa qualidade (economia da na matéria prima), *salir horro* é sair de um negócio ou empresa sem pagar a sua parte.

Ahorrar é *poupar, economizar*. Isso pode ser correto nas regiões que foram ocupadas pelos árabes depois de sua invasão da península Ibérica no ano 711DC. Mas não explica o galego Trashorras, *além das horras*. Não faz sentido o significado *depois do escravo liberto (!)*. Na Galiza, *horra* não tem a ver com *poupar*, é claramente toponímico: *trás horra* significa *depois da horra*. Mas, o que é *horra*? Outra cidade nos ajuda: **CALAHORRA** (B2/G0/P0/E819/I0), na região de La Rioja, cujo nome celta original é atestado por moedas cunhadas nessa cidade entre o século 2AC até por volta do ano 46AD. Seu nome celta era *Kalakorikos* que os romanos chamaram de *Calagurri* e depois de *Calaurri*, origem de *Calahorra*: do celta *kala* (abrigo) + *kore* + *ikos* (sufixo celta que significa *pertencente a)*. Mas, que significa *kore*? A raiz celta *gorto*, *campo cultivado cercado, horto*, parece ser a mais viável. Vide **GORDO**. *Kalakorikos* significaria *abrigo do campo cultivado*. Similarmente, teríamos *trasgortos* > *trashortos* > *trashorros* >

Trashorras na Galiza: *depois dos campos cultivados*. AG: Trasancos 569L, 933L (vale), 1088S. Calahorra 962L (cidade).

Ulhoa (B1.378/G0/P0/E0/I0), **Ulloa** (B136/G1.002/P0/E1.840/I85)
Ulho (B9/G0/P0/E0/I0), **Ullo** (B3/G0/P0/E0/I498)
Ulha (B9/G0/P0/E1/I1), **Ulla** (B37/G291/P0/E56/I152)
A Ulhoa é comarca galega cujo nome é derivado do rio Ulha que a corta através de seu território. Deriva do celta galaico *ullia*, que significa *água, aquático*. O sobrenome italiano Ulla é mais popular na Argentina (AR1.053). Na Galiza, a povoação de A Fonte do Ulló (concelho de Ferrol), A Fonte da Ulloa (Palas de Rei), Muinhos de Ulloa (Ribadavia), A Casa da Ulloa (Sarria), lugares de A Ulloa (Palas de Rei), O Prado de Ulloa (Arzúa), Vilar de Ulloa (Palas de Rei). **Uchoa** (B24.144/G0/P0/E1/I2) e **Ochoa** (B907/G296/P359/E14.303/I58) viriam do basco *otsoa* que significa *lobo*. Não têm etimologia no celta. AG: Ulloa 1122S, 1254L (terra).

Vargas (B90.931/G786/P2.331/E53.209/I909),
esse sobrenome existe na Hungria também mas é escrito Varga sem o *s*, significa *sapateiro*, *artesão do couro*.
Aqui falamos do sobrenome ibérico *Vargas*, que pode ter sua etimologia no galaico *wraga.* Ver **Fraga**. A palavra celta *wraga* significa uma choça feita de paus trançados. A palavra galega e portuguesa *varga* (*choça*) se conservou até os anos 1800 no português do norte desse país. *Vargas* é o filho do *Varga*. Na Galiza, o lugar de O Pasteiro de Vargas (Castro de Rei), O Vargado (Foz, Bande, A Teixeira), o Vargal (Riós) e a povoação de O Vargado (Barreiros).

Viana (B357.823/G508/P11.096/E3.881/I473),
Vian (B2.785/G28/P75/E417/I2.385),
Vianna (B36.977/G0/P179/E9/I8)
o livro A Toponimia de Galicia indica que viria de *bi (dois)* + *anna (rio, lugar com água)*, significando *duas águas, o local onde dois rios se encontram*. Mas a raiz *bi* é latina e não celta. Num dicionário italiano de latim vulgar do ano 1584 atestamos melhor: *Uienne, rio*

da França, Uingenne(na).[133] Atenção, o dicionário mostra duas terminações: *ne* ou *na*, *uingenne* ou *uingenna*. O rio Uienne é hoje rio Vienne. *Uingenne* é do idioma celta gaulês *uin* (da raiz protocelta *windo*, significa *branco, claro, feliz, brilhante*) + *an* que significa *rio.* Essa raiz *an* é utilizada na Península Ibérica: rio Guadiana, nos tempos romanos se chamava rio Ana. Os árabes depois de sua invasão no ano 711DC adicionaram a palavra *wadi* (vale), resultando em *Wadiana*, **Guadiana**. No irlandês medieval *en* significa rio, no irlandês moderno *an*[134] tem o mesmo significado: An Fille, o rio Fille que corta Dublin. Do celta gaulês *uingenne*, além do rio Vienne, teríamos as cidades de Vienne (França), Vianen (Holanda), Viena (Áustria), Évian-les-Bains (das águas minerais, França) todas elas situadas à margem de rios, fontes ou lago. De *uingenna>uinenna>uinanna* poderíamos ter *uianna*, Viana, Vianna e Vian, que significa *rio de águas claras, brilhantes*. Na Galiza: os lugares de A Fonte de Vián (Trabada), a Fraga de Vián (A Pastoriza), A Viana (Trabada), Pozo de Vianova (Moanha).
As povoações de Viana (Parada de Sil, Chantada), Sirvián (Guntín), Muinho de Vián (A Pastoriza), Viana do Bolo (Viana do Bolo) ver **Bolo**. AG: Viana 1206L, 1209S (Iohannis Fernandi de Viana).

Villadoniga (B0/G429/P0/E0/I0), **Villadonga** (B0/G18/P0/E24/I0) sobrenome atestado no século 14 na Galiza na região de Cerdido e até recentemente no Brasil (2012). *Villa* pode vir do latim *vi*lla, que significava um povoado de casas no campo. *Donega* parecer ser celta. No irlandês, *dun na nGal* significa o *forte do celta* (Gael = galaico). *Dun na nGal>Dunnangal >Donegal*, condado no norte da Irlanda perto de Londonderry. Mas se Donega é palavra celta que significa *forte do celta*, Villa também poderia ter origem celta? Quem sabe ao invés de derivar do *villa* latino, em alguns casos poderia ter se originado de raízes celtas. *Wel-o* (*ver, observar*)[135] é uma das opções. *Wel-o-donegal*, por exemplo, seria o *forte celta de observação*. Villadonega. Na Galiza, os povoados de A Viladónega (concelhos de Guitiriz, Castroverde), Dónego (Portomarín), Viladónega (Vilalba, Boimorto) e Viladonga (Castro de Rei). AG: Viladonga 1122L (vila), Villadonga 1130L (igreja), 1489S.

Villalobos (B394/G26/P85/E5.210/I36), **Villalobo** (B159/G0/P0/E45/I0),
Vilalobos (B16/G0/P38/E1/I0), **Vilalobo** (B15/G0/P0/E0/I0)
há sobrenomes dos quais conseguimos mais pistas na etimologia e na história do que outros. De todos os sobrenomes acima, o que tem registros mais antigos é Villalobos. Os demais podem ser derivações dele. Buscando na toponímia da Galiza, não se encontra nada relacionado a *villalobos*. No mapa de distribuição geográfica desse sobrenome na Espanha, vemos que a maioria vive no sul da península, que ficou sob domínio dos invasores árabes durante 700 anos (711-1492). Um documento do ano 1191 menciona um tal de R*oderico Petri de Villalobos, tenens León: Rodrigo Pedro de Villalobos, senhor de Leão*.[136] Centramos nossa mira no antigo reino de Leão no norte peninsular.
Um estudo sobre topônimos baseados em animais (zootoponímia) confirma que esse sobrenome seria originário do reino de Leão. Há alguma toponímia leonesa que pode sustentar isso. Provavelmente esse grande número de Villalobos que vivem hoje no sul, são migrantes que para lá foram durante a Reconquista (711-1492) aos invasores árabes. Os Villalobos em seu início nos anos 800DC eram muito próximos aos reis leoneses. Durante missas na catedral de Oviedo, sentavam-se ao lado direito dos reis. Vemos no Nobiliário das Famílias de Portugal que Villalobos entrou no reino de Portugal com essa mesma grafia, duplo “l”. Teria entrado pelo norte de Portugal. Não há sequer uma menção nesse extenso livro a algum Vilalobos, Villa-Lobos ou Vilalobo, que seriam derivações do nome mais antigo Villalobos. Significa Vila de lobos? Não, esse sobrenome não significa isso. Lobos não viria do latim *lupus*, mas sim teria origem germânica, dizem os filólogos. Se é palavra germânica importada no galego existem normalmente duas possibilidades: o germânico suevo, desse povo que para lá emigrou, fundou o reino da Galiza e o governou entre os anos 406DC e 585DC e o idioma godo, desse povo germânico que anexou o reino da Galiza ao reino da Hispania entre os anos 585DC até 711DC.
Villalobos - A Hipótese Germânica Atual: alguns sugerem que Villalobos teria origem na etimologia *villa* + *leuba*. *Villa* é do latim, e

significa *casa de campo*. *Leuba* seria palavra originada do protogermânico *lauba*, que significaria *folhagem*, *teto*. *Leuba* teria originado a palavra galega *lobio (pronuncia-se lóbio).* O galego *lobio* teria herdado da palavra-mãe germânica *leuba* o significado de *folhagem, teto*. Então, o galego *lobio* seria uma *folhagem, teto*, ou seja, um *teto de folhagens*. No galego moderno, *lobio* é um caramanchão de vinhas, o que é um *teto de folhagens*. Portanto *leuba>lobio*. Tudo estaria muito bem, se não fossem os mais modernos dicionários de protogermânico que definem *leuba* como *querido(a), amado(a)*. Isso mostra que de cara esta hipótese parte da premissa errada que *leuba (querido, amado)* se originou de *lauba (folhagem, teto).* Isso seria inviável, o que já anula todo o resto do raciocínio desta hipótese. Além disso, não há indicação de que a raiz protogermânica *lauba* signifique *folhagem, teto.* Ela significa só *folhagem*.

Villalobos – Nova Hipótese Germânica: então, como de costume neste livro, vamos apagar o quadro-negro e recomeçar do zero, a partir de análises etimológicas modernas, primárias e registros medievais primários também. Com isso, vamos direto às fontes, sem a interferência de dezenas de hipóteses emitidas ao longo de décadas. Um registro medieval do ano 1110 atesta que: *"et concludet se per illo fluuio Masme cum suas piscarias usque in Penna louesendi, id est casas cum suos* ***lobios****, terras cultas uel incultas, arbores fructuosas uel infructuosas, aquis aquarum uel paludibus..."* A tradução: *"...e termina pelo seu rio Masma (n.a. perto de Mondonhedo) com seus pesqueiros até a Penha de Xoves, e as casas com seus* ***lobios****, terras cultas e incultas, árvores frutíferas e não frutíferas, águas potáveis e não potáveis..."* . As casas com seus *lobios*...qual o significado desses lobios? Hoje em dia, *lobios* são armações que sustentam as vinhas no alto, deixando a terra embaixo livre para outros cultivos. O lobio é um *telhado de folhagens,* um *emparrado (caramanchão) de pouca altura* diz o dicionário de galego. Vimos que do protogermânico *leuba (querido, amado)* a palavra *lobio (caramanchão)* não pode ter vindo. Não há registros medievais de que se usava o caramanchão para namorar, embora isso deva ter ocorrido, e cá entre nós, não seja um mau lugar para isso ;-). Mas, ahem..., voltando à etimologia de *lobios*.

Voltemos à palavra germânica *lauba (folhagem)*. Encontro que *lauba* (*folhagem*) é etimologicamente ligada à palavra *luftu*, que significa *telhado* (e não *teto*). Essa ligação é provada pela etimologia *laubhtu>lubhtu>luftu*. De *luftu* (telhado) se originou o inglês *loft (galpão)* que é um espaço sem divisórias e com telhado. Se *lauba (folhagem)* originou *luftu (telhado)*, é possível que *lauba* também tinha originalmente algum significado de *telhado*. Ou seja, ao invés de *lauba=folhagem*, na verdade *lauba=folhagem, telhado*. Isso confirmaria o significado de *lobios: telhado de folhagens (caramanchão): lauba>loub (OHG)>lob* (OHG= palavra atestada no idioma Old High German). Muito bem, temos a raiz germânica *lob*, mas a palavra galega é *lobios*. De onde vem o *-ios*? Encontramos pistas no dialeto galego da região ocidental das Astúrias, entre os rios Eo e Návia. Ele manteve palavras galegas arcaicas que nos surpreendem por sua evidente origem celta. Nesse dialeto do galego falado nas Astúrias, divisa com Galiza, os sufixos *-ia* e *-io* são também diminutivos. *Madría* é *madrinha* (*pequena mãe*), *padrío* é *padrinho* (pequeno pai). Seguindo essa mesma linha, *lobio* seria um diminutivo e *lobios* seu plural. *Lobio* significa *pequeno caramanchão* e seu plural é *lobios*. Com *lobios* resolvido, vamos ao sobrenome Villalobos. Villa é do latim e significa casa de campo. *Lobos* é de *lobios*. A etimologia seria então *villa+lob+ios*. *Villalobios* significaria uma *casa no campo com vários caramanchões*. Como confirmar isso? Em nosso socorro, vem o reconhecido Pedro Xosé Garcia Balboa, conhecido como frei Martin Sarmiento (1695-1772), religioso cristão e escritor galego, um dos pais da filologia românica e galega. Em um de seus livros ele escreve: *"Em Ribadavia e outras partes,* (n.a. lobio) *significa a videira que está junto da casa para sombra e passeios."* O texto medieval do ano 1110 citado na página anterior informa justamente isso: *"as casas com seus lobios"*. Ou seja, era costume na Galiza desde a Idade Média que cada casa tivesse seu pequeno caramanchão (lobio) com vinha para uvas de consumo caseiro. Essa seria a hipótese germânica. Mas, estamos na Galiza, país de raízes celtas. E temos o princípio de Ilhas Estrangeiras no Oceano Celta, vide Introdução ao Glossário.

Villalobos - A hipótese Celta: buscando na etimologia protocelta, entre as raízes reconstruídas está *lubi (*ou *lubia,* veja **LUBIÁN***)*. A *lubi*

celta significa *erva, planta.* Originou o irlandês antigo *luib*, o galês antigo *luird*, o bretão antigo *lub* e *lob,*[137] todos significam *folhas*. Perderam o significado de *ervas e plantas*. Essa evolução de *lubia* para *lob* no idioma celta bretão antigo nos permite imaginar que isso também possa ter ocorrido no idioma celta galaico que era falado na Galiza. A partir dessa possibilidade da palavra (não atestada) *lob* no idioma celta galaico, temos a seguinte possível etimologia para Villalobos: *villa (latim, casa de campo) + lob (folhas) + ios (diminutivo do galego arcaico): villalobios. Villalobios>Villalobos.* Parece-me uma proposta mais simples, mais objetiva que a germânica. No entanto, lhe falta o significado de *telhado* que a hipótese germânica *(lauba>loub>lob)* tem. E um caramanchão é como se fosse um telhado (de folhas). Deixo ao leitor que reflita qual das hipóteses parece mais viábel. Aparentemente a hipótese germânica teria mais sustentação.

Seja de origem germânica ou celta, todo topônimo denominado lobo, lobinho, lobio deve ser analisado com atenção. Ao menos na Galiza e Norte de Portugal, podem tanto ter origem devida a um local onde havia muitos lobos, como podem ter origem na raiz germânica lob (folhagem, telhado) ou na celta lob (folhas). Hoje em dia na Galiza, já não se discerne o diminutivo que existe em *lobios*. A palavra *lobios* se aplica a caramanchões de todos os tamanhos e mesmo aqueles grandes ou que ficam longe da casa, em terrenos cultivados, encostas de morros e demais locais. Na Galiza, os topônimos de Lobio (Concelho de Santiago de Compostela), fica próxima ao Rego de Aríns, muito arborizado em suas margens; cidade de Lobios (Concelho de Lobios, Ourense), é cortada pelo rio Lobios, Lobios (Concelho de Porqueira, Ourense), próxima ao rio Lima; Lobios (Concelho de Cambados, Pontevedra), outeiro, pequena elevação; Lobios (Concelho de A Negreira, A Corunha), perto de Lueiro, não tem rio próximo; Os Lobios (Concelho de Ribadavia, Ourense), num outeiro, não tem rio próximo; Os Lobios (Concelho de Teixeira, Ourense), fica num outeiro ou morro perto de Cristosende, não longe do rio Minho. AG: Villalobos 1191S (terras, Leão), 1211 Villalobos (castelo, provavelmente em Leão).

Lubian (B368/G205/P0/E375/I280/FL418).
viria do protocelta *lubi* ou *lubia* (ervas, plantas) como **Villalobos**. Tendo em vista o proposto em Villalobos – A hipótese Celta, penso que o protocelta *lubi* resultou no bretão *lub* e *lob* e na palavra *lobios*. Já o protocelta *lubia* teria alguma relação com o protogermânico *lubja*, talvez palavra importada. Teria resultou na palavra *lubian* que teria um significado bem diferente de *lobios*. Vamos analisar essa possibilidade. Os topônimos *lubian* na Galiza, são desde povoados, até encostas marítimas, terrenos cultivados e lagos. Qual a relação entre esses topônimos *lubian* tão diversos? Nas fontes do idioma protocelta não encontramos muito além da definição de *lubia* (erva, planta). Em busca de outros significados possíveis, vamos ao idioma irmão do protocelta, o protogermânico (ambos são filhos do idioma protoindo-europeu). No protogermânico, *lubja* significa *erva* mas também *poção*.
Vai mais além: significa *remédio, erva curativa* e *mágica*. No idioma germânico gótico, descendente do protogermânico e falado pelos godos que controlaram o reino da Galiza entre os anos 585DC e 711DC, *lubjaleis*, significa *conhecer remédios*. E *Lubja-leisei* é *remédio, erva curativa*. E continua a definição: *lubja-leisei* é *"um conceito associado com mágica."* [138] Como o protocelta e o protogermânico são idiomas irmãos, se a palavra protogermanica *lubja* é associada ao conceito de *erva, poção, magia* talvez sua irmã protocelta *lubia (erva, planta)* também seja. Os povos antigos curavam suas doenças do corpo e do espírito com o uso de ervas, em tisanas, compressas e unguentos feitos com ervas e gordura animal. As ervas eram consideradas mágicas, por que certas curas consideradas inexplicáveis em tempos antigos eram atribuídas à mágica, ao milagre e à cura espiritual e não ao princípio ativo que continha o remédio. Então, a relação entre lugares *lubian* de topografia tão diversa é que em todos eles se praticariam as curas e rituais de magia. Isso explicaria o porquê da toponímia *lubian* numa encosta de frente para o mar. O mar é especialmente sagrado para os celtas antigos. No fundo dele está o Inferno e numa ilha no horizonte o Paraíso. Na Galiza, povoações de Lubián (concelhos de Boqueixón, Tominho, Fene), Soutolubián (O Corgo), Presa de

Lubián (Tominho), lugares de O Lubiano (Fene, A Paradela). Atenção: o sobrenome Lubian na Galiza pode vir dessa etimologia germânica, porém os Lubian e **Lubiana** (B651/G0/Po/E0/I135) presentes na Itália não teriam a mesma etimologia, são de famílias que emigraram de Ljubliana para Trieste em 1600. AG: Lubia 975L, Lubian 1183L.

Viriato (B724/G6/P481/E3/I0), **Veriato** (B602/G0/P28/E0/I0)
o historiador Plínio, o Velho informa em seu livro Historia Naturalis que os celtas usavam um bracelete de ouro a que chamavam de *viriae*. Essa pulseira era sinal de nobreza e riqueza.
A etimologia vem do protocelta *weros*, que significa *torcido.* Essas pulseiras eram feitas de ouro torcido, assim como os torques celtas da Galiza, usados no pescoço e também de metal torcido. Na Galiza normalmente as *viriae* e os torques eram feitos de ouro, na Celtiberia, que corresponde aproximadamente a região centro-norte da Espanha atual era normalmente de prata, porém os havia até de bronze. Viriato, foi um general lusitano que derrotou várias vezes as legiões romanas. Seu nome advém do bracelete que usava, símbolo de nobreza. Se *viria* era a palavra celta que denomina o bracelete nobre, não se sabe o que significa o sufixo *-to*. Há o sufixo protocelta -tus, mas seria usado apenas depois de verbos. Vide **Brito**. Quem sabe a evolução do nome da cidade de **Viriat** na França (F91) (Departamento de Ain), pode nos dar uma pista: *Viries (1250), Viria (1272), Viria (1417), Viriaz, Viriatz (1563)* e finalmente *Viriat* a partir de 1564. *Viriaz, Viriatz*, pronúncia de onde séculos antes o historiador romano pode ter entendido *Viriat*, e daí o nome *Viriato* em seu livro Historia Naturalis. Essas terminações -oz e -az na região de Rhônes-Alpes (França) não teriam valor fonético,[139] não se pronunciam. Mas, isso não explica Viriaz>Viriatz (acréscimo do *t*).

Parte 2
Os Celtas Galaicos e os Galegos

Os Galegos

Muitos confundem a Galiza lusófona com a Espanha castelhana, porque desde o ano 1230 até hoje, esse antigo reino da Galiza está sendo governado pelos castelhanos (do Reino de Castela) cuja capital hoje é Madrid. Mas a Galiza e os galegos são uma nação diferente.

Assim como os bascos e catalães, os galegos têm suas origens, cultura, culinária e idioma bem diferentes do que se convenciona chamar de cultura e idioma espanhol, que na verdade é a cultura e idioma castelhanos que vai se impondo aos demais idiomas e culturas regionais ao longo dos séculos. A bem da verdade, não existe um idioma espanhol, mas vários. A própria Constituição do Estado Plurinacional da Espanha, cita em seu Artigo 3: “O castelhano é a língua espanhola oficial do Estado. Todos os espanhóis tem o dever de conhece-la e o direito de usá-la. As demais línguas espanholas serão também oficiais em suas respectivas Comunidades Autônomas de acordo com seus Estatutos.” De acordo com a Constituição, o castelhano é um entre os vários idiomas espanhóis.

O castelhano é o idioma de administração do Estado Espanhol, assim como o Latim foi a língua de administração do Império Romano, mas cada povo mantinha seu idioma diferenciado e independente. Se um habitante do Império que morava no Norte da África quisesse se comunicar com outro que vivia na Gália (França), usavam o idioma latim para isso. Aqueles que se qualificavam para isso, ganhavam cidadania romana não importa onde houvessem nascido. E hoje ocorre o mesmo no território do Estado Espanhol: se um cidadão basco quiser se comunicar com outro catalão, usará o castelhano para isso. E ambos são cidadãos do estado plurinacional espanhol.
Segundo a Constituição, portanto, não existe uma língua espanhola, mas várias línguas faladas no território do estado espanhol e todas

têm o mesmo status, mas o castelhano é usado na administração. O mesmo vale para as nacionalidades que vivem hoje sob a administração do estado espanhol: bascos, galegos, catalães e outros, são cidadãos do estado espanhol mas cada um tem sua cultura diferenciada, diferente da cultura castelhana.

O povo galego fala um idioma lusófono enquanto que o dos castelhanos é hispânico. O basco, não se sabe a origem, talvez resquício dos idiomas iberos que se falavam em toda a península ibérica antes da chegada dos povos celtas por volta dos anos 2.000AC-1.500AC. O catalão, é oriundo do provençal antigo falado no sul da França e sul da Espanha. Mas, quanto ao galego, há divergências entre os pesquisadores: alguns afirmam que o galego é um idioma diferente do português enquanto que outros dizem que é igual, com regionalismos que o diferenciam. No que todos concordam é que o galego medieval originou o idioma português. O galego existe em sua forma falada desde provavelmente por volta dos anos 1000DC e escrita desde os anos 1.100DC ou por aí (sempre descobrem algum documento mais antigo). Até o final dos anos 1300 se falava galego tanto no reino da Galiza como no recém-independente reino de Portugal (independente da Galiza desde 1143, pelo Tratado de Zamora). Trezentos anos depois, a partir dos anos 1400, o galego falado no reino de Portugal foi gradualmente se diferenciando daquele falado na Galiza. A primeira gramática do idioma português só foi aparecer em 1503, ou seja, quando o Brasil já havia sido descoberto haviam três anos.

Com esta curta introdução, ressalto de novo que embora o antiquíssimo reino da Galiza foi incorporado à coroa de Castela no ano 1230 e se tornou uma província do reino da Espanha nos anos 1833, seu povo não é castelhano. São galegos e falam um idioma igual ou aparentado ao português. Agora, para entender melhor o cenário, e o que eram e são os galegos e seus antepassados os celtas galaicos, discorro sobre o assunto.

Os Galaicos

Os antepassados genéticos e culturais dos galegos de hoje foram os celtas galaicos. Os celtas galaicos eram um povo bravio e que viveu independente com seus cerca de 44 clãs durante cerca de 1.500 anos (ou talvez mais) na região que hoje se chama Galiza, ao norte de Portugal. As terras controladas e habitadas pelos celtas galaicos iam desde as costas do Mar Cantábrico até o sul, nas margens do rio Douro e mesmo alguns autores afirmam que se estendeu mais para baixo até Coimbra.

Nessa área, se falava o idioma celta galaico que é aparentado com outros idiomas celtas que ainda se falam na região que compreende a Galiza, a Irlanda, a Bretanha, a Inglaterra e a Escócia. De um idioma celta antigo ancestral, o chamado protocelta, se originaram o idioma celta galaico (já extinto) e idiomas celtas vivos como o irlandês, o escocês e o bretão, este último na França. Entre os séculos 15 a 20, a cultura desses povos celtas foi reprimida, por que era vista como ameaça a um estado nacional centralizador. Esses povos celtas são de etnia diferente, com sua própria cultura e idioma que nada tem a ver com os idiomas daqueles outros que os administram: o castelhano, o inglês e o francês, dependendo do país. Só a Irlanda conseguiu se manter como um país independente. Felizmente, hoje esses idiomas têm seu ensino estimulado por políticas de apoio à diversidade cultural em vários países.

A mais antiga menção escrita sobre os celtas e provavelmente descrevendo os celtas galaicos e a sua terra a Galiza, é um poema escrito por volta do ano 400DC por um tal de Rufus Avienus Festus. Ele foi um poeta, escritor, historiador e político romano. Seu poema intitulado Ora Marítima pode ser traduzido como Costa Marítima.
Mas, Rufus havia baseado seu poema em outra obra grega mais antiga que havia lido, o chamado Periplos Massaliotes, ou Périplo de Marselha, escrito por um navegador grego desconhecido. Esse

livro, que na verdade era um antiquíssimo portulano (guia de navegação para capitães de barcos) é datado dos anos 600AC, ou seja, há 2.600 anos atrás. Descreve as rotas de navegação entre a Grécia, Itália e toda a costa europeia até as atuais Galiza, Irlanda e Inglaterra. Os gregos, depois os cartagineses e depois os romanos, guerrearam muito para manter o controle dessa rota de navegação por causa do grande lucro propiciado pelo transporte de metais da península ibérica: ferro, estanho, latão, ouro, cobre e prata. Esses metais eram fundamentais para a estabilidade e viabilidade da economia, do exército e da administração primeiro da Grécia e suas colônias, depois dos Cartagineses e finalmente do Império Romano.

Rufus não tinha lá muita inspiração poética e por isso seu poema Ora Marítima tem trechos que podem ser confusos. Embora ele tenha sido muito inteligente, autor de vários livros de geografia e história e foi cônsul (governador), aparentemente muito eficiente, em várias regiões do Império Romano, Rufus também era um *bon vivant* que sabia aproveitar os prazeres da vida. Certa vez, perguntaram-lhe como ele costumava viver. E ele respondeu: - *Prandeo, poto, cano, ludo, lavo, caeno, quiesto.* O que significa: - *Eu almoço, bebo, canto, jogo, tomo banho, janto e descanso*.

Era mesmo um boa vida o distinto cônsul romano Rufus Apienus Festus, e talvez por isso ele não tenha lá prestado muita atenção ao escrever o poema, para deixa-lo mais fiel ao livro original (o Périplo de Marselha). Mas, assim mesmo, de seu poema se pode extrair muita informação interessante sobre mundo antigo e seus povos, pelo menos aqueles que viviam nas costas marítimas, ao longo do trajeto descrito no portulano Périplo de Marselha. Felizmente esse poema de Rufus, o Ora Marítima, foi preservado por que o documento no qual ele se baseia não existe mais ou pelo menos ninguém encontrou esse documento até hoje.
Mas, o que isso tem a ver com os celtas galaicos que viviam na Galiza por aquele tempo, cerca de 2.600 anos atrás? É que nessa obra do cônsul Rufus Avienus Festus, ele menciona os povos que viviam na Galiza:

Post illa rursum quae supra fati De volta dos lugares que

sumus, magnus patescit aequoris fusi sinus Ophiussam ad usque.	*falamos acima, abre-se uma grande baia (mar Cantábrico?) com muita água (durante) todo o caminho até Ofiússa*
Rursum ab huius litore internum ad aequor, qua mare insinuare se dixi ante terris, quodque Sardum nuncupant, septem dierum tenditur pediti via.	*De volta da costa desse lugar onde a água se insinua (entra) pela terra, conforme eu disse antes, e que eles chamam de Sardum, a jornada se estende por sete dias a pé*
Ophiussa porro tanta panditur latus *quantam iacere Pelopis audis insulam* *Graiorum in agro. haec dicta primo Oestrimnis est locos et arva Oestrimnicis habitantibus,*	*Ofiússa é extensa lateralmente sendo tão grande com a ilha (grega) de Pelops.* *Esta terra era antes chamada de Oestrimnis por aqueles que habitavam a região e interior de Oestrimnia*
post multa serpens effugavit incolas *vacuamque glaebam nominis fecit sui.*	*Mais tarde a serpente expulsou os nativos e deu à essa terra agora desabitada o seu nome (Ofiússa).*

Ofiússa, palavra grega que provavelmente era o nome antigo da Galiza, em grego se refere a *cobra, serpente.* De sua raiz também se originou a palavra *ofídio*. A veneração à serpente alada era típica dos celtas galaicos. Continuando a interpretar o poema de Rufus: quando ele escreve que “o mar entra pela terra”, isso nos faz lembrar das rias da Galiza, que são fiordes, braços de mar que entram por vários quilômetros terra adentro. Rufus escreve que antes essa terra era chamada de *Oestrimnis*.
Essa palavra significa *Extremo Oeste*. E onde é o extremo oeste do continente europeu? É a Galiza e seu Fisterra, o finis terrae romano. Alguns pesquisadores ingleses propõem que Ofiússa se situaria onde hoje é o País de Gales, na Inglaterra, mas provavelmente estão incorretos.

Rufus também escreve que o povo nativo anterior que vivia em Oestrimnis foi expulso pela serpente. E, por isso, aquela terra passou a se chamar de Ofiússa. Nesse ponto no poema, pode ser que a tal serpente que expulsou os nativos deva ser considerada no

senso figurativo da coisa. Não teria sido uma cobra que expulsou os nativos, mas algo ou alguém que ela representa teria feito isso. E qual um povo que viveu nessa região (Galiza) e que poderia ser representado por uma serpente? Os celtas galaicos. Esse poema então conta que os celtas invadiram a Galiza e expulsaram os nativos daquela região. Quando isso ocorreu? As estimativas variam entre 1500AC a 1.000AC, mas pesquisas recentes indicam que poderia ter sido antes.

Típicas da Galiza são as lendas e tradições das serpentes mágicas, que lá são chamadas de serpes. As serpentes eram veneradas pelos celtas galaicos. Leia o livro Galiza, terra de Meigas para uma farta informação sobre as lendas de serpentes galaicas e galegas. Os celtas galaicos, que veneravam as serpentes, podem ter sido a *serpente* do poema que expulsou o povo que vivia lá (na Galiza) anteriormente.

As 13 Tribos Galaicas que não Eram 13

Essas bravias tribos celtas galaicas dominavam quase todo o montanhoso noroeste da Península Ibérica, exceto as Astúrias e o País Basco. Habitavam as regiões que hoje seriam mais ou menos as províncias espanholas da Galiza, parte da província de Leão, e todo o norte de Portugal entre os rios Douro e Rio Minho: Minho, Trás-os-Montes, Douro Litoral e Alto Douro.[140] Veremos agora as tribos celtas dessas regiões que viviam para cima, ao norte do Rio Douro.

Mapa dos territórios dos Galaicos e seus vizinhos do sul, os Lusitanii (Lusitanos).

Haviam 13 dessas tribos celtas, segundo relatos de historiadores antigos, gregos e romanos. Hoje se sabe que existiam 44 tribos, que se agrupavam em três confederações: os Ártabros ao norte na Galícia, os Gróvios ao sul e os Ásturos a oeste. No entanto, os romanos chamavam a todas elas de *callaicus* e depois *gallaicus*. Por que isso? Há uma explicação simples.

Temos o exemplo da Alemanha. Esse nome deriva de uma tribo germânica, os *alamanos*, que vivia às margens do rio Reno. Embora houvessem várias outras tribos germânicas vivendo no território que hoje é desse país, como os suábios, os burgúndios e os temíveis saxões, por extensão (sinédoque) os franceses antigos chamavam de *alamanos* todas as tribos germânicas que viviam além do rio Reno. Por essa razão, hoje em francês o nome daquele país é Allemagne e em português provavelmente copiamos do francês: Alemanha. Uma tribo, a dos alamanos, deu nome a todas as outras tribos germânicas. Do mesmo modo, os romanos também chamaram todas as 44 tribos celtas da Galiza de *callaicus* e depois *gallaicus* (galaicos).

Mas, por que os romanos atribuíram o nome *callaicus* a todas essas tribos celtas que viviam ao norte do rio Douro? É que na foz do rio Douro, existia um porto celta muito antigo, milenar. Esse porto[141] já era velho conhecido dos navegadores gregos, cartagineses e depois romanos que comercializavam com os celtas que viviam nessa região da foz do Douro. Os celtas que habitavam nas vizinhanças desse povoado portuário o chamavam de *cala*. Daí os romanos terem chamado o porto celta de *Callaicum*, significando *no local de Cala.* A etimologia de *Callaicum* tem uma explicação simples: é composto do nome da vila portuária *Cala*, mais a terminação latina *cum* que em português significa...*com* no sentido de *estar junto*.
Callaicum significa *junto a(o povoado de) Cala*, *no local de Cala*. E os romanos denominaram o povo celta local de *callaicus*, *os habitantes de Cala*. A partir daí, conforme vimos no exemplo do germânicos allemani, o nome *callaicus* acabou sendo aplicado também ao resto das tribos celtas que viviam em outras regiões da Galiza.

A conquista da Galiza, ou Gallaecia, como os romanos a chamavam, não foi coisa fácil, enquanto os galaicos organizavam seus ataques em guerrilha. Mas eles cometeram um grande erro, tentar enfrentar uma legião romana em campo aberto. Essa grande batalha contra as legiões romanas ocorreu não muito longe do porto celta de Cala. Nessa batalha, o general Decimus Junius Brutus

venceu com suas tropas um enorme exército de cerca de 60.000 guerreiros celtas. Esse grande exército celta não era composto apenas de guerreiros da região do porto de Cala. Eles eram de todas as tribos celtas da região que hoje chamamos de Galiza.

Orgulhoso de seu feito militar, Junius adicionou o apelido Callaicus ao seu sobrenome: Decimus Junius Brutus Callaicus. Já no ano de 137AC, para Junius não importava que existiam 44 tribos celtas na Galiza. Para ele, todas elas eram os *callaicus*. Posteriormente, em latim o nome começou a ser grafado e falado como *gallaicus*. Daí derivou o nome *galaico*, que usamos neste livro para designar as tribos celtas da Galiza e seu idioma celta. A partir dessa denominação das tribos galaicas depois evoluiu a palavra *galego*.

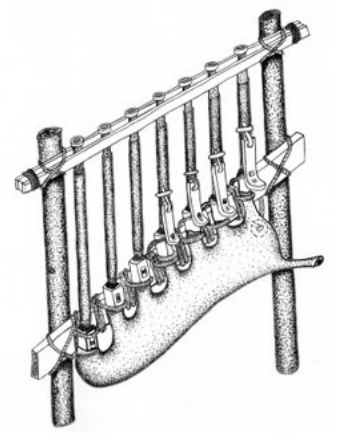
A Música Galaica

A primeira menção histórica à musica galaica veio do historiador romano Silio Italico. Aqui temos a descrição de mercenários galaicos que foram lutar junto com as tropas romanas:

“A rica Galaécia enviou sua juventude....
que ora entoa a canção bárbara em sua língua nativa
ora bate os pés no chão em suas danças ritmadas até que o chão vibre
acompanhando a diversão com sonoros escudos”[142]

Sonoros escudos. Provavelmente os guerreiros galaicos batiam suas mãos ou espadas nos escudos. Isso se fosse uma dança de guerra. Mas, e se não fosse? Seriam esses *sonoros escudos* descritos por Silio, os antepassados dos adufes galegos de hoje? Independentemente do instrumento musical, pesquisadores acreditam que o ritmo dessa música militar galaica corresponderia ao da pandeirada galega dos dias de hoje. [143]

Em tempos de paz, o tambor e a flauta podem ter sido os instrumentos originais dos galaicos antigamente. Mas, hoje, as músicas e danças galegas são acompanhadas também por gaita de fole. Ou quem sabe a gaita de fole já era usada pelos povos celtas em tempos muito antigos? Quando pensamos em música celta, logo nos vem à mente os escoceses vestidos com seus kilts e tocando gaitas de fole. Qual a origem da gaita de fole? Alguns dizem que a gaita de fole não é um instrumento originariamente celta, mas veio da Síria. Teria ido à Europa através dos gregos antigos.
Mas, outros pesquisadores de arqueologia musical como o professor Dr. Peter Holmes afirmam que a gaita de foles é nativa, pelo menos na Irlanda. Holmes estuda as Flautas de Wicklow, achados arqueológicos de 2003 nesse país, que nada mais são do que uma flauta e uma gaita de fole da Idade do Bronze europeia, conforme desenho abaixo, de autoria dele.



Gaita de foles da Idade do Bronze (2.170AC) © Dr. Peter Holmes

Em todo o lugar na Galiza encontramos imagens e esculturas medievais de gaiteiros de épocas mais recentes (Idade Média), até mesmo dentro de igrejas, onde em uma delas situada no monastério de São Martiño Pinário os anjos de pedra em seu interior estão tocando gaita. A Galiza foi um grande centro de difusão do uso da gaita de fole, porque ao longo dos séculos era costume que os peregrinos que voltavam de Santiago de Compostela levassem consigo alguma de lembrança: *"Sabemos que a gaita era levada pelos peregrinos quando voltavam a seus países, e que os (frades) beneditinos a usavam em suas pequenas igrejas rurais em vez do órgão. Os próprios gaiteiros a difundiam quando viajavam a outros países em busca de trabalho, e também os soldados espanhóis (o faziam)..."*[144] Os soldados espanhóis...muitos deles eram galegos. Levavam seus instrumentos de música, inclusive a gaita, em suas campanhas militares. Mas, também nas viagens de descobrimento. Viagens longas por meio de "mares nunca dantes navegados", perigosas e a tripulação isolada do resto do mundo. Nada melhor que uma gaita galega para animar as noites depois de um dia de trabalho no navio. Assim também fizeram os descobridores do Brasil, conforme podemos ler no capítulo Descobrindo o Brasil ao som da Música Galega neste livro.

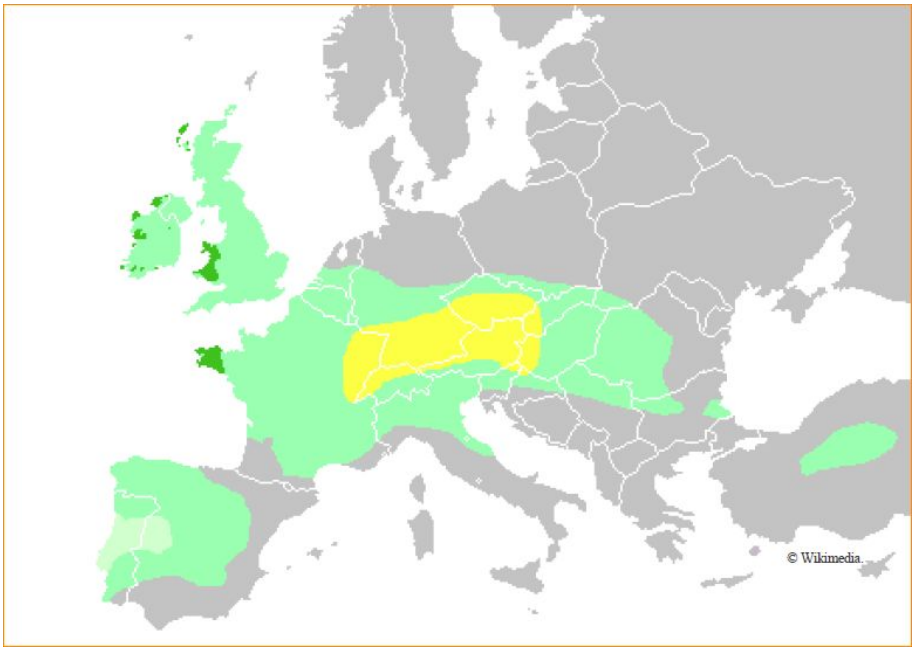
A música galega é bonita e bem diferente do que costumamos entender como música "espanhola", que alguns acham que é música castelhana e andaluza. Assim como segundo a Constituição

do Reino da Espanha não existe o idioma “espanhol” mas o idioma castelhano que é usado na administração, também não existe música “espanhola”. Uma música espanhola teria que ser resultado de uma fusão entre todas as músicas de cada nação que vive no reino plurinacional da Espanha. E essa música de fusão ainda não existe. A música castelhana e andaluza são apenas duas expressões musicais no meio de várias outras como a música catalã, a basca e a galega, bem diferentes entre si. É essa diversidade que faz a beleza dessa extensa região da península Ibérica, habitada por esses povos administrados desde Madrid.

A música galega, com suas raízes celtas e suas gaitas de fole, provavelmente influenciou a música brasileira durante os tempos da colonização, trazida por galegos e portugueses do Norte (ex-galegos do Sul), que para o Brasil se foram. Na Galiza, atualmente temos as cantoras galegas Sés, Mónica de Nut, Uxía, e o cantor e pesquisador Xabier Dias, um grande batalhador em prol da recuperação e propagação musical galega com suas Adufeiras de Salitre. Há também a Banda Riobo, Os Carunchos, e o Luar na Lubre, que até há anos atrás contava com a excepcional vocalista Sara Vidal. Temos também Sondecéu, as inovações de Cristina Pato, a música instrumental de Carlos Nuñez, aCadaCanto, a voz belíssima de Guadi Galego, os Faíscas de Solobeira, e outros que propagam as canções centenárias das mulheres cantadeiras de alalás nas cidadezinhas e aldeias da Galiza.

A Evolução do Galaico até o Português[145]

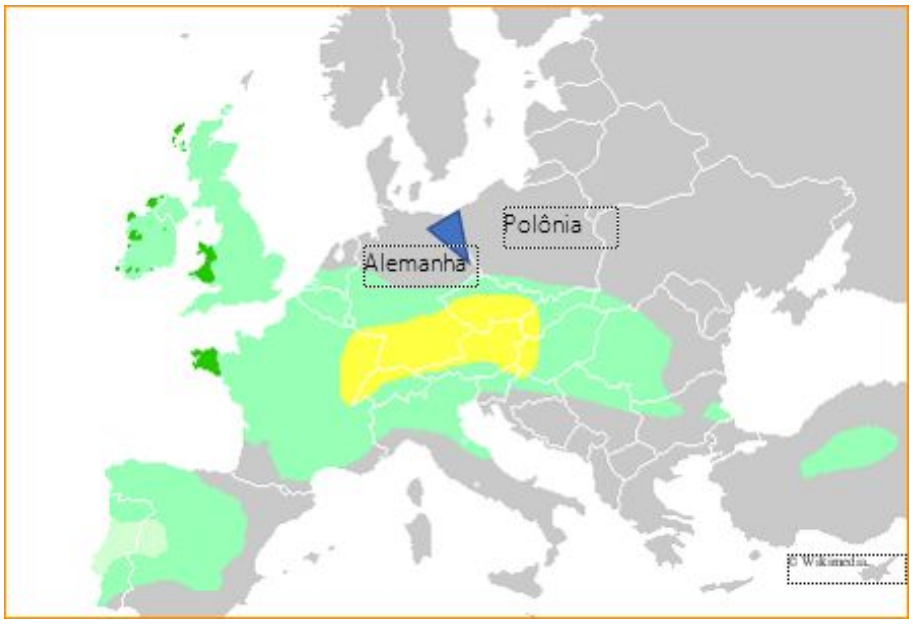
Os celtas seriam originários do território marcado em amarelo no mapa abaixo: norte da França, sul da Alemanha e República Tcheca, Eslováquia e Hungria. Depois, se expandiram pelas regiões marcadas em verde claro.



Há outra hipótese mais recente que propõe que os celtas se originaram no Leste, também na Galiza e de lá se expandiram para as áreas verdes clara no mapa. Essa hipótese é mais moderna e baseada também em estudos de ADN. Em seguida, com as invasões de outros povos, foram conquistados, latinizados e-ou germanizados e assimilados. Mas, esses povos celtas não se vaporizaram e se perderam no espaço. Seu ADN foi passado a seus descendentes e está neles até hoje. Como exemplo dessa persistência do ADN de povos conquistados, temos o caso do

grande número de eslavos que viviam na região entre os rios Elba e Oder. Essa região é muito grande, e lá haviam prósperos reinos e principados eslavos, em sua maioria pagãos (não-cristãos). Por causa disso, ocorreram as Cruzadas do Norte, evento quase desconhecido que ocorreu entre os anos 1171 e 1290. Nobres germânicos, principalmente saxões, lideraram essas Cruzadas e conquistaram todo esse extenso território, eliminando as elites governantes eslavas, seus príncipes, duques e condes. Mas, o povo eslavo que lá vivia, foi todo exterminado? Claro que não. Só um governante idiota mataria nativos que lhe pagam ricos impostos. Então a nova elite governante germânica protegeu os nativos eslavos, que foram germanizados. Seu idioma eslavo foi proibido. O idioma germânico se tornou obrigatório. Casamentos entre germânicos e eslavos ocorreram. O resultado é que hoje na Alemanha estudos genéticos comprovam que há uma grande presença de ADN eslavo nessa região entre os rios Elba e Oder, que corresponde mais ou menos ao antigo território da Alemanha Oriental. Esses estudos estimam que cerca de 15 milhões de alemães tem ADN eslavo em alguma quantidade – isto é, 15% da população total da Alemanha de hoje tem ADN eslavo.[146] Cerca de 30% dos sobrenomes alemães nessa região tem etimologia (raiz) em sobrenomes eslavos.[147]
Não vou me estender mais aqui, mas rapidamente, nomes de cidades como Berlim, Podstam, Lübeck, e centenas de outras, são de origem eslava. Então, os eslavos nativos não foram exterminados durante as Cruzadas do Norte, mas foram assimilados.

Vejam o tamanho da bota italiana. Quantos milhões de romanos viveriam nela? Poucos. Agora vejam a extensão das áreas habitadas por celtas. É muitas vezes maior. Estima-se que o Império Romano, em seu apogeu, tinha cerca de 34 milhões de habitantes em sua parte ocidental, latina. Desses 34 milhões, cerca de 14 a 16 milhões eram celtas que viviam nessas áreas do continente europeu. [148]



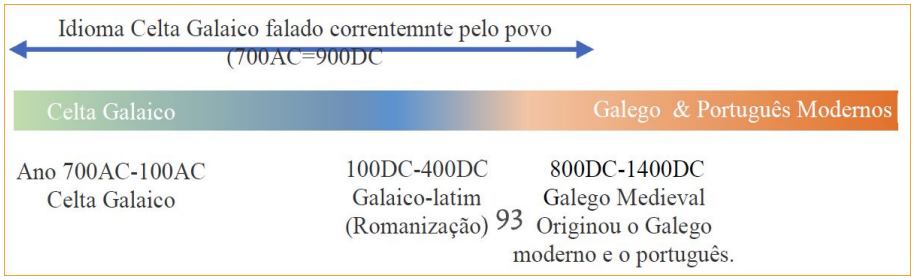
Por isso, é pouco provável que os idiomas celtas não tenham deixado fortes traços nos idiomas descendentes do latim que hoje nós falamos.
Seria estranho que os idiomas falados por cerca de 16 milhões de pessoas, desparecessem sem deixar rastros nos idiomas seus sucessores. Por exemplo: o rio Tambre na Galiza e a cidade de Tambre no Vêneto, norte da Itália têm ambos nomes celtas. Na França, grande número de suas cidades tem nomes de origem celta. O rio Tibre que corta a bela cidade de Roma, seu nome origina do celta *ty-ver*. *Ty*, significa grande. *Var, ver, ber*, são palavras celtas que significam água, rio.[149] Tibre é *grande rio*. Paris, é nome advindo dos celtas *parisii* que viviam lá às beiras do rio Sena. *Par* em celta antigo (protocelta) significa *barco*. Talvez os *parisii* vivessem do lucrativo comércio fluvial no Sena, rios eram importantes rotas de comércio internacional durante séculos e até hoje.

O que as cidades de Bragança (Portugal), Bregenz (Áustria) e Briançon (França) têm em comum? Todas se originam da palavra celta *brigant*, que alguns acreditam ser o nome de uma divindade, mas também pode significar simplesmente lugar *alto*. Do celta *āradusion* (santuário) se originaram vários topônimos na Galiza e

deles se originou o sobrenome Araújo. Na França, essa mesma palavra celta originou o nome da cidade de Orange, na França.[150] O nome Ibéria, que usamos na expressão península ibérica, pode ter origem celta. *Var, ver* ou *ber*, significam *água* ou *rio*, conforme vimos no parágrafo acima. Ibéria (i-ber) poderia significar a *terra dos rios*. Rios de bom tamanho certamente a Ibéria tem: Douro, Minho, Tejo, Guadalquivir e Ebro são os principais que cortam a península por longas distâncias. Douro, vem do celta *dworios*, que significa *água escura*.[151] Minho tem provável etimologia no celta. Ebro, do celta *ebur,* que significa a *árvore teixo* que era sagrada para os povos celtas. Todo o sul da Alemanha tem vários exemplos de toponímia celta. E há milhares de exemplos mais em toda a Europa.
Mas, então, qual é o problema? É que embora pesquisadores estão prontos a reconhecer essa grande influência celta na toponímia, a influência das palavras celtas nos idiomas europeus é certamente subdimensionada. Esse reconhecimento varia de país para país. Mas muitos parecem ainda estar atolados em conceitos vigentes durante as pesquisas etimológicas dos anos 1800, onde sempre se buscava a etimologia no latim e no grego, esquecendo-se a grande contribuição dos idiomas nativos celtas.
Há muitos que se dedicam à busca da etimologia das palavras e dos sobrenomes. Também no caso de sobrenomes galegos e portugueses, alguns chegam até a origem deles em vilas, regiões e toponímia do Norte de Portugal e buscam sua etimologia até o latim ou grego. Param por aí, como se antes do latim não existisse história.

Temos que quebrar essa nossa limitada visão de que tudo no português vem do latim ou grego e antes dos gregos e romanos não havia nada. A história antes dos romanos se chamava de *cultura celta*. Foi milenar, importante, com vigorosa expressão artística e linguística e estendia-se por grandes áreas da Europa. Então, por sua importante influência e grande número de falantes – metade dos habitantes do Império Romano do Ocidente - não seria correto minimizar a sua herança cultural e linguística nos idiomas que falamos atualmente, inclusive o português.

Na Galiza, o celta galaico foi falado correntemente durante cerca de 1500 anos. Talvez mais. O galaico era falado por todos, do mais humilde ao mais nobre. Estava entremeado em tudo: na cultura, na política, na guerra, nas profissões e na religião. Tinha amplitude bem maior do que o latim que era idioma apenas de governo, de uma minoria de administradores romanos e depois os líderes da igreja, e a elite dos nobres. O povo não falava latim, pelo menos não com fluência. O povo falava galaico. Por essas razões todas antes expostas, a herança que esses idiomas celtas deixaram nos idiomas atuais, inclusive o galego e português, pode ser muito maior do que se pensa.



É interessante notar que exatamente nas regiões europeias onde houve maior preponderância dos idiomas celtas, os idiomas atuais possuem o som nasal que corresponde ao *lh* e *nh*. No castelhano, galego e português existem os sons nasais representados por *lh, nh,* ou *ñ, ll*. O francês, fortemente impactado pelo idioma celta gaulês, é idioma nasal por excelência e nele os nasais similares aos do português e espanhol são representados por *ll* como em Marseille (marseilhe), *gn* como em Perpignan (perpinhã). Mesmo em alguns idiomas eslavos ocidentais, tais como o tcheco, eslovaco e polonês, há o som nasal. Mas, esse som nasal não existe nos idiomas eslavos orientais (ucraniano, russo). Ali na Europa central também viviam os celtas e até bem recentemente (1918) havia a região da Galicia polonesa, antigamente chamada Reino de Galicia e Lodomeria, cuja capital era a cidade de *Halych* (Galish). São exatamente os idiomas eslavos desses países que possuem as nasalizações similares ao *lh* e *nh* português, que o russo, bem mais a oeste e fora das áreas onde habitavam os celtas, não tem. Essa coincidência da ocorrência da nasalização em terras de antiga

preponderância celta é algo intrigante que os filólogos deveriam explorar melhor.

Muitos falam no latim vulgar, que é o latim clássico já influenciado pelos idiomas dos povos nativos sob ocupação romana. Mas a verdade é que deve ter existido vários latins vulgares, no plural. O fato de que a palavra latina *leuga* se originou no celta gaulês (França), não significa que essa mesma palavra tenha viajado milhares de quilômetros até a Galiza e ali originou a palavra *légua* no galego que depois passaria ao português.
Se no protocelta *légua* era *leuka*, então o celta galaico da Galiza também teria uma palavra similar a essa em seu vocabulário. Temos então que cada idioma celta diferente, o galaico, o gaulês, o celtibero e outros, impactaram localmente o latim falado pelos administradores romanos. Assim sendo, a *légua* no português não teria sido originada no longínquo celta gaulês como informam alguns dicionários do idioma português, que copiaram e traduziram essa etimologia de algum dicionário francês do século 19. A palavra légua evoluiu em paralelo na França a partir do gaulês e na Galiza a partir de uma palavra similar usada no celta galaico falado localmente nesse país. Assim temos um exemplo de uma única palavra celta, *leuka* ou *leuga*, influenciando vários dialetos regionais do latim, ou latins vulgares (no plural) que originariam cada um deles os idiomas romances: galego, português, francês, espanhol, italiano e outros.

A verdade é que ao longo dos séculos nós fechamos os olhos e viramos as costas, culturalmente, historicamente e linguisticamente, às nossas raízes galaicas e galegas. Com a independência de Portugal em 1143, separando-se do Reino da Galiza, essas palavras e sobrenomes galegos de origem celta galaica passaram a ser considerados por todos como típicos do norte de Portugal. Mas, na verdade o são de toda a região onde habitavam os galaicos: Galiza, parte das Astúrias e o Norte do que é hoje Portugal, do rio Douro para cima. Durante muitos séculos, o norte de Portugal foi o sul da Galiza. Etnicamente, culturalmente e linguisticamente, os portugueses do Norte eram os galegos do Sul.

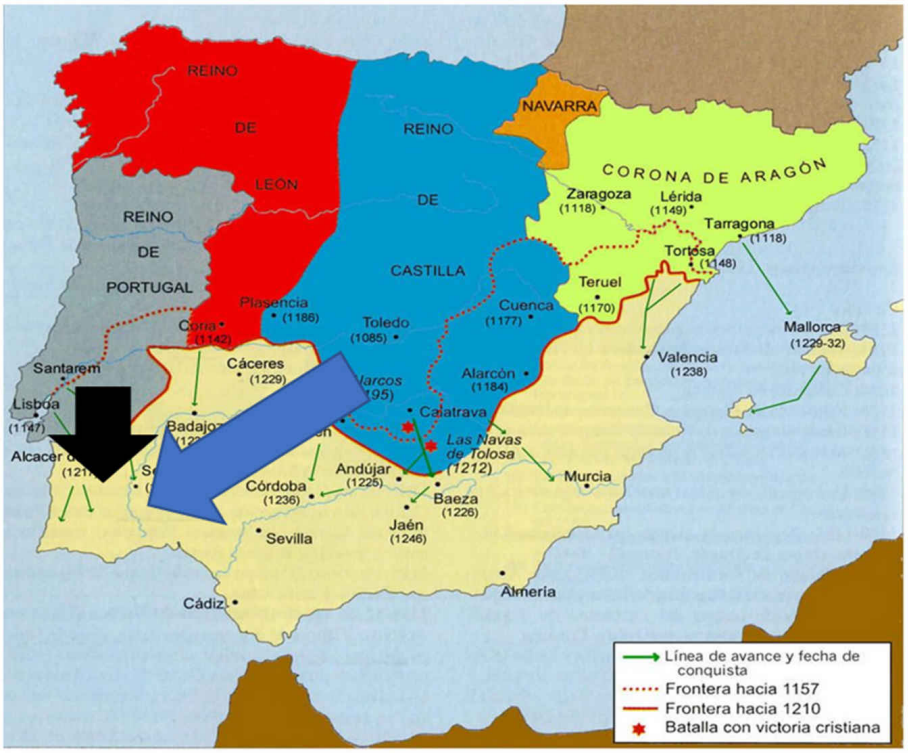
Depois, houve a independência de Portugal em 1143. Povo, cultura e idioma nos dois lados da fronteira entre Portugal e Galiza continuaram os mesmos. Ao continuar a guerra contra os árabes, os galegos do Sul ou portugueses do Norte, como queiramos, foram avançando em direção ao sul (Algarve) e repovoando as regiões reconquistadas, já que em boa parte dos casos (há exceções) os prévios habitantes muçulmanos fugiam da reconquista cristã.
Com os colonos do Norte que iam repovoando o sul de Portugal, o idioma os sobrenomes galegos foram descendo junto. Durante os anos 1400, o galego falado em Portugal foi se transformando no português. A partir de 1500, esses sobrenomes galegos junto com outros típicos do sul de Portugal emigraram para o Brasil e outras colônias.

A Nobreza Galega
e a Formação de Portugal

Vamos agora avançar para o tempo da independência de Portugal. Uma das qualidades inatas do ser humano é a curiosidade, a vontade de descobrir o novo. Mas, temos defeitos também. Um desses, que a grande maioria de nós têm, eu inclusive, é a acomodação. Quando tudo está bem, a saúde está boa e temos assegurado nosso conforto e ganha pão, a tendência é que nos acomodemos na nossa zona de conforto, nas nossas “tocas”.

Estamos nos primeiros anos da independência de Portugal, por volta dos anos 1139-1143. Seu primeiro rei, D. Afonso Henriques, tentava convencer a alta nobreza de seu reino, composta em boa parte de nobres estrangeiros a continuar reconquistando terras aos árabes, empurrando-os para o sul do que seria o território português de hoje. Mas, esses nobres que haviam lutado bravamente para reconquistar dos árabes as terras do vale do Rio Douro, em sua parte superior, e o Trás-os-Montes, estavam acomodados. A razão é que com suas lutas, eles tinham garantido grandes extensões de terras, muitos servos e começaram a ficar mais preocupados em governar e lucrar com suas terras adquiridas até então. Ora, para que conquistar as terras mais ao sul e arriscar a vida em novas batalhas contra os árabes, se já tinham de tudo: terras, vassalos, servos e gordas rendas? A vida é curta! Ainda mais na Idade Média quando a expectativa de vida era bem menor que hoje. Vamos aproveitar o que temos de concreto. Mais vale um pássaro na mão do que dois voando, pensavam os nobres do reino de Portugal. Assim sendo, a alta nobreza da corte de D. Afonso Henriques se acomodou em seus castelos, paços e quintas, a comer a boa comida, tomar o bom vinho do vale do Douro, caçar de vez em quando nas florestas da região e, principalmente, cobrar impostos do povo para sustentar esse padrão de vida confortável.
De vez em quando esses nobres tiravam a ferrugem das armas ao guerrear contra o nobre vizinho por causa de alguma terrinha na

divisa entre um condado e outro. E isso era tudo. Enquanto isso, o rei D. Afonso Henriques estava preocupado. Ele era diferente de seus acomodados nobres. Talvez ele notasse que aquela janela de oportunidade única para a história de Portugal não duraria muito. Mas, qual era essa janela de oportunidade? Simples: os reis de Castela (cor azul, no mapa), Galiza e Leão (vermelho) estavam também combatendo os árabes, empurrando-os para o sul de seus reinos, visando reconquistar as terras até as margens do mar Mediterrâneo. E se eles resolvessem dar uma passada pelo sul de Portugal, pelo Alentejo, e expulsando os árabes tomassem para Castela aquelas terras?



España, entre 1157 y 1212

Os emires árabes que governavam o Algarve eram vassalos do emir de Granada. Se os castelhanos conquistassem Granada, automaticamente o Algarve lhes pertenceria. Com um Algarve castelhano, Portugal estaria cercado por três lados pelo inimigo castelhano que teimava em recuperar as terras lusitanas que havia perdido em 1143 (Tratado de Zamora): o antigo Condado de

Portugal que era parte do reino da Galiza. Por isso, o rei português D. Afonso Henriques sabia que não podia se acomodar com as terras que já tinha, ou seu nascente reino se inviabilizaria.

No começo, tudo dera certo para Afonso Henriques. Lutou e venceu os castelhanos que tentavam reconquistar Portugal, liderados por seu primo o rei de Castela (Galiza e Leão) Afonso 7º. Em 1143, assinou a paz com o reino de Castela, o Tratado de Zamora, que reconheceu a independência de Portugal. Mas, em seguida, acabou o interesse de seus nobres na guerra. Eles deixaram o rei Afonso Henriques sem eira nem beira. Então, ele teve uma ideia genial. Ou talvez algum de seus conselheiros a teve. Sabemos que quando uma ideia é boa, o chefe se apropria dela. Quando é ruim, a culpa é do dono da ideia. A ideia era: se sua alta nobreza não queria guerrear, quem sabe a baixa nobreza tinha apetite para lutar contra os árabes e assim ganhar terras, e enriquecer. Disso nasceu um grupo de guerreiros, os Cavaleiros de Coimbra. Liderados pelo rei Afonso Henriques, partiram para a conquista de Santarém, Lisboa e mais além (até rimou), das terras do Alentejo que ainda estavam em mãos árabes. Embora houvesse gente de todo tipo nesse grupo chamado de os Cavaleiros de Coimbra, desde filhos de nobres estrangeiros, moçárabes[152] e mesmo camponeses,[153] a maioria dos Cavaleiros de Coimbra era composta de condes do reino da Galiza e suas tropas galegas.[154]
Felizmente para o rei d. Afonso Henriques, os Cavaleiros de Coimbra foram bem-sucedidos. Em 1145, eles conquistaram Leiria. Em 1147, conquistaram Santarém e Lisboa. Com a conquista dessas terras até o Rio Tejo a capital do reino de Portugal mudou de Coimbra para Lisboa. Com essa mudança, os nobres acomodados em suas terras ao norte de Portugal, perderam proximidade com a corte e influência. Foi o começo do fim político deles.

Do seu lado, os Cavaleiros de Coimbra receberam do rei, em agradecimento, muitas das terras conquistadas próximas da nova capital do reino, Lisboa. Estando mais perto da nova capital e da corte do rei de Portugal, ganharam importância política e depois de algum tempo, tomaram o lugar da antiga alta nobreza do norte que

havia se recusado a ir à guerra pelo seu rei D. Afonso Henriques.[155] Realmente, a acomodação não compensa. Enquanto a alta nobreza ficou satisfeita com o vale do Rio Douro e Trás-os-Montes, a baixa nobreza abocanhou todo o resto até o Rio Tejo e Alentejo. Depois, ocupou o lugar político da alta nobreza. A antiga alta nobreza virou pó politicamente falando e a nova nobreza composta principalmente de condes galegos, tomou o lugar dela. Como era costume, colonos e soldados galegos e de outras regiões que foram desmobilizados, colonizavam as terras recém conquistadas aos árabes. Com eles o idioma galego descia para o sul do reino de Portugal.

Payo Peres Correa
o galego
que viabilizou Portugal

Temos um exemplo no galego Payo Peres Correa (1205-1275). Esse não era acomodado. Seu nome se origina do grego e latim *pelagius*, que se transformou em *pelayo* e *payo*. Nasceu na cidade de Monte de Fralães, na época dele chamada de Santo Cristovam de Silveiros.

É uma cidade do Norte de Portugal, país este que na época do nascimento de Payo estava independente há apenas 66 anos do Reino da Galiza. Portanto, como já explicamos, o povo, a cultura e o idioma do Norte de Portugal e da administração do reino português era o idioma galego. Payo era português de cidadania – se assim podemos chamar - mas obviamente da nação galega assim como os galegos hoje são cidadãos espanhóis mas continuam galegos em na cultura e idioma de sua nação. No tempo em que Payo viveu o idioma português ainda não existia, o que só ocorreria 300 anos depois. Payo foi comandante militar respeitado e em razão de sua destreza foi elevado ao cargo de Mestre dos Cavaleiros da Ordem de Santiago de Compostela. General bem-sucedido, os reis de Castela e de Portugal, inimigos mortais entre si, disputavam a honra de ter Payo a seu serviço. Por isso, independentemente das querelas entre esses dois reinos, Payo circulava entre as cortes de um e outro soberano sem nenhuma restrição.

Payo dedicou suas competências militares à Reconquista das terras invadidas pelos árabes. Ele foi o arquiteto da retomada da grande cidade de Sevilha, que estava sob controle muçulmano. Ele não era um general de gabinete e liderava em pessoa na linha de frente as suas tropas.
Em certo momento, o galego Payo era comandante dos exércitos do reino de Castela, Leão, Astúrias e Galiza, o que significava que ele

era o comandante direto de todos os exércitos cristãos da península ibérica hispânica exceto o de Portugal, numa linha de frente de uns 800 quilômetros entre o Reino de Aragão e a fronteira com o reino de Portugal. Payo era ainda pré-adolescente e por isso não participou na vital batalha de Navas de Tolosa, iniciada às 6 da manhã de segunda-feira, 16 de julho de 1212 contra os árabes almofades. Esses eram liderados pelo seu califa Muhammad al-Nasir, que havia jurado conquistar Roma e converter a basílica de São Pedro numa mesquita. Ao contrário de seus tolerantes antecessores da dinastia Almorávida, os Almofades eram radicais islâmicos fanáticos que perseguiam, matavam e convertiam à força os cristãos e judeus que viviam em suas terras. A derrota em Navas de Tolosa, evitou a expansão desses radicais que nunca mais até o 1492 retomariam a ofensiva. Al-Nasir retornou para o Norte da África e renunciou ao trono em favor de seu filho. Foi assassinado um ano depois pelos seus próprios cortesãos, que não o perdoaram pela derrota perante os reinos cristãos.

A historiografia castelhana menciona que nessa batalha estavam os reis de Castela, Aragão e Navarra e os cavaleiros da Ordem de Santiago da Espada, os de Calatrava, os de Malta e os Templários. Mas, valorosos nobres galegos com suas tropas também lá lutaram e vários perderam a vida nessa batalha. Os Varela, do Val de Dubra (Galiza) lá estiveram através de D. Payo Varela de Dubra. Também lutou na batalha José Bernaldo de Quirós, visconde de Quintanas, nobre astur que havia mudado para a Galiza quando se casou com Teresa Álvares Soutomaior e se tornou Senhor de Mos (Vigo). Os Valadares da região de Ramalhosa às beiras do rio Minho na Galiza, também lá lutaram através do nobre Payo Soares de Valadares e suas tropas. Ele foi morto em combate nessa batalha. Voltando ao incansável e aguerrido Payo Peres Correa, ele também ajudou o reino de Portugal na conquista do Alentejo, onde libertou várias cidades entre as quais Aljustrel e Mértola.
Mais tarde, desceu ao sul, liberando o Algarve dos árabes e teria participado na conquista das cidades de Silves e Cacela.

Conta a Crônica de como Dom Payo Correa Mestre de Santiago de Castela tomou este Reino do Algarve aos Mouros (registro datado

de 1733): estando vigente uma trégua entre as tropas de Payo e as dos mouros, cinco de seus cavaleiros se dispuseram a ir caçar perto da cidade de Tavira, controlada pelos mouros, e assim dar uma olhada na cidade e suas tropas defensoras. *"...o Mestre (Payo) quando ouviu...disse que não me parece que é bom que vão lá por que os mouros estão muito cioso assim das terras e de (suas) mulheres e se os virem lá, pode vos acontecer um dano, por que na sanha são gentes sem freio. Voltou a dizer o Comendador Mor: nós estamos em trégua com eles e não temos que ter medo, porém por maior segurança vamos de paz e de guerra se alguma coisa nos acontecer."* Partiram os cinco nobres a cavalo, acompanhados pelo Comendador Mor e chegando a cerca de uma légua de Tavira, começaram a caçar na floresta que ali havia. Os soldados mouros na porta das muralhas de Tavira, viram os cavaleiros cristãos caçando e se irritaram: *"...e murmuram uns aos outros dizendo que nenhum homem já nascido podia aceitar o atrevimento desses cristãos, que fazem pouco de nós, que aqui passam e andaram pelo lugar como se Tavira já fosse deles..."* Juntaram-se os mouros numa tropa e *"dizendo entre eles que os matassem (os cristãos) onde quer que os achassem"* atacaram os cavaleiros que caçavam. Estes, ao ver os mouros se aproximando, enviaram um dentre eles para avisar ao Mestre Payo Correa do ataque que sofreriam e pedir socorro. *"Por certo, aqueles mouros vão nos atacar"* disseram os cavaleiros de Payo entre si, *"mas aqui não há outra coisa a fazer do que esperar e nos defender bem e os venceremos com ajuda de Deus mesmo que terminemos nossas vidas em Seu serviço."* E começou o combate e mesmo que os mouros em maior número muito atacassem, os cavaleiros de Payo se defendiam com grande esforço *"e peleando eles assim dessa maneira".* Aconteceu que um mercador cristão que fazia o comércio entre as cidades cristãs e as muçulmanas no Algarve, e que havia ajudado anteriormente os cavaleiros de Payo indicando trilhas e caminhos para chegar às povoações árabes, passa pelo lugar da escaramuça.

"Garcia Rodrigues, que ia de Faro para Tavira (n.a. ambas cidades sob controle árabe) com sua récua de mulas, conforme era de seu costume, viu os mouros no lugar e foi lá ver o que era. E como os viu pelear com os cristãos, tornou-se de mente firme e disse aos

seus empregados: tomem essa récua e cargas e vão com elas que se eu viver não me faltará nada e se eu morrer aqui será a serviço de Deus. E tudo isso que levam, repartam entre vocês. E então foi se meter na escaramuça ajudando os cavaleiros cristãos e os ajudava tão bem que ali se defenderam por muito tempo, fazendo e recebendo muitas feridas." Mas, os mouros eram maioria. Conseguiram vencer os cinco cavaleiros cristãos e ao mercador Garcia Rodrigues, matando-os todos. O mensageiro havia conseguido avisar Payo sobre a emboscada moura. Como o ataque dos mouros rompera a trégua acertada, em retribuição, Payo atacou Tavira e a conquistou, matando muitos mouros. Depois atacou Silves e a tomou também. Payo era uma máquina de vitórias. Cidades muito grandes como Sevilha e pequenas como Tavira, tudo para ele era lucro. Posteriormente, tomou Aljezur e Faro (1249) dos árabes.[156] Com a conquista de Faro, terminou a expulsão dos invasores árabes de Portugal, que ficou com seu território no formato atual. A Reconquista portuguesa terminara.

Graças a essa conquista de Faro, evitou-se que os castelhanos circundassem o jovem reino de Portugal pelo sul. Pode-se dizer que o general Payo Peres **Correa** construiu com seus exércitos o território do Reino de Portugal tal como hoje os temos, e o do reino da Espanha também, exceto o emirado de Granada que os castelhanos só conquistariam em 1492. Com um CV como esse, o galego Payo Peres Correia ficou marcado na história dos reinos de Castela e Portugal. Foi homenageado com uma quadra nos Lusíadas por Luis de **Camões**, esse também de raízes galegas.[157] Payo era homem vigoroso, faleceu aos 70 anos de idade no Castelo de Uclés, que era a sede principal da Ordem dos Cavaleiros de Santiago da Espada da qual ele era o líder, o Mestre. Esse imponente castelo está bem preservado e aberto à visitação do público.

Payo Gomes **Charinho** (1225-1295) (B6/G0/P0/E0/I0) ou **Charino** (B10/G0/P0/E0/I0), nobre e poeta galego nascido em Pontevedra, Senhor de Rianxo (A Corunha). Foi Adiantado Maior do reino da

Galiza, o que era equivalente ao posto de vice-rei. Militar, almirante, tomou parte na reconquista da grande e importante cidade portuária de Sevilha em novembro de 1248 ao navegar com sua frota subindo o rio Guadalquivir com sua frota de 13 navios bloqueando linhas de suprimento e destruindo navios inimigos enquanto seu compatriota o general galego Payo Peres Correa comandava as tropas no cerco à cidade. Temos dois galegos, um grande general e o outro almirante da frota galega, trabalhando juntos na tomada de Sevilha. O nobre Rodrigues Bobes da Galiza também participou no cerco e tomada da cidade, que era a maior da península Ibérica com 7,3 quilômetros de muralhas e 300 hectares de área. Contava com várias fortalezas no seu entorno para proteção.

Gonçalo Pires da Maia (1079-1170), conhecido como O Lidador, foi outro galego que ficou na história. Lidador era aquele que não se cansava de trabalhar, estava sempre lidando com algo.

E Gonçalo era assim. Energético, havia nascido antes da independência do reino de Portugal. Desde jovem tinha a amizade do futuro rei português D. Afonso Henriques, ao lado do qual lutou em várias épicas batalhas através das quais Portugal iria se tornar independente do reino da Galiza. Mas, o tempo passa e todos nós não ficamos mais jovens a cada ano. O mesmo com Gonçalo, sobrevivendo a muitas batalhas, a história conta que no dia de seu aniversário de 91 (ou 95 segundo outras fontes) anos de idade, Gonçalo estava fazendo o que mais gostava: guerreando na frente de batalha contra os muçulmanos perto da cidade de Beja, Portugal.

A batalha ia mal para os portugueses que estavam em desvantagem perante os árabes. Mas, a melhor defesa é o ataque. Gonçalo não tinha dúvida disso. Junta uma tropa de cavalaria e lidera uma carga mortífera contra os mouros. As linhas de soldados mouros baqueiam com o impacto da carga de cavalaria. Mas isso não foi nada. As tropas mouras não podiam acreditar no que viam: um vovô nonagenário de cabelos brancos lutar vigorosamente como um jovem cavaleiro liderando a tropa de cavalaria. Segundo conta a história, os mouros pensaram que ele era mágico e, supersticiosos,

ficaram com medo. Temerosos desse sênior bom de espada, começaram a perder o controle da batalha.

O emir árabe via o que estava acontecendo. De vencedor a quase vencido, tentou evitar a derrota. Propôs ao rei cristão Afonso Henriques que a batalha fosse decidida por um duelo entre ele e o nonagenário Gonçalo. Provavelmente a ideia era mostrar às suas tropas que Gonçalo era um ser humano normal. Quero dizer, normal no sentido de que podia ser morto em combate, por que um senhor de 91 anos que lidera uma carga de cavalaria e luta como um rapaz de vinte anos, decididamente não é algo dentro do que se consideraria normal mesmo nos tempos de hoje.

O rei Afonso Henriques consulta Gonçalo e este aceita o duelo contra o emir árabe, muitos anos mais jovem que ele. Pois não é que o quase centenário Gonçalo Pires da Maia vence o duelo e mata o jovem emir árabe. As tropas muçulmanas, ao ver esse evento quase que milagroso, fogem desmoralizadas do local atemorizadas com aquele vovô feiticeiro, um galego imortal. Certamente tinha parte com o diabo!

Mas, não. Gonçalo, era uma pessoa normal. Ele ficou seriamente ferido no duelo com o jovem emir que ele falecera pela sua espada. Morre logo em seguida, para tristeza de seu amigo o rei português Afonso Henriques. A sua façanha, verdadeira ou lendária, entra para a história de Portugal. Gonçalo foi sogro de Rodrigo Eannes de Araújo, o primeiro a portar esse sobrenome que também tem raiz celta. Ver **Araújo** e o Livro Ancestral dos Araujo.

Cerca de 380 anos antes disso, o começo do que seria o condado de Portugal do reino da Galiza ocorreu graças a um outro galego, o conde Vímara. Ele era nobre do Reino da Galiza e fora enviado pelo rei para reconquistar aos árabes as terras do sul do reino (hoje norte de Portugal). No ano de 868, o bem-sucedido conde Vímara foi recompensado com o título de Conde de Portucale. Seu filho, Lucídio Vimaranes (a terminação *es* significa filho *de*), originou o sobrenome Guimarães e fundou a cidade de mesmo nome, de onde se originou o mesmo sobrenome usado por muitos portugueses e

brasileiros e de outros nos lugares onde os portugueses passaram. Ainda hoje, os moradores dessa cidade se intitulam vimaranenses.

Com esses poucos exemplos, e sem desmerecer a contribuição de muitos para a formação do Reino de Portugal, a importância dos galegos na formação, expansão e consolidação desse reino português é inegável. Esses nobres e generais galegos, com suas tropas galegas, levaram esse idioma galego falado no norte, para o sul de Portugal.

Por causa deles, o idioma de governo e administração do reino português era o galego. E assim o foi durante 300 anos até que a partir dos anos 1400, esse idioma galego foi se modificando até se tornar o idioma português que hoje falamos no nosso dia a dia.

Descobrindo o Brasil
ao som da Música Galega

Aproveito para escrever muito brevemente sobre um dos primeiros laços culturais entre a Galiza e o Brasil. Quando viajamos pelo Norte de Portugal entre os rios Douro e Minho, e pela Galiza, Astúrias e parte de Leão, na Espanha, sempre lembramos que antes toda essa área era parte do mesmo país, o Reino da Galiza. Nessa região vemos a origem de muitos sobrenomes brasileiros e portugueses passar diante de nossos olhos. Nomes de povoados, locais, montanhas, rios e outros lugares que acabaram originando sobrenomes comuns no Brasil e em outros países lusófonos. Cidades como Braga, Guimarães, e muitas outras, como por exemplo a cidade de Caminha, na beira do Rio Minho, Coimbra, o Porto e Viana do Castelo pertenciam ao Reino da Galiza entre os anos 409 e 1143, durante 730 anos. Na Galiza de hoje temos Soutomaior, Lugo, Lira, e muitas outras cidades que podem ter originado sobrenomes que hoje são usados no Brasil e em Portugal.

A ligação histórica entre a Galiza e o Brasil começou muito cedo. Mas muitos de nós não sabemos disso por que o fato normalmente não é mencionado em nossos livros de história. Para nós, todos os descobridores e toda a gente que primeiro esteve no Brasil eram "portugueses" e ponto final. Mas, pessoas esclarecidas como o historiador brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagen, o Visconde de Porto Seguro, pensavam diferente disso já no século 19. Varnhagen indica em seu livro Épicos Brasileiros (1845) a probabilidade de que o náufrago Diogo Álvares Correia, o Caramuru, que naufragou no Brasil por volta de 1510, seria na verdade galego e cita fontes a respeito: *"...(o) capitão geral Diogo de Garcia... fez (n.a. um relatório) de sua segunda viagem ao Rio da Prata, desde sua saída da Corunha (n.a. reino da Galiza) em 15 de janeiro de 1526;*
e nele menciona como na primeira viagem que fizera 15 anos antes (ao Brasil) perdera uma caravela."[158] Durante algum tempo, os reis

espanhóis restringiam as partidas de navios para a América exclusivamente a partir de portos galegos: A Corunha, Pontevedra, Vigo e Baiona. Assim podiam controlar melhor o comércio e obviamente o pagamento de impostos. Continua Varnhagen na sequência de seu raciocínio: *"Ora, se ele (n.a. o capitão-geral Diogo de Garcia)nessa primeira viagem também partiu da Galiza, poderia a tal caravela sem dificuldade ter recebido a bordo Diogo Alvares (o Caramuru), que até hoje era tido como minhoto e natural de Vianna (n.a. do Castelo); não sabemos com que fundamento."* Não se sabe com que fundamento Diogo Álvares, o Caramuru, vem sendo considerado do Minho, de Viana do Castelo. Não há registros que fundamentem isso. Mas, continua Varnhagen, há registros de que ele talvez seja galego *"...mas até encontramos um documento em que vemos que ele (Diogo Alvares Correia) pelos primeiros colonos era tratado de galego...o documento, em que se dá a Diogo Álvares a alcunha de galego é uma carta do donatário Pero do Campo Tourinho, escrita ao rei D. João 3º em Porto Seguro aos 18 de julho de 1546, e existente em Lisboa no Arquivo da Torre do Tombo (Part. 1ª maç. 78, D. 45 do Corp. Cron.)."* A carta mencionada por Varnhagen diz: *"...e ora sou informado por um Diogo Alvares, o galego, língua, que lá era morador..."* . Língua neste caso tem o sentido de *intérprete*. Diogo Alvares Correia sabia se comunicar em português, provavelmente em galego e também no idioma indígena.

Porém, Varnhagen é cuidadoso em mencionar corretamente que os portugueses do Sul chamavam de galegos não só aos nativos da Galiza mas também aos portugueses do Norte – a região entre o Douro e o Minho. E não estavam errados, por que essa região, conforme vimos, foi durante 745 anos parte do reino da Galiza, até 1143. Do ano 406DC até 1143DC Portugal do Norte era a Galiza do Sul. É possível que Diogo Alvares Correia tenha nascido em Viana do Castelo no reino de Portugal e viajado ao reino da Galiza para embarcar rumo ao Brasil? Sim, é possível.
Mas, é mais viável que ele tendo nascido na Galiza já morasse lá, talvez em algum dos portos de onde partiram as naus do capitão-geral Diogo Garcia, uma das quais se perdeu por volta do ano 1510

nas costas da Bahia e nela estava Diogo Correia, o nosso Caramuru galego.

Originário da bonita cidade portuguesa de Caminha, que ainda conta com seu bairro medieval preservado hoje em dia e vale a pena ser visitada, Pero Vaz (1450-1500) veio descobrir o Brasil em abril de 1500 na frota de Pedro Álvares Cabral. Cabral nasceu em Portugal na cidade de Guimarães, que foi fundada no ano 868 pelo conde galego Vimaranes do Reino da Galiza. Pero Vaz de Caminha (Pero em galego, Pedro em português) escreveu ao rei de Portugal sobre os primeiros descobridores que pisaram em terras brasileiras e o que ele descreveu é interessantíssimo: *"Passou-se então para a outra banda do rio Diogo Dias, que fora almoxarife de Sacavém, o qual é homem gracioso e de prazer. E levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita. E meteu-se a dançar com eles, tomando-os pelas mãos; e eles folgavam e riam e andavam com ele muito bem ao som da gaita. Depois de dançarem fez ali muitas voltas ligeiras, andando no chão, e salto real, de que se eles espantavam e riam e folgavam muito."*[159] A primeira música europeia que os indígenas do Brasil ouviram foi uma gaita, provavelmente gaita de fole, tradicional da cultura galega e do norte de Portugal (condado Portucalense, anteriormente província do reino da Galiza).

A música pode ter sido uma alegre *muiñeira* (música dos moleiros e moleiras), tocada na gaite de fole. Ou pode ter sido uma vibrante *passacorredoiras*, música típica tocada pelos marinheiros galegos. O que se sabe, segundo informa Pero Vaz de Caminha, é que os índios brasileiros *"andavam com ele (o gaiteiro) muito bem"*, ou seja, dançavam animados ao som dessa música galega. Índios e portugueses dançando juntos em terras brasileiras ao som da gaita galega. Foi divertido. Portugal descobriu o Brasil? Sim, porque a frota era portuguesa. Mas, a Galiza cantou e dançou primeiro no solo brasileiro.

No Vocabulário da Língua Brasílica, publicado em 1621 por Leonardo do Vale e impresso em 1938 por Plinio Ayrosa do Departamento de Cultura do município de São Paulo, consta em sua página 247: gaita, *mibig,* gaiteiro: *mibigçara.* Seria gaita de bota? Ou de fole? Se for gaita de fole, é prova que a gaita galega era de uso razoavelmente frequente durante os primeiros séculos do Brasil colonial, a ponto de os índios lhe atribuírem um nome.

Em 1817, temos este relato do fazendeiro inglês sobre um jantar na casa do Capitão Anselmo, numa fazenda de algodão de Bom Jardim, Pernambuco: *"Três negros com gaitas de fole tentavam tocar uma música enquanto estávamos jantando..."*[160] A gaita de foles, embora de uso limitado, parecia integrada no folclore popular. No Rio de Janeiro, conforme podemos ver nessa gravura do artista francês Rugendas na página anterior, datada de 1830, aparentemente o músico marcado com o retângulo branco toca uma gaita de fole. Essa não tem o chamado *ronco*, que é o tubo comprido que emite o som grave. Temos duas explicações para isso: o *ronco* só foi adotado nas gaitas galegas e do Norte de Portugal a partir dos anos 1400. É possível que em certas regiões mais isoladas da Galiza ainda se usasse a gaita sem essa peça. Pode ter sido esse tipo antigo de gaita que foi levado ao Brasil colônia. Ou pode ser que Rugendas, francês, teria desenhado uma gaita de fole como as que existiam na França, no seu Limousin natal, as chamadas *chabrettes*, que antigamente não tinham o *ronco*. São chamadas *chabreta* em português.[161]

Apesar de sua presença durante 300 anos no Brasil, a gaita galega desapareceu do cenário musical brasileiro a partir dos anos 1800. Ou, quem sabe não desapareceu. Pesquisadores veem ecos da harmonia das gaitas galegas nas músicas de acordeão do Nordeste brasileiro. O acordeão, antes muito caro por que artesanal nos anos 1800 passou a ser industrializado e barateou seu preço. A gaita de fole não tinha como concorrer.

Epílogo

Tentamos dar ao leitor uma visão geral sobre a Galiza, os celtas galaicos e os galegos, passando por suas raízes comuns, cultura, música e outros pontos curiosos que relacionam a Galiza ao Brasil.

Mas o objetivo principal deste livro é mostrar ao leitor as possibilidades de etimologia celta para os sobrenomes galegos, portugueses e brasileiros, principalmente a partir do celta galaico que era falado na Galiza. Para os interessados, existem vários centros de pesquisa da cultura e idioma galego em universidades brasileiras, tais como a UFBA (Bahia), a UFPR (Paraná) e no Rio de Janeiro. O interesse pelas coisas e fatos da Galiza vem aumentando no Brasil, pois estivemos muito tempo sem reconhecer os méritos desse país e de sua cultura e idioma, que originaram o português que falamos hoje.

Nós não estivemos respeitando as contribuições culturais da Galiza. Tenho vários exemplos disso, mas um salta à vista quando se informa que as famosas Cantigas de Santa Maria, escritas pelo rei castelhano Afonso 6º o Sábio antes de 1284, o foram no idioma galego-português. Isso é uma fantasia, logo desfeita pela realidade da pesquisa acadêmica séria: *"até ao termo do século 14 é impossível separar linguisticamente a Galiza do Norte de Portugal até ao Douro."* [162] Portanto as Cantigas de Santa Maria não foram escritas em galego-português, por que o português não existia ainda. Foram escritas em galego. O idioma elegante falado na corte do rei castelhano Afonso 6º não era o galego-português, este não existia. Era o galego.
Durante os anos 1400 é que ocorreu a gênese do português, que aliás teve sua primeira gramática publicada em 1536 por Fernão de Oliveira, quando já várias décadas eram passadas da descoberta do Brasil.

A mais cômica atribuição que já vi a esse respeito, foi a descoberta do texto “português” mais antigo: a Carta de Fundação da Igreja de Lardosa, do ano 882DC. Essa notícia foi uma sensação em alguns jornais. Mas, quando esse documento foi escrito no ano 882, a igreja de Lardosa ficava em território que pertencia ao reino da Galiza até 1143. Esse documento “português” sequer em português está escrito, o texto está em latim, e não é de origem portuguesa nem foi escrito no reino de Portugal pois este se tornaria independente da Galiza 261 depois da fundação dessa igreja. Seu único vínculo com Portugal é que ele está arquivado na Torre do Tombo em Lisboa. É um documento do reino da Galiza escrito em latim.

Espero que o leitor tenha apreciado este livro e as informações que contém e caso queiram entrar em contato para sugestões, correções e melhorias, basta seguir o link na página onde está informado o Copyright.

Notes

[←1]
Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.

[←2]
Do protocelta tarankyo, que significa pino de metal – cf. Etymological Dictionary of Proto-Celtic, p.371, por Ranko Matasovic, Leiden, 2009.

[←3]
The Discovery of Middle Earth: Mapping the Lost World of the Celts, p.27, por Graham Robb, W.W. Norton & Company, Londres, 2013.

[←4]
Frier, "Demography", 812, table 5, 814, table 6

[←5]
As Tribos Calaicas, p.56, por Higino Martins Esteves.

[←6]
Harmonizing Filial and Parental Rights in Names: Progress, Pitfalls, and Constitutional Problems, p. 227, por Cynthia Blevins Doll, Howard Law Journal. 35. Howard University School of Law. p. 227, 1992.

[←7]
Etymologycal Dictionary of Proto-celtic, por Ranko Matasovic, Editora Brill, Leiden 2009

[←8]
Frier, "Demography", 812, table 5, 814, table 6

[←9]
Derivational Morphology, New Perspectives on the Italo-Celtic Hypothesis, p. 11, tese de Tim De Goede, Universidade de Leiden, 2014.

[←10]
Conforme inscrições celtiberas de Botorrita, século 1AC, Zaragoza. Vide **CONTREBIA**.

[←11]
Language and History in the Early Germanic World, p.132-133, por D. H. Green, Cambridge University Press, 1988.

[←12]
Etymological Dictionary of Proto-celtic, p.28, por Ranko Matasovic, Editora Brill, Leiden, 2009.

[←13]
A Bibliography of English Etymology, p.915, por Anatoly Libermann e outros, University of Minnesota, 2010.

[←14]
Protoceltic English Word List, Universidade de Gales.

[←15]
As Tribos Calaicas, proto-história da Galiza à luz dos dados linguísticos, de Higino Martins Esteves

[←16]
Genesis, 28:18-20.

[←17]
Etymological Dictionary of Proto-Celtic, p. 32, by Ranko Matasovic, Editora Brill, Leiden, 2009.

[←18]
As Tribos Calaicas, proto-história da Galiza à luz dos dados linguísticos, de Higino Martins Esteves. O Protoceltic English Word List, Universidade de Gales informa sentido bem diferente para as raízes ande e rati. Nem os próprios filólogos se entendem.

[←19]

Etymological Dictionary of Proto-Celtic, p. 58, by Ranko Matasovic, Editora Brill, Leiden, 2009.

[←20]
Hrafn (norueguês antigo), ravnur (Faroês), raban (sueco antigo), hrabo (alemão medieval) – Fonte: Etymological dictionnary of Proto-Germanic, p.240, por Guus Kroonen, Brill, Leiden, 2013.

[←21]
An Etymological Lexicon of Proto-Celtic, p.205, por Matasovic.

[←22]
No irlandês moderno: fuil (sangue) + each: fuilteach (sanguinário); acaoin (choro), acaointeach (doloroso), vemos claramente a adição da ligação *t*.

[←23]
A toponímia celta de Galicia, p. 33, por Fernando Cabeza Quiles, Editora Toxosoutos, Noia, 2014.

[←24]
Etymological Dictionary of Proto-Celtic, p.63, por Ranko Matasovic, Editora Brill, Leiden, 2009.

[←25]
idem.

[←26]
Alcohol and its Role in the Evolution of Human Society, p. 444-445, por Ian S Hornsey, Royal Societe of Chemistry Publishing, 2012.

[←27]
As Tribos Calaicas, p.176, por Higino Martins Esteves.

[←28]
Protoceltic English Word List, Universidade de Gales.

[←29]
Etymological Dictionary of Proto-Celtic, p.78, por Ranko Matasovic, Editora Brill, Leiden, 2009 e An etymological lexicon of Proto-Celtic, p.249, por Ranko Matasovic.

[←30]
Identidad céltica de Galicia, p.53, por Monica O'Reilly Vasquez, Dublin City University, Irlanda.

[←31]
As Tribos Calaicas, proto-história da Galiza à luz dos dados linguísticos, de Higino Martins Esteves.

[←32]
Inscrição em galo-latim, na cidade de Saint-Lizier, França. Fonte: CIL – Corpus Inscriptionum Latinarum da Academia de Ciências Humanas de Berlim-Brandenburg.

[←33]
As Tribos Calaicas, opus cit.

[←34]
Etymological Dictionary of Proto-Celtic, p.185, por Ranko Matasovic, Editora Brill, Leiden, 2009.

[←35]
A toponimia celta de Galicia, p. 209, por Fernando Cabeza Quiles, Editora Toxosouto, Noia, 2014.

[←36]
As Tribos Calaicas, proto-história da Galiza à luz dos dados linguísticos, de Higino Martins Esteves.

[←37]
Mitologia y Mitos de la Hispania pre-romana, vol. 2, p.125-126 e 139, por José Carlos Bermejo Barrera, Edições Akal, 1986.

[←38]
Etymological Dictionary of Protoceltic, p.190, por Ranko Matasovic, 2009, Leiden.

[←39]
Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Porto: Porto Editora, 2003-2017

[←40]
As tribos Calaicas, p.43, por Higino Martins Esteves.

[←41]
An Etymological Lexicon of Proto-Celtic, p.115, por Ranko Matasovic.

[←42]
Etymological Dictionary of Protoceltic, p.31, por Ranko Matasovic, 2009, Leiden.

[←43]
The Reflexes of the Proto-Indo-European Laryngeals in Celtic, p.163, por Nicholas Zair, Editora Brill, Leiden, 2012.

[←44]
Etymological Dictionary of Proto-Celtic, p.77, por Ranko Matasovic, Editora Brill, Leiden, 2009.

[←45]
Segura, 1985: p. 127

[←46]
Coromines & Pascual, 1980: p. 137

[←47]
Estudo etimológico, diacrónico e diatópico do topónimo Cunha (e variantes), por Paulo Malvar, 2007.

[←48]
On application of Glottochronology for Celtic Languages, por Petra Novotná e Václav Blazek, 2006.

[←49]

Expertos confirman « sin duda alguna », que Collón era gallego, no jornal ABC Galicia, em http://www.abc.es/local-galicia/20141028/abci-expertos-galleguidad-colon-201410281107.html

[←50]
Testamento do rei Ordonho 2º , 8 de agosto de 921 (DCO p. 90, a. 921, c. XII).

[←51]
Antiguidades da Lusitânea, p. 161, por André de Resende, Universidade de Coimbra, 2019, citando

[←52]
Etymological Dictionary of Proto-Celtic, p.107, por Ranko Matasovic, Editora Brill, Leiden, 2009.

[←53]
An Introduction to the Celtic Languages, p.36, por Paul Russel, Routledge, London, 2013.

[←54]
Protoceltic English Word List, Universidade de Gales

[←55]
Varela Sieiro, Xaime (2003). Léxico cotián na Alta Idade Media de Galicia : o enxoval. A Coruña: Do Castro. pp. 293–294.

[←56]
O sobrenome Aça é popular na Turquia (2.815), não sei sua etimologia no idioma turco mas presumo, talvez erroneamente, que todos os Aça portugueses são nativos desse país.

[←57]
O nome dessa cidade é derivado do rio Fuente de Lara que cruza a cidade de Lara de los Infantes. Lara é o nome de uma náiade (divindade) romana das águas e que acreditavam que era mulher de grande beleza.

[←58]

Nobiliario, armas y triunfos de Galicia, p.326, pelo frei Felipe de la Gandara, Madrid, 1677.

[←59]

Também em Sobre el Topónimo Contrebia Levcade, p. 31-32, por Carlos Jordán Cólera, Editorial Universidad de Sevilla, 2017.

[←60]

Brasil Batismos, 1688-1935, Genealogical Society of Utah, Salt Lake City, microfilme 1.251.953.

[←61]

Também chamado de rio Forxá.

[←62]

Dewos em gaulês antigo, palavra encontrada no manuscrito do século 5DC, Vita Symphoriani Agustonidensis (Vida de São Simforiano de Autun). Simforiano era filho de um senador romano. Cristão, foi morto por que se recusou a adorar a deidade romana Cibele. Sua mãe o apoiava. Pouco antes da execução que seria fora da cidade de Autun, gritou do alto da muralha da cidade: *nate, nate Synforiane, mentobeto to diwo* significando *filho Simforiano! Pense no teu Deus!*"

[←63]

As Tribos Calaicas, proto-história da Galiza à luz dos dados linguísticos, p. 80, por Higino Martins Esteves.

[←64]

A Latin Dictionary, por Charlton T. Lewis e Charles Short, Oxford, Clarendon Press, 1879.

[←65]

Los galicismos en el español de los siglos XVI y XVII, Volume 1
por Elena Varela Merino, Madrid, 2009

[←66]

Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, p.224, por Antenor Nascentes, 1955.

[←67]

Idem.

[←68]
Dicionário da Real Academia Galega.

[←69]
Foclóir Gaeilge-Béarla, Ó Dónaill, 1977, Dicionário Gaélico Inglês.

[←70]
Toponímia major: etimologia i semàntica, por Joan Carles Membrado Tena, Universitat de València, em La Universitat de València i els seus entorns comarcals, p.84, publicado em 2016.

[←71]
Sobre el apellido vasco Garcia, por Xabier Kintana, 19.03.2014. Atenção: o filólogo Jose Maria Jimeno Jurío que teria descoberto essa conexão entre o sobrenome Garcia e a suposta palavra basca antiga *gartzia* (jovem), faleceu sem comunicar em qual documento medieval baseou suas conclusões. Deste modo, a proposta de Jimeno Jurío é oral e não atestada, e portando considero com validade discutível. Correspondência que recebi da Real Academia del País Basco em 27.05.2019.

[←72]
Lucas, Tumbo/10, data 17.08.883, página 74-56 em La documentación del Tumbo A de la catedral de Santiago de ompostela, por Manuel Lucas Álvares, Ediciós do Castro, Seminário de Estudos Galegos, 1998..

[←73]
As Tribos Calaicas, proto-história da Galiza, p.34, por Higino Martins Esteves.

[←74]
A Dictionary of English Surnames, p.1378, por Reaney, Percy Hilde; Wilson, Richard Middlewood, Editora Routledge, Londres, 2006.

[←75]
Electronic dictionnary of Irish Language, Cambridge University.

[←76]

A toponimia celta de Galizia, p.60, por Fernando Cabeza Quiles, Editora Toxosoutos, Noia, 2014.

[←77]
Epígrafe de Ardon, (Arjona, Jaén na Espanha),

[←78]
Etymologic Dictionary of Proto-Celtic, p.237, por Ranko Matasovic, Brill, Leiden, 2009.

[←79]
O galego-português medieval: sua especificidade no contexto dos romances peninsulares e futura diferenciação do galego e do português, por Clarinda de Azevedo Maia, em Actas do Congresso Internacional sobre o Português (Universidade de Lisboa, 1994).

[←80]
O Archeologo Português, volume 11, p. 101 , MAEP, Lisboa, 1906.

[←81]
Estudio Toponímico de Cedeira, p.525, por José Álvaro Porto da Pena, em Thesaurus, tomo 40, número 3, Centro Virtual Cervantes, 1985.

[←82]
Laboreiro, Leboreiro e Liboreiro: Tres nomes diferentes e un só significado, por César Varela Garcia, em http://www.terraetempo.gal/artigo.php?artigo=4514&seccion=13

[←83]
Etymological Dictionary of Proto-Celtic, p.231, por Ranko Matasovic, Editora Brill, Leiden, 2009.

[←84]
Etymologic Dictionary of Proto-Celtic, p.442, por Ranko Matasovic, Brill, Leiden, 2009.

[←85]
Etymological Dictionary of Proto-Celtic, p.252, por Ranko Matasovic, Editora Brill, Leiden, 2009.

[←86]
A Latin Dictionary, por Charlton T. Lewis e Charles Short.

[←87]
Protoceltic English Word List, Universidade de Gales.

[←88]
Celtiberia, Apellido Menéndez, em http://www.celtiberia.net/es/conocimientos/?idp=10529

[←89]
Protoceltic English Word List, Universidade de Gales.

[←90]
Protoceltic English Word List, Universidade de Gales.

[←91]
Joaquín Pascual Barea, resenha sobre o Breve Diccionario de Topónimos Españoles, de Nieto Ballester.

[←92]
Fonte: história do município de Montornès del Vallès, publicada por sua prefeitura.

[←93]
Strabon Geografika, livro 3, capítulo 3, parágrafo 1, Loeb Classical Library, 8 volumes, tradução inglesa por H. L. Jones: Harvard University Press, 1917 - 1932.

[←94]
Etymological Dictionary of Proto-Celtic, por Ranko Matasovic, Brill, Leiden, 2009.

[←95]
Etymological Dictionary of Proto-Celtic, por Ranko Matasovic, Brill, Leiden, 2009.

[←96]
Proto-Celtic English wordlist, University of Wales.

[←97]

Indo-European and the Indo-Europeans: A Reconstruction and Historical Analysis of a Proto-language and Proto-culture, p. 575-576, por Thomas V. Gamkrelidze, Vjaceslav V. Ivanov, Editora Mouton de Gruyter, Berlin 1995.

[←98]

Etymological Dictionary of Proto-Celtic, p.185, por Ranko Matasovic, Editora Brill, Leiden, 2009.

[←99]

A Toponímia celta de Galicia, p.64, por Fernando Cabeza Quiles, Editora Toxosoutos, Noia, Galiza, 2014.

[←100]

Diplomática Española desde el período Astur (718-910), por Antonio C. Floriano Cumbraño, Oviedo, 1949-1951.

[←101]

A toponímia celta de Galicia, p. 416, por Fernando Cabeza Quiles, Editora Toxosoutos, Noia, Galiza, 2014.

[←102]

Alfonso VI: Imperator totius orbis Hispanie, p.40, nota de rodapé, por Fernando Suárez Bilbao et al., Comitê de Catedráticos da Real Academia de História, Madrid, 2019.

[←103]

Idem.

[←104]

Obrigado a Aleksej Hvalj, de São Petersburgo, Rússia, pela troca de ideias etimológicas a respeito dos sobrenomes deste verbete.

[←105]

As tribos Calaicas, proto-história da Galiza, p.159, por Higino Martins Esteves.

[←106]

As tribos Calaicas, proto-história da Galiza, p.159, por Higino Martins Esteves.

[←107]

Tentativa Etymologico-Toponymica ou Investigação da Etymologia ou proveniência dos Nomes das nossas Povoações, p. 251, por Pedro Augusto. Ferreira, Abade de Miragaya, Tipografia Mendonça, Porto, 1915. O autor se engana dizendo que reboeira ou reboleira é castanheira. O sobrenome Rebueira do qual existem registros no Brasil tem essa etimologia.

[←108]

As Tribos Calaicas, proto-história da Galiza à luz dos dados linguísticos, p.45, por Higino Martins Esteves. Outros autores informam que *salā* tem raiz em *sal*. Mas o sal era raríssimo ou mesmo desconhecido em temos antigos.

[←109]

As Tribos Galaicas, proto-história da Galiza, p.81-82, por Higino Martins Esteves.

[←110]

Etymological Dictionary of Proto-Celtic, p.329, por Ranko Matasovic, Editora Brill, Leiden, 2009.

[←111]

Identidad céltica de Galicia. Toponimia comparada del gaélico-irlandés y el gallego, p. 54, por Monica O'Reilly Vasquez, Dublin City University.

[←112]

Etymological Dictionary of Proto-Celtic, p.329, por Ranko Matasovic, Editora Brill, Leiden, 2009.

[←113]

Etymological Dictionary of Proto-Celtic, p.72, por Ranko Matasovic, Editora Brill, Leiden, 2009.

[←114]

Butim significa despojos de guerra, *botim* é uma bota de cano curto.

[←115]

As Tribos Galaicas, proto-historia da Galiza, por Higino Martins Esteves.

[←116]
A toponimia celta de Galicia, p.60, por Fernando Cabeza Quiles, Editoa Toxosoutos, Noia, 2014.

[←117]
The History of Dorchester, p.65, por James Savage, Dorchester, 1839.

[←118]
As Tribos Calaicas, proto-história da Galiza à luz dos dados linguísticos, p. 32, por Higino Martins Esteves.

[←119]
As Tribos Calaicas, proto-história da Galiza à luz dos dados linguísticos, p.432, nota 65, por Higino Martins Esteves.

[←120]
Asturnatura, em https://www.asturnatura.com/especie/isatis-tinctoria.html

[←121]
Flora Española, vol. 5, p.280, por José Quer y Martinez, Editor Joaquín Ibarra, Madrid, 1784.

[←122]
The History of Woad and the Medieval Woad Vat, p.11-12, por John Edmonds, 2006.

[←123]
O nome dessa planta é mencionado em fontes romanas como glastum, do protocelta glasto, que significa verde, azul. Etymological Dictionary of Proto-celtic, p.160, by Ranko Matasovic, Editora Brill, Leiden, 2009.

[←124]
Trata-se de uma planta invasora e que libera substâncias químicas que matam as plantas à sua volta. Não há provas de que os celtas usavam essa planta para pintar seus corpos e fazer tatuagens. A planta é adstringente e sua cor não fica na pele, conforme testes e não deve ser usada para isso. Ler http://www.dunsgathan.net/essays/woad.htm

[←125]
As Tribos Calaicas, proto-história da Galiza à luz dos dados linguísticos, p.432, nota 65, por Higino Martins Esteves.

[←126]
Genealogy.com em http://www.genealogy.com/forum/surnames/topics/tovar/32/

[←127]
In Voce Gallica, in Wanana sculun Frankon, por Peter Alexander Kerkhof, professor associado da Universidade de Leiden, especialista em apofonia de idiomas Proto-Indoeuropeus e cultura da Idade Média.

[←128]
The History of Dorchester, p.65, por James Savage, Dorchester, 1839.

[←129]
Proto-Celtic English Wordlist, Universidade do País de Gales, 2002.

[←130]
Diacronia e sincronia do sufixo -aço: Desenvolvimento dos valores Semânticos e Frequência de Uso, por Alice Pereira Santos, Universidade de São Paulo, 2010.

[←131]
Our Italian Surnames, p.33, por Joseph Guerin Fucilla, Genealogical Publishing Co., 1949.

[←132]
Etymological Dictionary of Proto-Celtic, p.370, por Ranko Matasovic, Editora Brill, Leiden, 2009.

[←133]
Dittionario o vero Tesoro della lingua volgar latina, p. 1119, por monsenhor Pietro Galefini, protonotário apostólico, Turim, 1584.

[←134]
Etymological Dictionary of Proto-Celtic, p.127, por Ranko Matasovic, Editora Brill, Leiden, 2009.

[←135]
Etymological Lexicon of Protoceltic, p.272-273, por Ranko Matasovic.

[←136]
Alfonso IX, Madrid, por Julio González, Instituto Jerónimo Zurita; Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1944, 2 vols. [Vol. 2 (Colección documental)]

[←137]
Etymological Dictionary of Proto-Celtic, por Ranko Matasovic, Editora Brill, Leiden, 2009.

[←138]
Uma evolução que pode explicar alguma toponímia é a palavra do germânico antigo (OHG). *Kasi-luppa* (*kasi+lubja*) que significa *coalho de queijo*. A maioria dos queijos é talhada usando o coalho de leite, mas alguns deles, como o delicioso queijo da Serra da Estrela (Portugal) são coalhados com uma erva: a flor do cardo.

[←139]
Toponymes en -az et -oz : une caractéristique du centre et de l'est du francoprovençal, por J.B. Martin, Grenoble, 1990.

[←140]
Segundo a nomenclatura de regiões portuguesas de 1936.

[←141]
Alguns pesquisadores dizem que os gregos chamavam de *kallaikói* a essa tribo celta que habitava esse porto e na região próxima. Após consulta a especialistas do idioma grego, nenhum me soube dizer o que significa a palavra *kallaikói*. Portanto, essa palavra *kallaikói* aparentemente nunca existiu no grego antigo.

[←142]
Sílio Itálico, Púnica III.344-7).

[←143]
Verbo dunhas estatuas de guerreiros galaicos de granito com saios decorados, por André Pena Graña, arqueólogo do Concelho de Narón, Galiza.

[←144]

La Gaita y la cornamusa en Galicia y Francia, por María del Carmen Novoa, Universidade Complutense de Madrid, Ediciones do Castro, 1980.

[←145]

As Tribos Calaicas, proto-história da Galiza à luz dos dados linguísticos, por Higino Martins Esteves.

[←146]

Genetic variation in the Sorbs of eastern Germany in the context of broader European genetic diversity, by Krishna R Veeramah, Anke Tönjes, Peter Kovacs, Arnd Gross, Daniel Wegmann, Patrick Geary, Daniela Gasperikova, Iwar Klimes, Markus Scholz, John Novembre and Michael Stumvoll, European Journal of Human Genetics, 11th May 2011.

[←147]

Herr Angermann wohnt am Anger, by University of Leipzig professor Jürgen Udolph, article published at the Allgemeine Frankfurt Feuilleton, 10 November 2005.

[←148]

Frier, "Demography", 812, table 5, 814, table 6

[←149]

The History of Dorchester, p.65, por James Savage, Dorchester, 1839.

[←150]

O libro ancestral dos Araúxo, por J. Sobota, 2018.

[←151]

Etymological Dictionary of Proto-Celtic, p.107, por Ranko Matasovic, Editora Brill, Leiden, 2009.

[←152]

Cristãos arabizados.

[←153]

The Second Crusade, Scope and Consequences, p.86, por Jonathan Phillips e Martin Hoch, Manchester University Press, 2001.

[←154]

Mattoso, 1982, p.181-227, citado em The Participation of the Nobility in the Reconquest and in the Military Orders, p.4-5, por José Augusto de Sotto Mayor Pizarro, e-JPH, Vol.4, número 1, 2006.

[←155]

The Participation of the Nobility in the Reconquest and in the Military Orders, p.4-5, por José Augusto de Sotto Mayor Pizarro, e-JPH, Vol.4, número 1, 2006.

[←156]

A Conquista de Faro, por Henrique David e Jose Augusto de Sotto Mayor Pizarro.

[←157]

Dicionário de Luis de Camões, por Vítor Aguiar e Silva, Editora Caminho, 2011.

[←158]

Épícos Brasileiros, p.420-421, por Francisco Adolfo de Varnhagen, 1845.

[←159]

Carta de Pero Vaz de Caminha, 1500.

[←160]

Travels in Brazil, p.202-203, por Henry Koster, Editora Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, Londres, 1816.

[←161]

Instrumentos Musicais Populares Galegos, Universidade Popular do Concello de Vigo,

[←162]

O galego-português medieval: sua especificidade no contexto dos romances peninsulares e futura diferenciação do galego e do português, por Clarinda de Azevedo Maia, em Actas do Congresso Internacional sobre o Português (Universidade de Lisboa, 1994).

Índice de Sobrenomes

Aça
Acuna
Acuña
Acunha
Aganzo
Agron
Agrona
Agrunha
Aira
Airale
Airas
Airasca
Aires
Alarcao
Alarcão
Alarco
Alarcon
Alcantar
Alcântara
Alcobre
Alcolumbre
Alencar
Almorin
Amaral
Amarando
Amaranta

Amarante
Amarantes
Amaranti
Amaranto
Amaro
Amaro
Ambrocio
Ambros
Ambrosi
Ambrosio
Ambrosio
Ambrosio
Ambrósio
Amenedo
Amorim
Amorin
Andrada
Andradas
Andrade
Andrades
Andraide
Andreade
Anta
Anta
Anta
Antas
Anto
Aranda

Arandes
Arandia
Arant
Arante
Arante
Arantes
Arantón
Araujo
Araújo
Araújo
Araus
Araúxo
Arauz
Arauzo
Argando
Argandoa
Argandoa
Argandon
Argandona
Argandonha
Argentan
Argentano
Argenton
Argenton
Ayra
Ayres
Aza
Barro

Barros
Barroso
Barrozo
Basta
Bastelli
Basti
Bastida
Bastide
Basto
Bastos
Beco
Beconha
beira
Beiras
Beldrame
Beldrane
Beldron
Beltrame
Beltrame
Beltran
Beltrão
Beltrão
Beque
Bequet
Berna
Berna
Bernal
Bernales

Berne
Berne
Bernedo
Berno
Bertram
Bertrand
Bicco
Bico
Bico
Bolo
Bolo
Borba
Borba
Borba
Borba
Borbo
Borboa
Borbolla
Borbon
Borbone
Borbones
Borboni
Bourbon
Boveda
Bóveda
Bóveda
Bovedo
Braca

Bracca
Braga
Bragada
Bragadin
Bragado
Braganca
Bragança
Bragança
Braganse
Braganza
Bran
Brandão
Brandão
Brando
Brando
Brandon
Brandone
Brandoni
Bras
bras
Brás
Braz
Bráz
Breguens
Brianes
Brianese
Briao
Brião

Briones
Brioni
Brionis
Brita
Brites
Brito
Brito
Britos
Britta
Brittes
Britto
Bustamante
Caabeiro
Caaveiro
Caaveiro
Caaveiro
Caaveiro
Cabana
Cabanas
Cabane
Cabaneiro
Cabaneiro
Cabanela
Cabanelas
Cabanero
Cabanes
Cabano
Cabeiras

Cabeiro
Caicedo
Calahorra
Calaveiras
Calaveiro
Calicedo
Camarga
Camargan
Camargo
Camargos
Camba
Cambado
Cambados
Cambeiro
Cambo
Cambo
Cambon
Camboni
Cambra
Cambraia
Cambraia
Cambray
Cambraye
Cambre
Cambrea
Cambres
Cambresy
Cambron

Cambronne
Caminha
Caminhas
Camoes
Camões
Camões
Camões
Camões
Camon
Camón
Camones
Camones
Camóns
Canda
Candedo
Candido
Cândido
Cando
Cantar
Cantara
Cântara
Cantareira
Cantareiro
Cantarero
Cantaria
Capanna
Capanni
Capannolo

Carasco
Carcedo
Carcia
Carcia
Carmo
Carmoega
Carmona
Carmones
Carmuega
Caron
Carpentier
Carpentieri
Carpinteira
Carpinteiro
Carpinteiro
Carpintero
Carquiet
Carra
Carracedo
Carracedo
Carral
Carras
Carrascal
Carrasco
Carrasco
Carrasco
Carrasco
Carrascosa

Carrascoso
Carrascoza
Carrasqueira
Carrasquel
Carrio
Carrion
Carrione
Carro
Carro
Carroceda
Carron
Carrone
Carroni
Carvalhaes
Carvalhais
carvalhais
Carvalhal
Carvalheira
Carvalheiro
Carvalhido
Carvalhinho
Carvalho
Carvalho
Carvalinho
Carvalini
Carvalio
Carvalo
Carvedi

Carvedo
Carvedon
Cauño
Cauño
Cavedo
Caveira
Caveiro
Cavero
Cavido
Ceabra
Cedeira
Cerdeira
Cerdeiras
Cerdeiro
Cerdido
Cerdido
Cervante
Cervantes
Charinho
Charino
Cilobre
Ciobre
Cobo
Cobos
Coibra
Coimbra
Coimbra
Coimbra

Coín
Coinbra
Coinha
Coira
Coira
Coiro
Colin
Colin
Colino
Colom
Colombi
Colombini
Colombo
Colombo
Colon
Colonbo
Columba
Columbán
Cordido
Cordo
Cordoba
Cordoba
Córdoba
Cordova
Córdova
Cornado
Cornado
Cornedo

Cornide
Cornidez
Corral
Correa
Correa
Correia
Corria
Corrias
Corveda
Coulomb
Coulon
Coulon
Coura
Cru
Cruela
Cruella
Cruellas
Cruelles
Cruells
Cruu
Cubia
Cuiña
Cunha
Cunha
Cunharro
Currais
Curral
Currao

Curro
Curros
Danta
Danta
Dantas
Dantes
Dea
Dea
Deo
Deo
Deva
Dorna
Dornela
Dornelas
Dorneles
Dornelle
Dornelles
Eça
Escadeva
Escádeva
Escodevo
Evora
Évora
Évora
Fraga
Fraga
Fragosa
Fragoso

Fragozo
Fragueiro
Gabeira
Gabeira
Gabeiras
Gabeiras
Gamboa
Gamboa
Ganboa
Gandara
Gândara
Gândara
Gândara
Gandaras
Gandra
Garcia
García
Garredo
Garrido
Garrio
Garro
Garro
Gontijo
Gontiz
Gordedo
Gordido
Gordo
Gordo

Gordo
Gordo
Gordones
Gourdon
Grugni
Gruna
Grunho
Gruniaux
Guadiana
Guadiana
Holguín
Home
Homem
Homem
Huelga
Isorna
Isorni
Labareda
Labaredas
Lancara
Landa
Landeira
Landeira
Landeiro
Landera
Landero
Landi
Lara

Laras
Larra
Larre
Leboran
Leborans
Leborão
Leboreiro
Lebran
Lebrao
Lebrão
Lede
Ledesma
Ledezma
Lema
Lemos
Lemus
Lesma
Lesmes
Lete
Lias
Liboredo
Liboreiro
Liboreiro
Lima
Lima
Limas
Limia
Lira

Lires
Liro
Liron
Loureda
Louredo
Loures
Lourido
Louro
Louro
Lubian
Lubián
Lubre
Luco
Lugo
Machado
Magan
Magan
Magan
Marante
Marantes
Mata
Matas
Matos
Matoso
Matta
Matto
Mattos
Mattoso

Mello
Melo
Mena
Mendes
Mendo
Menendes
Menna
Mero
Mira
Miragaia
Miragaia
Miragaya
Miranda
Miras
Miraz
Monio
Moniz
Montoiro
Montoro
Morim
Morin
Moron
Moronho
Moronho
Moronho
Morono
Moroño
Morro

Morron
Morronho
Morronho
Munhoz
Munhoz
Munio
Munioz
Muniz
Muniz
Muniz
Nant
Nante
Nantel
Nantel
Nantes
Nanton
Navea
Návia
Návia
Nébias
Neiva
Neiva
Nemo
Nobrega
Nóbrega
Nobriga
Ochoa
Olga

Olgini
Olguín
Ordo
Ordoñez
Ordonhes
Ordonhez
Ordonho
Ordonio
Ordono
Ordoño
Paes
Pais
Pizarro
Portugal
Qantar
Qantara
Queiro
Queiroga
Queiros
Queiroz
Queiroz
Quevedo
Quilobran
Quiroga
Quiroga
Quiros
Reboeiras
Reboiras

Reboiro
Reboreda
Reboredo
Rebouças
Sa
Sá
Sá
Saa
Saa
Sáa
Saldaña
Saldanha
Salgueiro
Salgueiros
Salgueirosa
Salguero
Seabra
Seabra
Segueda
Seguedo
Seguet
Segueto
Seguette
Seguetti
Selga
Selvano
Selvas

Sena
Sena
Senande
Senandes
Senna
Siabra
Silobre
Silva
Silva
Silvano
Silvano
Silvas
Soto
Soutelo
Souto
Tabares
Tabeira
Taboada
Taboada
Taboas
Tabora
Taborada
Taborda
Taborda
Tamara
Tamara
Tamara
Tamaredo

Tambra
Tamega
Tamissa
Tavares
Tavares
Tavares
Tavares
Taveira
Taveira
Tavera
Tavira
Tavoada
Tavoada
Tavoada
Tobar
Tobar
Tobares
Tovar
Tovar
Tovares
Traba
Trabanca
Trabanco
Trabazos
Trasancos
Traseira
Trashorras
Trava

Travassos
Uchoa
Ulha
Ulho
Ulhoa
Ulla
Ullo
Ulloa
Vargas
Veriato
Verne
Vian
Viana
Vianna
Vilalobo
Vilalobos
Villadonga
Villadoniga
Villalobo
Villalobos
Villalobos
Viriat
Viriato
Viriato
Volo

ORKO
ní chríochnaíonn an saol